



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

**VÍVIAN MARIA BEZERRA CORDEIRO**

**LENTE SOCIOLÓGICAS: A EXPERIÊNCIA FOTOGRÁFICA COMO RECURSO  
DIDÁTICO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO**

**CAMPINA GRANDE**

**2024**

**VÍVIAN MARIA BEZERRA CORDEIRO**

**LENTE SÓCÍOLÓGICAS: A EXPERIÊNCIA FOTOGRÁFICA COMO RECURSO  
DIDÁTICO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título do título de Licenciada em Sociologia.

Área de concentração: Ensino de Sociologia

**Orientadora:** Prof. A Dra. Jussara Natália Moreira Bélens de Melo

**CAMPINA GRANDE**

**2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C794I Cordeiro, Vivian Maria Bezerra.  
Lentes sociológicas [manuscrito] : a experiência fotográfica como recurso didático no ensino de sociologia no ensino médio / Vivian Maria Bezerra Cordeiro. - 2024.  
102 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Jussara Natalia Moreira Belens de Melo, Departamento de Ciências Sociais - CEDUC".

1. Ensino de sociologia. 2. Fotografia. 3. Juventudes. 4. Educação utilitarista. I. Título

21. ed. CDD 306.43

VÍVIAN MARIA BEZERRA CORDEIRO

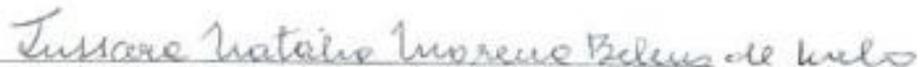
LENTEs SOCIOLÓGICAS: A EXPERIÊNCIA FOTOGRÁFICA COMO RECURSO  
DIDÁTICO NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

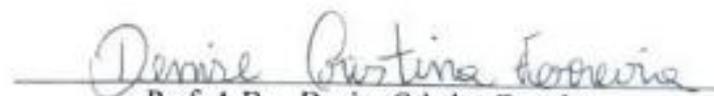
Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao  
Departamento de Ciências Sociais da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciada em Sociologia.

Área de concentração: Ensino de Sociologia

Aprovada em: 28/03/2024.

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. A Dra. Jussara Natália Moreira Belens de Melo  
Universidade Estadual da Paraíba (Orientadora)

  
Prof. A Dra. Denise Cristina Ferreira  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. A Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo  
Universidade Federal da Paraíba (UFPG)

À Santíssima Trindade, à minha família, e a todas as formas de arte que em minha jornada são uma ponte entre saber e sentir. Dedico.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, cuja presença iluminou cada passo desta jornada e guiou meus pensamentos e ações com a luz da fé. Com sua bênção constante nos caminhos diários entre Soledade e Campina Grande me deu segurança. À Nossa Senhora, que com sua luz e proteção, acalmou meu coração nas horas de incerteza e fortaleceu meu espírito para seguir em frente.

À minha família. Aos meus pais, Vanda e Bosco, exemplos de dedicação e coragem, que sob sol e chuva enfrentaram a vida vendendo espetinhos para nos dar sustento. Cada sacrifício e cada sorriso nas dificuldades ecoam em mim como inspiração eterna. Aos meus irmãos, Lilian, por ser uma irmã amiga e sempre me incentivar, e Wando, o mestre cujo humor reflete o meu. Ao meu sobrinho Liian, por ser um raio de luz e alegria em nossa família.

Aos amigos de vida e de ônibus, companheiros das conversas animadas e das reflexões profundas. Suellen e Micaelle, as melhores amigas que alguém pode ter, sem vocês, eu teria me perdido em meio às tempestades. Aos amigos de curso, cuja partilha de conhecimento e apoio tornaram o caminho acadêmico mais rico. Em especial, ao grupo que esteve comigo em cada desafio: Ana, Mirele e Michael. Vocês foram a força que me manteve em pé a cada componente, a cada projeto.

Aos estudantes, que com suas histórias e olhares únicos, deram vida e sentido a este trabalho. Vocês mostraram que a Sociologia não é apenas um estudo acadêmico, mas uma ponte para entender o mundo de forma crítica e transformadora, fazendo o ordinário virar extraordinário e revelando a força da juventude em busca de voz, mudança e expressão. Aos professores que, com suas aulas, inspiraram o pensamento crítico e plantaram sementes de curiosidade. Em destaque para minha jornada: Eduardo Jorge (*in memoriam*), Nerize Laurentino, Maria Jackeline, Waltimar Lula, Iolanda Barbosa, Thiago Nunes, seus ensinamentos foram faróis na minha trajetória. E duplamente à professora Jussara Bérens, por ser mais que uma orientadora, mas uma mentora na extensão e neste trabalho, cuja paixão pela educação foi contagiante. À professora Thamara, cujo apoio foi fundamental para esta pesquisa. A Flaviano que sempre aguentou minhas visitas na coordenação com aperreios e dúvidas. À Universidade Estadual da Paraíba, espaço onde aprendi que a educação vai além das paredes de uma sala de aula; é um encontro de almas, ideias e visões de mundo.

Por fim, a todos que contribuíram com palavras, confiança, gestos e presença, meu mais sincero e profundo agradecimento. Vocês são parte desta história que é feita de arte, fé e um desejo incessante de transformação.

## RESUMO

O presente estudo busca preencher a falta na literatura sobre o uso de práticas artísticas, como a fotografia, no ensino de Sociologia na educação básica em escolas públicas integrais e técnicas da Paraíba. Desse modo, investiga os sentidos e significados atribuídos pelos estudantes da educação básica ao uso da fotografia na construção de uma “imaginação sociológica”, compreendendo a sociedade de uma maneira crítica e visual. Utilizou-se uma abordagem qualitativa por meio de rodas de conversa e grupos focais com os estudantes, além de entrevistas com agentes escolares, como a professora de sociologia e o coordenador pedagógico da ECIT Severino Cabral. Os resultados mostram que a fotografia oferece uma maneira inovadora de engajar os alunos com o conteúdo de Sociologia, promovendo uma reflexão sobre as questões sociais e culturais, enquanto torna o conhecimento mais crítico e participativo. A contribuição deste estudo está na ampliação das práticas pedagógicas, sugerindo que a fotografia é uma ferramenta valiosa para fomentar a reflexão crítica e a análise no ensino de sociologia na educação básica.

**Palavras-chave:** ensino de sociologia; fotografia; juventudes; experiência; educação utilitarista.

## **ABSTRACT**

This study aims to fill the gap in the literature regarding the use of artistic practices, such as photography, in teaching sociology in full-time and technical public schools in Paraíba. It investigates the meanings and significance attributed by basic education students to the use of photography in building a “sociological imagination”, enabling a critical and visual understanding of society. A qualitative approach was employed through conversation circles and focus groups with students, as well as interviews with school staff, including the sociology teacher and the pedagogical coordinator of ECIT Severino Cabral. The results demonstrate that photography provides an innovative way to engage students with sociology content, fostering reflection on social and cultural issues while making knowledge more critical and participatory. This study contributes to expanding pedagogical practices, suggesting that photography is a valuable tool for promoting critical reflection and analysis in teaching sociology at the basic education level.

**Keywords:** sociology teaching; photography; youth; experience; utilitarian education.

## SUMÁRIO

|      |   |    |
|------|---|----|
| 1.   | INTRODUÇÃO .....  | 9  |
| 2.   | REVISÃO DA LITERATURA.....                                      | 12 |
| 3.   | A ICONOGRAFIA NO COTIDIANO DAS JUVENTUDES.....                  | 16 |
| 3.1. | Juventudes e seus conceitos .....                               | 17 |
| 3.2. | O Papel da Iconografia no Cotidiano Juvenil .....               | 18 |
| 3.3. | O Ensino de Sociologia e a Utilização da Iconografia .....      | 19 |
| 4.   | EXPERIÊNCIA EM FOCO .....                                       | 22 |
| 4.1. | A Escola Cidadã Integral Técnica Severino Cabral.....           | 22 |
| 4.2. | A Experiência do Projeto de Extensão Juventudes em Debate ..... | 23 |
| 4.3. | A Experiência, Fotografia e Ensino de Sociologia .....          | 26 |
| 4.4. | A Fotografia como Experiência e Reflexão Sociológica .....      | 32 |
| 5.   | O UTILITARISMO E A ARTE COMO RESISTÊNCIA .....                  | 36 |
| 5.1. | O Ensino Técnico sob uma Perspectiva Utilitarista .....         | 36 |
| 5.2. | A Arte como prática de resistência na Paraíba.....              | 40 |
| 6.   | METODOLOGIA.....  | 47 |
| 7.   | RESULTADOS E DISCUSSÕES.....                                    | 52 |
| 7.1. | As fotografias escolhidas .....                                 | 52 |
| 7.2. | Impacto da Atividade no Ensino e Aprendizado .....              | 63 |
| 8.   | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                       | 67 |
|      | REFERÊNCIAS.....  | 69 |
|      | APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO RODA DE CONVERSA 1º ANO .....          | 72 |
|      | APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO RODA DE CONVERSA 2º ANO.....           | 74 |
|      | APÊNDICE C – PERGUNTAS DO GRUPO FOCAL .....                     | 77 |
|      | APÊNDICE D – GRUPO FOCAL .....                                  | 78 |
|      | APÊNDICE E - ANÁLISE DAS IMAGENS NO GRUPO FOCAL .....           | 88 |
|      | APÊNDICE F - PERGUNTAS PARA A PROFESSORA .....                  | 91 |
|      | APÊNDICE G - ENTREVISTA - PROFESSORA DE SOCIOLOGIA .....        | 92 |
|      | APÊNDICE H - ANÁLISE DAS IMAGENS: PROFESSORA.....               | 97 |
|      | APÊNDICE I - ENTREVISTA– COORDENADOR PEDAGÓGICO .....           | 98 |

|   |            |
|---|------------|
| <b>APÊNDICE J - TCL PROFESSORA DE SOCIOLOGIA E COORDENADOR<br/>PEDAGÓGICO .....</b> | <b>101</b> |
| <b>APÊNDICE K - TCL ESTUDANTES .....</b>  | <b>103</b> |
| <b>APÊNDICE L - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL (TAI)</b>                        | <b>104</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

O uso de “Lentes Sociológicas” no título deste trabalho, aborda a fotografia como ferramenta pedagógica para desenvolver uma visão crítica no ensino de Sociologia. Assim, a escolha do título faz referência ao uso da fotografia para promover uma "visão ampliada" das dimensões sociais, estimulando o pensamento crítico nos estudantes.

No panorama atual da educação no Brasil, marcado por uma tendência cada vez mais utilitarista tem relegado a arte a um segundo plano, diminuindo seu papel na promoção da expressão crítica e na estimulação da criatividade. Em um ambiente focado em metas práticas e avaliações padronizadas, a arte enfrenta desafios para se afirmar como ferramenta essencial para o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexão sobre o mundo.

A falta de recursos visuais, formação docente e investimento em arte nas escolas públicas limita a qualidade do ensino, impedindo uma abordagem crítica e reflexiva na Sociologia. A ausência de iconografia como ferramenta pedagógica reforça a necessidade urgente de repensar a abordagem utilitarista e neoliberal da educação. A fotografia, como ferramenta pedagógica em Sociologia, pode complementar o currículo, estimular a “imaginação sociológica” e promover uma análise crítica das dinâmicas sociais, abordando temas como estratificação social, identidade, desigualdade e diversidade.

Cristiano Bodart (2023) destaca a potencialidade da fotografia como recurso didático para ensinar os alunos a pensar com a Sociologia, despertando um olhar atento às relações e fenômenos sociais e evitando a postura de “olhar não vendo” ou explicações baseadas no senso comum. Busca-se um “ver” mais profundo da realidade, com a fotografia contribuindo para um aprendizado baseado na experiência do aluno, guiado pelo professor. Além disso, a era digital e as câmeras em dispositivos móveis permitem integrar a prática fotográfica de forma acessível ao cotidiano, tornando a aprendizagem mais dinâmica e refletindo a centralidade da imagem na comunicação contemporânea.

A fotografia pode ser uma ferramenta valiosa no ensino de Sociologia na educação básica. Além de ser uma presença constante no cotidiano dos estudantes, eles são expostos a uma grande variedade de imagens, tanto na rua quanto na internet. A tecnologia atual das câmeras permite que as pessoas capturem imagens facilmente, usando o mesmo dispositivo que usam para se comunicar ou se entreter. E percebendo isso, durante o planejamento dos minicursos oferecidos na escola campo, as monitoras e a professora coordenadora do Projeto de Extensão da UEPB “Juventudes em Debate” no ano de 2023 desempenharam um papel fundamental. Para discutir temas como racismo, gênero e participação política, o projeto de

extensão usou práticas fotográficas para envolver estudantes. Abordar a diversidade social e os conflitos resultantes, bem como as relações de poder na contemporaneidade fez parte do dia a dia do projeto na ECIT (Escola Cidadã Integral e Técnica) Severino Cabral em Campina Grande-PB.

A Sociologia poderia se beneficiar do potencial pedagógico da iconografia, mas enfrenta limitações devido à escassez de recursos visuais e à falta de formação docente. A ausência de investimento e valorização da arte nas escolas públicas impacta diretamente a qualidade do ensino, privando os alunos de uma abordagem mais dialógica e holística.

Este trabalho analisa a experiência das ações extensionistas do Projeto de Extensão Juventudes em Debate: entre saberes e resistências (cota 2023/2024), investigando os sentidos e significados atribuídos pelos estudantes do ensino médio nas atividades realizadas nos minicursos de julho a novembro de 2023, nas turmas 1º ano A e 2º A. O produto final foi a produção de fotografias do cotidiano escolar, capturando a participação dos sujeitos nos espaços e atividades da Escola Cidadã Integral e Técnica Severino Cabral, em Campina Grande-PB. O foco da análise é o uso da fotografia no ensino de Sociologia, com ênfase na diversidade e no acesso à arte no ensino básico.

A fusão das jornadas como fotógrafa e estudante de Sociologia impulsiona a pesquisa sobre o potencial pedagógico da fotografia. Como fotógrafa, percebe-se os benefícios dessa arte na compreensão social e na interpretação crítica da sociedade. O acesso à arte, especialmente à fotografia, contribui para o desenvolvimento dos alunos, principalmente na juventude atual, que está sempre conectada às imagens por meio de celulares e redes sociais.

O uso de artefatos culturais no ensino básico, como recursos iconográficos, pode incentivar os estudantes a construir, com criatividade, uma análise crítica sobre o mundo. Dessa forma, o trabalho contribui para a formação docente e para o aprimoramento do ensino no Brasil, ao explorar metodologias inovadoras que aproximam a Sociologia da realidade dos alunos.

A “imaginação sociológica” (Mills, 1982) pode ser aprimorada ao utilizar a linguagem visual como uma ferramenta para explorar e compreender as dinâmicas sociais. Além disso, a experiência do Projeto de Extensão Juventudes em Debate amplia o alcance dessas reflexões para além das salas de aula, envolvendo os jovens de Campina Grande em discussões sociológicas relevantes. Investigar os sentidos atribuídos pelos estudantes à fotografia não apenas enriquece o processo educacional, mas também oferece reflexões valiosas para as reflexões científicas no campo do ensino de Sociologia no Brasil, na Paraíba e especificamente em Campina Grande na escola campo.

A utilização da iconografia não só proporciona uma abordagem inovadora para o ensino, mas também destaca a importância de métodos visuais e narrativas visuais na pesquisa sociológica. A experiência acumulada nesse projeto pode contribuir significativamente para o avanço da prática pedagógica e do entendimento mais amplo da interseção entre a Sociologia, a educação e as representações visuais.

Desse modo, esta monografia tem como objetivo geral investigar os sentidos e significados atribuídos pelos estudantes da educação básica ao uso da fotografia na construção de uma “imaginação sociológica”. E para alcançar o objetivo geral, esse estudo busca: Perceber a importância que a iconografia tem cada vez mais no cotidiano das juventudes; analisar os sentidos e os significados dados pelos estudantes com a experiência fotográfica no Ensino de Sociologia nas ações extensionistas realizadas na escola; problematizar o projeto utilitarista das escolas públicas integrais técnicas e o uso da arte como práticas de resistências no cotidiano escolar de uma ECIT.

Entre as hipóteses levantadas, acredita-se que a fotografia permite aos estudantes observar criticamente a sociedade e refletir sobre desigualdades e dinâmicas culturais; que a exploração de imagens no ensino de Sociologia pode enriquecer a compreensão da diversidade; e que projetos artísticos críticos contribuem para a construção da individualidade dos estudantes, diversificando o ensino.

Dessa forma, a pesquisa não apenas propõe compreender os benefícios e desafios do uso da fotografia no ensino de Sociologia, mas também busca oferecer uma análise crítica dos atuais projetos educacionais em curso. Espera-se, assim, contribuir para práticas pedagógicas mais envolventes e contextualizadas, promovendo uma educação mais rica em experiências e significados para os estudantes da educação básica.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

Durante a pesquisa, foi realizado um levantamento de trabalhos científicos sobre o uso da iconografia no ensino de Sociologia nos repositórios das principais universidades da Paraíba, como a UEPB, UFCG e UFPB dos últimos dois anos. A pesquisa também incluiu bibliotecas digitais e bases institucionais. No entanto, não foram encontrados trabalhos recentes que abordassem diretamente essa intersecção. Essa lacuna destaca a originalidade e relevância deste estudo. Porém, para embasar a pesquisa, as contribuições de autores como Ferro (2005), Bodart (2023), Walter Benjamin (1994) e Velho (1978), foram essenciais para contextualizar a relação histórica e conceitual entre Sociologia e fotografia.

A fotografia e a Sociologia tiveram seu surgimento no século XIX. A fotografia foi inventada em 1839, quando Louis Daguerre apresentou o processo de daguerreotipia<sup>1</sup>, enquanto a Sociologia começou a se consolidar como uma disciplina no mesmo período, com Auguste Comte sendo frequentemente considerado um dos fundadores. Conforme Ferro (2005)

Pese embora este facto, a fotografia e a Sociologia seguiram percursos distintos: a primeira procurou o seu reconhecimento no campo da arte (até porque a maioria dos primeiros fotógrafos eram pintores que não conseguiram triunfar nos salões e que viram na fotografia um meio alternativo de consagração artística, e a segunda trilhou caminhos que a levaram à sua institucionalização como ciência positiva, preocupada com a elaboração de grandes teorias, apoiando-se para tal em técnicas e metodologias semelhantes às das ciências naturais. (Ferro, p 373. 2005)

A partir da análise da autora sobre as diferentes trajetórias da fotografia e da Sociologia podemos entender que, de um lado, a fotografia foi inicialmente associada ao empirismo, à observação racional e à reprodução direta do natural. Por outro lado, à medida que os procedimentos para tirar fotografias se tornaram mais simplificados, a “aura” que envolvia a fotografia e a tornava elitizada desapareceu.

Podendo também falar em “aura”, Walter Benjamin (2018)<sup>2</sup> analisando a fotografia ligada à indústria cultural nos traz como a tecnicidade dos tempos do capitalismo fizeram esta aura sumir das obras artísticas, o que se referiria a sua singularidade e autenticidade, que são características únicas e ligadas à sua existência original em um determinado espaço e tempo.

---

<sup>1</sup> “Processo fotográfico imaginado por Daguerre, e que consistia em fixar numa película de prata pura, aplicada ao cobre, a imagem obtida na câmara escura.”

<sup>2</sup> Walter Benjamin define "aura" como a singularidade e autenticidade de uma obra de arte, ligadas ao contexto único de sua criação. Ele argumenta que a reprodução técnica, como a fotografia, faz essa "aura" se perder, ao tornar as obras facilmente reproduzíveis e desvinculadas de seu contexto original. A crítica à indústria cultural por Adorno e Horkheimer, membros da Escola de Frankfurt, avança essa discussão ao tratar da produção em massa e da mercantilização das obras culturais, ressaltando como a cultura se transforma em mercadoria, impactando a recepção e a experiência estética.

A fotografia rapidamente se tornou uma ferramenta para manipular necessidades, vender mercadorias e moldar pensamentos. Por meio de seu uso em diversas campanhas publicitárias, a fotografia se tornou uma ferramenta fundamental no processo de expansão das economias modernas. Seu poder reprodutivo também democratizou a obra de arte, tornando-a acessível a várias faixas sociais (Benjamin, 2018). A imagem é facilmente compreensível; sua característica única está em apelar para a emotividade, e sua força reside em sua imediatez, mas também em seu perigo.

Porém, a fotografia também serviu como uma ferramenta de análise social nas mãos de muitos fotógrafos que surgiram nessas centenas de anos de história. No final do século XIX com surgimento do fotojornalismo ou do uso de fotografias nos estudos antropológicos confirmou a fotografia como uma ferramenta de análise social. (Soilo, 2012). A fotografia revelou imagens de sociedades distantes, despertando desejos e ampliando horizontes de todos aqueles que de alguma forma tinham contato com ela, mas também mostrando outras indesejáveis e desconfortáveis.

Com os avanços da tecnologia do século XX fez chegar à época mais atual, no século XXI, onde a fotografia está presente no bolso ou na palma da mão de todos aqueles que fazem uso dos pequenos computadores chamados smartphones. Presentes, inclusive nas escolas onde os estudantes registram momentos.

Os quadros, onde anteriormente os professores anotavam e os alunos copiavam, hoje são fotografados e postados em seus grupos de WhatsApp. Então, se percebe a fotografia como uma ferramenta já presente no dia a dia destes estudantes, podendo ser utilizada para a atividade de pesquisa no ensino de Sociologia da educação, para refletir acerca de algumas de suas temáticas, como refletido a seguir;

A técnica fotográfica pode revelar-se heurística se for utilizada no âmbito de uma investigação teoricamente informada. Antes de começar a disparar (a máquina fotográfica), devemos percorrer todas as etapas tradicionais de uma investigação sociológica. Queremos com isto dizer que é necessário formular a pergunta de partida, definir rigorosamente o objecto de estudo, trabalhar a problemática teórica, desenhar o modelo de análise, etc., antes de fotografar. Não obstante, a fotografia pode também auxiliar os momentos exploratórios da pesquisa. (Ferro, 2005. p .381)

Assim sendo, Ferro (2005) disserta que introduzir a técnica fotográfica no ensino de Sociologia pode estimular o desenvolvimento do pensamento crítico nos alunos. Ao incorporar a observação visual, os estudantes podem aprender a analisar e interpretar as imagens, promovendo uma compreensão mais profunda dos fenômenos sociais.

O uso da técnica fotográfica envolve não apenas a compreensão teórica, mas também habilidades práticas, como composição visual e seleção de elementos significativos. Isso

proporciona uma abordagem multidisciplinar, integrando conceitos sociológicos com habilidades artísticas e visuais.

Assim, ao incorporar a fotografia no ensino de Sociologia, os alunos têm a oportunidade de expressar suas perspectivas de forma criativa. Isso pode fomentar a criatividade, incentivando os estudantes a representar visualmente as complexidades das interações sociais e dos fenômenos sociológicos. Proporcionando também a visão diversificada e compartilhada entre os estudantes na mesma sala de aula.

Walter Benjamin (1994) salienta o papel crucial da fotografia como um meio para registrar a identidade do indivíduo na era moderna, marcada por uma sensação crescente de alienação e desconexão, causando superficialidade, onde as marcas de sua existência tornam-se menos reconhecíveis. Essas marcas, anteriormente símbolos de uma vida vivida, agora são percebidas como vestígios, se tornando semelhantes a meros vestígios. Na sociedade caracterizada por controles, pela passividade, o indivíduo é submetido a uma nova rede de monitoramento.

Nosso convívio diário com uma infinidade de imagens, presentes em todos os lugares que frequentamos e em cada aplicativo que acessamos, transforma nosso modo de perceber o mundo. Elas estão nos livros didáticos, nas redes sociais, nas revistas, nas campanhas publicitárias expostas nas ruas e nos jornais.

Essa saturação de imagens pode nos levar a um estado de passividade, onde nos tornamos meros receptáculos de informações, incapazes de interpretar criticamente o que nos cerca. Como também há uma tecnicidade envolvendo tais obras imagéticas. (Benjamin, 2018) E com a tecnicidade sempre há a mercantilização destas imagens, e por isso se faz necessária uma reflexão embasada teórica e metodologicamente às ciências sociais, para formar uma necessária visão crítica e interpretativa acerca das fotografias, e conseqüentemente acerca da sociedade. Conforme apresentado abaixo:

É importante mantermos em nossa prática docente uma “vigilância epistemológica”. Isso porque o(a) estudante possui, a priori um olhar típico do senso comum (que é uma forma de enxergar o seu mundo social) e cabe ao(à) professor(a) de Sociologia levá-lo(a) a desenvolver um novo olhar (um “ver”). Em outras palavras, cabe a nós promover condições para uma releitura do mundo social a partir de uma orientação teórico metodológica que a Sociologia pode proporcionar. (Bodart. 2023. p89)

Destacando a importância da abordagem pedagógica na disciplina de Sociologia, enfatizando a necessidade de um cuidado crítico e a atenção, a construção do conhecimento por parte dos professores. Bodart (2023) sugere que os estudantes frequentemente trazem consigo

uma perspectiva ancorada no senso comum, que é uma visão mais intuitiva e não sistematizada do ambiente social ao seu redor.

O papel do professor de Sociologia é guiá-los na transição desse olhar inicial para uma compreensão mais aprofundada e informada, proporcionando-lhes a capacidade de “ver” o mundo social de maneira mais crítica e embasada. A reflexão é sobre a responsabilidade do professor de Sociologia não apenas de transmitir informações, mas também de guiar os estudantes na construção de uma perspectiva mais crítica e informada sobre o mundo social ao seu redor.

Explorando a percepção visual por meio de uma abordagem pedagógica crítica, podemos transformar as aulas de Sociologia no ensino médio em um ambiente fértil para reflexão e pensamento crítico, ao analisarmos como a sociedade se manifesta diante de nós. Assim, ao incorporarmos a educação pela imagem ou o uso consciente da imagem em sala de aula, guiados pelo professor, estamos capacitando os alunos a enxergar a realidade de maneira distinta, reflexiva e crítica.

Isso equivale a uma verdadeira educação do olhar, uma instrução para uma perspectiva mais atenta e analítica. “O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido” (Velho, 1978, p. 39).

Mesmo não sendo unicamente um dever da Sociologia proporcionar ao aluno uma sensação de estranhamento diante de situações familiares do cotidiano, também faz parte de seus objetivos, relacionando criticamente ao mundo prático em que vivemos. A Sociologia busca iniciar a exploração a partir do senso comum para ir além dele, uma vez que o conhecimento imediato muitas vezes está saturado de preconceitos e atitudes etnocêntricas, e a sensação de individualidade.

Nossa ação no mundo é guiada pela lógica de uma razão prática, com pouca reflexão, de forma passiva. Então, com atividades práticas de fotografia, numa perspectiva crítica e desmistificadora do cotidiano, pode promover uma experiência de estranhamento mediante os referenciais teóricos próprios da área, com o objetivo de intensificar o processo de desnaturalização dos fenômenos sociais, ou seja, reconhecer que a história é construída coletivamente pelos indivíduos e que essa construção está sujeita às circunstâncias específicas.

### 3. A ICONOGRAFIA NO COTIDIANO DAS JUVENTUDES

A iconografia, como semiótica visual, entendida como um campo de estudo que percebe e explora as imagens e os símbolos visuais, pode ser crucial para entender as dinâmicas sociais da contemporaneidade. Sabendo que, no contexto das juventudes, a proliferação das imagens, especialmente junto às tecnologias e ao ciberespaço<sup>3</sup>, cria toda uma dimensão pensada nas identidades e nas formas de se comunicar da contemporaneidade.

E, sabendo do uso cotidiano de representações visuais, como fotografias, dentro das redes sociais, podemos perceber não apenas uma esfera cultural, mas também uma possibilidade de recurso pedagógico no ensino de Sociologia na educação básica. Percebendo o papel das imagens na construção de significados e reflexões acerca da sociedade, especialmente quando bem direcionadas para um contexto de ensino crítico.

O capítulo tem como objetivo específico perceber a importância que a iconografia tem cada vez mais no cotidiano das juventudes, podendo ser utilizados como recursos de pesquisa no ensino de Sociologia na Educação Básica. Para isso, será discutido como o recurso das imagens capturadas pelos estudantes pode ser utilizado no ensino de Sociologia, proporcionando uma maneira de despertar um olhar sociológico acerca das realidades sociais.

Para essa discussão, iremos trabalhar com as perspectivas sobre juventude trazidas por Pierre Bourdieu, abordando a ideia de “múltiplas juventudes”, destacando a variedade de vivências e experiências. Juntamente com José Machado Pais, propondo um olhar sobre as subjetividades dos jovens e as formas de engajamento com o mundo contemporâneo.

Ao perceber como a juventude se apropria desse acesso às imagens que possuem no cotidiano, desde as selfies até as fotografias de protesto ou denúncia social, podemos identificar a fotografia como um recurso já integrado no universo da juventude, com grande potencial de ferramenta para ampliar o olhar sociológico nas salas de aula. Assim, neste capítulo, poderemos explorar as formas pelas quais as imagens estão presentes no cotidiano das juventudes. Conectando como uma forma de prática educativa, propondo um aprendizado sensível, e não apenas cognitivo.

---

<sup>3</sup> O termo "ciberespaço" refere-se ao ambiente virtual criado pela interconexão de redes digitais, onde ocorrem interações e trocas de informações. Segundo Lévy (1999), se manifesta como um fluxo constante de pensamentos, ações e imagens entre pessoas conectadas por computadores.

### 3.1. Juventudes e seus conceitos

A juventude vai além de uma simples temporalidade biológica da adolescência. É uma etapa cheia de mudanças, questionamentos e novidades que se estende a um fenômeno sociocultural, tomando vários sentidos e contemplando contextos históricos, sociais e culturais. É um período onde os indivíduos iniciam a construção de suas identidades para projetar seu futuro, onde a experimentação se faz presente nesse espaço de transição.

A juventude pode ter diferentes compreensões em diferentes épocas e culturas, pois também, com base nisso, enfrentarão novas circunstâncias, dependendo da época e da cultura. A juventude é uma construção social sujeita a manipulações e variações, que reflete e é moldada pelas relações de poder e status na sociedade (Bourdieu, 1983) tendendo a se modificar ao longo do tempo (Pais, 1993).

Dada a perspectiva da análise sociológica de Bourdieu (1978), é crucial notar que a juventude não é uma categoria fixa ou universal, mas um conceito construído e contestado dentro do campo das forças sociais. Bourdieu destaca que as diferentes idades são arbitrárias e são frequentemente manipuladas pelas elites para preservar seu poder e hierarquias.

Portanto, podemos acertar que a juventude é um campo de luta no qual várias forças e interesses disputam significado e valor associados a essa fase da vida. Em outras palavras, a construção social da juventude é um reflexo de relações de poder complexas e dinâmicas culturais orientadas, que variam dependendo do contexto histórico e social. Podemos então dizer que obter a juventude significa estar envolvido em uma análise holística que vai além das características biológicas e incorpora expressões estruturais e ideológicas que moldam o significado e as expectativas associadas à juventude.

Segundo José Machado Pais (2017), a juventude é uma fase marcada pela transição e pela imprevisibilidade, onde o cotidiano dos jovens se torna um campo fértil para a produção imaginária e criatividade. Ele destaca que os processos de transição para a vida adulta são complexos e influenciados por diversas variáveis sociais (Pais, 2017).

Dentro dessa perspectiva, a juventude não pode mais ser considerada como uma fase da vida a partir da qual as pessoas começam a se preparar para o que importa, ou a vida adulta. Pelo contrário, trata-se de um momento do entremeio em que os jovens têm a possibilidade de se aventurar por inúmeras facetas de expressão e contato com o mundo ao redor.

Nesse sentido, a criatividade e a imaginação são ferramentas que possibilitam que os jovens procurem reinterpretar e reconfigurar uma realidade a que foram submetidos, de modo que possam entender com simplicidade as transformações sociais e pessoais que estão

acometendo suas vidas. Por causa disso, a juventude deixa de ser um espaço somente de adaptação e passa a ser um espaço obrigatório de inovação ininterrupta, e reconfiguração constante; deles e a partir deles próprios.

Já para Juárez Dayrell (2003) a juventude não deve ser vista como uma fase de transição e sim como um processo de desenvolvimento de formação contínua. E que tem suas experiências baseadas em fatores como classe social, etnia, gênero e contexto geográfico, desafiando a noção unificada do “modo de ser jovem”.

O autor levanta a importância de uma postura ética metodológica para trabalhar com jovens devendo reconhecer a complexidade e a necessidade de um olhar respeitoso e atento enfatizando que a pesquisa não se deve limitar a observar os jovens como meros objetos e sim envolvendo um diálogo e uma interação para reconhecer a singularidade de cada ser.

O reconhecimento do autor para pluralidade da juventude abre caminhos para práticas educativas que promovem a reflexão crítica para autonomia dos jovens. Mostrando a importância da reconfiguração das práticas educativas para uma visão mais multifacetada, onde a construção da identidade e as experiências pessoais são moldadas por uma série de fatores, sendo imprescindível reconhecer também a época que se vive. A atual geração é marcada pelo impacto das imagens no cotidiano contemporâneo, nesse contexto as imagens digitais não apenas refletem as identidades de formação, mas também desempenham um papel ativo nas configurações das percepções sociais dos jovens.

### **3.2. O Papel da Iconografia no Cotidiano Juvenil**

No cotidiano dos jovens de hoje, imagens digitais desempenham um papel fundamental, influenciando aspectos como auto imagem e percepção social. As redes sociais, com sua predominância e centralização visual, exemplificam como as imagens moldam as interações e as identidades. McLaren (1995) afirma que vivemos em um mundo completamente dominado pelas imagens. Plataformas como *Instagram* e *Tiktok* oferecem não apenas um meio de auto expressão livre, mas também um espaço prolífero para construção e representação de narrativas pessoais e compartilhadas. A presença central de imagens nas redes sociais funciona como um reflexo dinâmico e uma moldura ativa da identidade juvenil em formação.

A teoria de Erving Goffman (2002), que descreve como os indivíduos performam papéis sociais, como máscaras, para criar uma impressão específica nos outros, pode ser aplicada para entender este fenômeno. As fotografias e vídeos disseminados rotineiramente pelos jovens são usualmente selecionados criteriosamente para ilustrar ideais e pertencimento, impactando não

somente a visão externa, mas também a auto concepção íntima dos indivíduos. A construção e a manutenção de uma identidade online através de imagens são processos dinâmicos que reforçam ou desafiam as percepções individuais e coletivas, evidenciando a profunda interdependência entre imagem e identidade no contexto digital.

Contudo, faz-se necessário ampliar esta questão, colocando o papel da fotografia como um meio de investigação sociológica, com a intenção de entender as práticas culturais e sociais da juventude ao registrarem imagens acerca de seu cotidiano. Por meio de fotografias, a juventude não precisa apenas documentar suas vidas, mas pode exercer essa atividade de forma a refletir sobre o seu ambiente social. Assim, a fotografia torna-se um instrumento para a *imaginação sociológica*, conforme Wright Mills (1982), podendo viabilizar uma reflexão dos estudantes sobre o mundo que os cerca e suas dinâmicas sociais nas quais estão imersos.

O uso da fotografia pelos jovens não precisa se limitar à estética ou à mera construção da identidade online. Ela também pode oferecer uma maneira de examinar a vida social e suas complexidades na contemporaneidade. As imagens fotografadas pela juventude podem ser vistas como documentos culturais que são reflexos das suas percepções sobre temas como pertencimento, exclusão, comunidade, gênero e resistência.

Nesse sentido, a iconografia presente no dia a dia da juventude pode atuar tanto como uma ferramenta de expressão artística e de identidade, como um possível instrumento valioso para a compreensão e reflexão acerca das realidades sociais e culturais.

### **3.3. O Ensino de Sociologia e a Utilização da Iconografia**

O ensino de Sociologia desempenha um papel crucial na formação dos estudantes em ciências sociais. Ele oferece uma visão abrangente sobre a sociedade, suas estruturas, relações e dinâmicas. Seu papel é;

Estabelecer um conjunto de noções básicas e operativas, capazes de dar ao aluno uma visão não estática nem dramática da vida social, mas que lhe ensine técnicas e lhe suscite atitudes mentais capazes de levá-lo a uma posição objetiva diante dos fenômenos sociais, estimulando-lhe o espírito crítico e a vigilância intelectual que são social e psicologicamente úteis, desejáveis e recomendáveis numa era que não é mais de mudança apenas, mas de crise, crise profunda e estrutural (FERNANDES, 1977, p. 108).

O autor explica que o ensino de Sociologia deve fornecer ferramentas para que os alunos entendam a sociedade de forma crítica e objetiva. O uso da iconografia, como a fotografia, amplia a visão crítica sobre a realidade social, permitindo a análise das relações sociais e tornando as discussões teóricas mais palpáveis. A fotografia, como artefato cultural, “retrata

elementos da cena que o texto tem dificuldade de transmitir, o que é demonstrável pedindo aos estudantes que descrevam tudo o que seus olhos capturam diante de uma fotografia” (Bodart, p. 105, 2023). Bodart (2023) destaca que a fotografia propõe uma “leitura imagética”, que cria o hábito de ver o mundo com o olhar crítico e reflexivo da Sociologia. Essa abordagem estimula competências analíticas, não apenas como recurso visual, mas como ponto de partida para debates críticos sobre a realidade e suas múltiplas camadas de significados, promovendo maior participação dos alunos em aulas práticas.

Percebendo que nem as fotografias nem nossa visão de mundo são neutras, os alunos podem avançar em seus conhecimentos e construir uma visão de mundo mais crítica. Sendo assim, de acordo com a reflexão a seguir:

Os registros fotográficos representam a visão de mundo do(a) fotógrafo(a), independentemente do assunto que ele(a) escolha fotografar. Assim, promover atividades de registros fotográficos pelos (as) estudantes e questioná-los sobre o que capturaram pode ser uma forma possível de levá-los a perceber como estão enxergando o mundo social e se ainda mantêm uma visão concentrada no indivíduo, característica do senso comum, ou se conseguem perceber as relações complexas que compõem a cena da vida cotidiana, mesmo que seja a partir do enquadramento escolhido em um recorte espacial e temporal (Bodart, 2023, p. 87).

Na citação supracitada, Bodart (2023) intensifica a influência subjetiva do fotógrafo na construção de registros visuais, independentemente do tema escolhido para fotografar. Assim, podemos analisar a proposta de promover atividades fotográficas entre os estudantes e questioná-los sobre suas escolhas, o que representa uma estratégia pedagógica interessante. A reflexão proposta busca avaliar se os estudantes conseguem transcender uma visão centrada no indivíduo, que é característica do senso comum, e se estão aptos a perceber as complexas interações e relações presentes na vida cotidiana.

O uso da fotografia nas atividades práticas dos minicursos realizados pelo projeto de extensão Juventudes em Debate, em 2023, na ECIT Severino Cabral, buscou investigar os sentidos e significados atribuídos pelos estudantes às imagens das relações de gênero, sexualidades e raça no cotidiano escolar. Essa investigação contribuiu para a formação docente dos monitores do projeto, dos professores de Sociologia e de outros docentes da área de humanas da escola pública, lócus de desenvolvimento das ações extensionistas.

Além de promover o protagonismo dos alunos do ensino médio, por meio do uso da fotografia e da reflexão sobre suas produções, relacionando as imagens aos conhecimentos sociológicos. A experiência do projeto amplia o escopo das discussões sociológicas ao envolver jovens de Campina Grande, proporcionando pensamentos críticos e reflexivos valiosos para a pesquisa educacional e sociológica no Brasil, na Paraíba e na localidade específica. A utilização

da iconografia não apenas inova o ensino, mas também destaca a relevância de métodos visuais na pesquisa sociológica, contribuindo para o aprimoramento da prática pedagógica e da compreensão da interseção entre Sociologia, educação e representações visuais artísticas.

A inclusão da iconografia no ensino de Sociologia enriquece a prática pedagógica e oferece novas oportunidades para o desenvolvimento do pensamento crítico e da análise social. Essa abordagem pode levar a uma educação mais dinâmica e contextualizada.

#### **4. EXPERIÊNCIA EM FOCO**

Neste terceiro capítulo, buscamos, em consonância com o objetivo de analisar os sentidos e significados dados pelos estudantes à experiência fotográfica no ensino de Sociologia nas ações extensionistas realizadas na escola, articular a discussão teórica com a prática do Projeto de Extensão Juventudes em Debate (Cota 2023/2024), realizado na ECIT Severino Cabral, em Campina Grande. Com base em Walter Benjamin (1994) e Jorge Larrosa (2002) sobre experiência, abordamos como essa atividade fotográfica foi usada como ferramenta no ensino de Sociologia do ensino básico.

A fotografia, como recurso didático e pedagógico, não serve apenas como registro. Ela possibilita a construção de sentidos e significados pelos próprios estudantes. Este capítulo aborda como a iconografia, especialmente a fotografia, cada vez mais presente no cotidiano das juventudes, pode ser uma ferramenta poderosa de ensino e pesquisa na Sociologia do ensino básico, oferecendo uma abordagem que valoriza a experiência e a vivência, em vez do mero acúmulo de informações.

Apresentamos os principais momentos do Projeto de Extensão Juventudes em Debate, desde o planejamento até a execução das atividades. Entendemos a escola como campo de atuação, sua história e o modo educacional empregado. O envolvimento dos estudantes, suas percepções e análises sobre a escola foram fundamentais para uma compreensão mais ampla da Sociologia. O uso da fotografia permitiu um novo olhar sobre a sociedade, evidenciando dinâmicas de convivência, relações presentes e as condições estruturais do ambiente escolar.

Assim seguimos com a análise das etapas de projeto começando pela história da escola e o contexto em que o projeto estava inserido passando pela descrição das atividades desenvolvidas e combinando nas análises de sentido e significados atribuídos pelos estudantes à experiência fotográfica no contexto do ensino de Sociologia do ensino básico.

##### **4.1. A Escola Cidadã Integral Técnica Severino Cabral**

A escola cidadã integral técnica Severino Cabral fica localizada no município de Campina Grande – PB, no bairro de Bodocongó, foi fundada em meados dos anos de 1980 como a escola de Ensino Fundamental. Hoje tem sua identidade atual muito bem formada, devido às várias transformações que passaram durante os anos. Em 2017 a escola se transformou em uma Escola Cidadã Integral (ECI) e em 2022 em Escola Cidadã Integral Técnica (ECIT) acompanhando o projeto do governo de unir a educação básica com a formação

técnica. A identidade da escola tem como essência a arte, a cultura e os movimentos estudantis. Ao longo dos anos, a escola se formou como um lugar onde os cursos técnicos coexistem com as atividades culturais, que proporcionam aos estudantes uma formação que vai além do conhecimento técnico e utilitário, com um corpo docente que valoriza também o crescimento pessoal e crítico dos estudantes. Eventos como o Sarau Literário e o Festival de Arte movimentam a comunidade escolar envolvendo não só os estudantes, mas também suas famílias e a vizinhança. Tornando a arte um pilar central na formação dos estudantes e não apenas uma complementação.

Para além disso, a escola tem uma longa tradição de participação ativa em movimentos estudantis que fazem parte de sua identidade cidadã e crítica. Os estudantes ao longo da história da escola se mobilizaram junto aos funcionários por melhores condições de ensino, discutindo assim, questões importantes da educação e promovendo debates sociais e políticos dentro e fora da escola. A escola oferece cursos técnicos de Contabilidade e, mais recentemente, o curso de Gastronomia foi adicionado e em fase de implantação.

No entanto, a escola enfrentava desafios estruturais sérios em seu prédio como salas invadidas por esgoto, a falta de uma quadra esportiva adequada e em alguns momentos de sua história, até áreas sem teto. Após uma mobilização estudantil que chamou a atenção de Campina Grande inteira, inclusive dos jornais, hoje o prédio da escola está passando por uma reforma para que se enquadre nos parâmetros exigidos para uma Escola Cidadã Integral Técnica.

Essas dificuldades tornam o dia a dia mais difícil, mas não impedem que a Severino Cabral continue se destacando em avaliações como Enem e o IDEB, principalmente nas redações. Os alunos que ali estudam, de acordo com o Coordenador Pedagógico, vêm de classes sociais menos favorecidas, em sua maioria como as classes C e D, e muitos enfrentam problemas como insegurança alimentar. Mesmo com essas dificuldades, a escola se mantém acolhedora criando um ambiente de solidariedade. De acordo com o coordenador, a escola busca oferecer uma educação integral e inclusiva onde a arte, o teatro e a cultura são peças chaves para o desenvolvimento dos estudantes. Esse compromisso com a valorização da arte e das vivências culturais é sem dúvida um dos maiores diferenciais da ECIT Severino Cabral.

#### **4.2. A Experiência do Projeto de Extensão Juventudes em Debate**

As atividades de extensão com foco no social têm desempenhado um papel chave na formação acadêmica, trazendo sempre novas práticas e experiências pedagógicas. Essas ações ajudam a aproximar a teoria da prática, a universidade da escola. Ao tornar o conhecimento

mais acessível e facilitar o acesso da população aos serviços, essas iniciativas sociais têm um impacto significativo na formação dos estudantes e na construção de um relacionamento mais estreito com a comunidade externa.

O Projeto de Extensão “Juventudes em Debate: entre saberes e resistências”, Cota 2023-2024-UEPB contou com diversas atividades de reflexão e debates para a construção de conhecimento da Sociologia do ensino básico e promover o empoderamento crítico das juventudes. Contando com temas como as relações étnico-raciais no Brasil, gênero e política, gênero e sexualidades. Promovido pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e coordenado pela professora Dra. Jussara Bérens, do Departamento de Ciências Sociais.

O referido projeto teve como objetivo fomentar a reflexão crítica e o entendimento sobre questões sociais fundamentais entre os estudantes do ensino médio da Escola Cidadã Integral Técnica Severino Cabral, em Campina Grande-PB. Desenvolvido ao longo de 2023, o projeto com base no Estatuto da Juventude (2013) e buscando práticas didáticas a fim de promover uma educação que possa incentivar o empoderamento crítico dos estudantes e um ambiente com princípios de inclusão e equidade ao ministrar os próximos passos com as oficinas na sala de aula.

Em análise, as discussões cercaram em como o Estatuto da Juventude desempenha um papel muito importante de base para compreensão dos direitos, das necessidades e dos desafios enfrentados pelas diferentes juventudes de diferentes realidades sociais e diferentes âmbitos da vida, como educação, saúde, moradia, trabalho, cultura, esporte, lazer entre outros. Estabelecendo estrutura com leis que orientam políticas públicas voltadas para promover cidadania e equidade de oportunidades para as juventudes.

No processo de elaboração das oficinas pedagógicas<sup>4</sup> buscamos as noções introdutórias acerca da Sociologia das juventudes, incluindo as interseccionalidades de gênero, sexualidades, relações étnico-raciais, com contribuição pela participação política das juventudes na contemporaneidade que é o foco do projeto, podemos buscar uma abordagem alinhada com áreas de interesse da equipe do projeto de extensão. Permitindo assim que além de explorar os temas do projeto de forma mais profunda e significativa, as monitoras puderam aprofundar suas áreas de interesse em sua formação.

---

<sup>4</sup> Segundo o relatório final (2024) do Projeto de Extensão Juventudes em Debate: Entre Saberes e Resistências, as oficinas pedagógicas, realizadas nas turmas de primeiro e segundo ano do ensino médio, foram: Relações Étnico-raciais nos dias 17/07/2023, 23/08/2023 e 10/10/2023, Gênero e Política nos dias 09/08/2023, 06/09/2023 e 24/10/2023.

No que diz respeito as temáticas específicas, nossa intenção foi não apenas apresentar teorias aprofundadas e muito conceituais para os estudantes de ensino médio, mas sim aprofundar a discussão tendo como base obras e teorias de importantes pensadores. Autoras como Neusa Souza Santos (2021), Lélia Gonzales (2020), Frantz Fanon (2008), Bell Hooks (2019), Carla Akotirene (2019), Florestan Fernandes (1972), Joan Scott (1986) e Simone de Beauvoir (1949) oferecem insights valiosos sobre essas questões, contribuindo para uma compreensão mais ampla e crítica dos temas abordados nas oficinas fazendo os estudantes construir visão crítica para analisar as questões estruturais da nossa sociedade e se tornando agentes de mudança em suas comunidades.

A primeira etapa prática do projeto, dentro da escola, envolveu a realização de debates e rodas de conversas que abordaram a temática das Relações Étnico-Raciais. Os estudantes foram incentivados a refletir sobre o conceito de raça e o impacto do racismo na sociedade brasileira. Usando da iconografia como uma ferramenta para explorar e refletir acerca dessas questões.

A atividade incluiu a análise de imagens históricas produzidas durante o período da escravidão no Brasil e a percepção de quem eram os fotógrafos da época e que visão de mundo era aquela advinda desses fotógrafos europeus, promovendo um entendimento mais profundo sobre como as representações visuais influenciam a percepção e a construção de identidades. E justamente dentro desta temática foi construída a atividade envolvendo a fotografia e a Sociologia que analisamos no presente trabalho.

No segundo momento, trabalhando a temática de Política e Gênero, foi debatida a participação da mulher na política, as conquistas, trajetórias e os marcos que vêm sendo conquistados. Os estudantes debateram sobre política e cidadania, pensando o que é ser mulher nesses dois contextos. Analisando como o cinema pode retratar as mulheres e os papéis de gênero e como isso pode impactar na vida das meninas e mulheres.

Também percebendo como a luta das mulheres foi e continua sendo o motivo de que são criadas leis que ajudam nos direitos das mulheres. Gráficos e dados foram expostos e discutidos, como o percentual de mulheres nos dois poderes e mercados de trabalho, o que trouxe outro olhar para essas funções sociais. Como atividade final, os estudantes entrevistaram as mulheres que trabalham na escola para trazer a vivência dessas mulheres à discussão e a interação da prática e a teoria para a aula.

A terceira, e última, oficina promoveu a discussão sobre gênero e diversidade sexual, na qual é o intuito aumentar a conscientização e respeito à comunidade LGBTQIAPN+ focando na problemática da transfobia e homofobia. Neste espaço foi trabalhado por meio de debates e

exibições de vídeos sobre a expressão de gênero e os diferentes tipos de orientação sexual. A oficina buscou desconstruir preconceitos e ampliar o entendimento dos estudantes sobre a diversidade, promovendo uma reflexão crítica sobre a importância do respeito e da inclusão.

Por fim, o projeto promoveu rodas de conversa com especialistas e professores convidados que enriqueceram as discussões com perspectivas teóricas e práticas. Entre os temas discutidos nos encontros, pode-se citar o uso da fotografia no ensino de Sociologia e as abordagens referentes ao feminismo e interseccionalidade, para citar alguns. Portanto, as rodas de conversas garantiram uma base teórica para as ações extensionistas, além de promoverem um espaço aberto de debate enriquecedor para todos os envolvidos.

Proporcionando uma experiência valiosa para os estudantes refletirem. Sendo interdisciplinar e inclusivo, ofereceu a eles uma oportunidade para aprender sobre temas complexos e desenvolver habilidades críticas sobre sua realidade. Portanto, acredita-se que o projeto desempenhou um papel significativo em suas formações como cidadãos críticos que levantam questões importantes sobre a necessidade de diversificação da educação e discussão social relevante.

O resgate da experiência vivida pelos estudantes através da atividade prática de fotografia, conecta-se diretamente com a discussão teórica que apresentamos a seguir. A ideia de usar a prática fotográfica como forma de captar a realidade cotidiana e estimular o pensamento crítico dos estudantes encontra respaldo nas reflexões de Walter Benjamin e Jorge Larrosa, que valorizam o retorno à experiência e à percepção crítica da realidade. No próximo subtópico, abordaremos como essas bases teóricas sustentam e explicam o impacto da prática realizada na escola.

### **4.3. A Experiência, Fotografia e Ensino de Sociologia**

Em Walter Benjamin podemos observar que o conceito de experiência é estudado em obras como *Experiência*, de 1913; “*Sobre o programa da filosofia do porvir*”, de 1918; “*Experiência e pobreza*”, de 1933; “*O narrador*”, de 1936”; e “*Sobre alguns temas baudelairianos*”, de 1939. A sua teoria não é fixa e plenamente estabelecida, mas sim uma procura contínua por definição e crítica constante. A partir de breves trechos, ensaios e análises literárias elaboradas pelo filósofo nos primeiros anos do século XX, podemos discernir a diversidade do seu posicionamento teórico.

Mesmo que Benjamin tenha revisado suas teorias e epistemologias ao longo do tempo, ele manteve uma consistência ética inabalável. O autor utiliza termos para distinguir entre

formas de experiência que são muito enraizadas em contextos culturais e aquelas que se tornam superficiais ou fragmentadas na modernidade. Ao discutir o tema, ele faz uso do termo *Erfahrung*, traduzido como “experiência”, embora seus significados e usos variem de acordo com o contexto de cada texto. Em seu texto “Sobre alguns temas em Baudelaire” de 1939, Benjamin emprega a palavra *Erlebnis*, traduzida para vivência, para descrever mais uma qualidade da “experiência”. É nesse texto que Benjamin define de maneira mais clara o que entende por *Erfahrung* (experiência):

Na verdade, experiência é matéria da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva. Forma-se menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória do que com dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem à memória (Benjamin, 1994, p. 105).

Isso indica dizer que a experiência não é apenas uma lista de coisas que a gente vive ou lembra de forma isolada e consciente. Para o autor, é como se acumula e transforma tudo que vivencia ao longo do tempo. Uma junção que a gente percebe conscientemente e outras que ficam no nosso subconsciente com “dados isolados” que são “rigorosamente fixados na memória” (Benjamin, 1994, p. 105).

Nossa memória, tanto a que compartilhamos com outras pessoas quanto a que é só nossa, vai se adaptando e reinterpretando o que aconteceu antes à medida que a gente vive novas experiências. Benjamin (1994) destaca a importância da tradição como um condutor para a experiência, onde os conhecimentos e práticas passados são transmitidos e transformados ao longo do tempo.

A experiência, nessa obra, é menos sobre a precisão dos dados individuais e mais sobre a profundidade e a riqueza dos contextos culturais e históricos que moldam a compreensão e a percepção do mundo das pessoas (Benjamin, 1994). Segundo seus escritos, Benjamin (1994) introduz a distinção entre dois tipos de experiência: a rica tradição da *Erfahrung* e a experiência empobrecida da modernidade, agora referida como *Erlebnis*. Ele busca separar e definir essa nova forma de experiência moderna, nas obras, traduzidas como a vivência.

Então, em Benjamin, falar de experiência é, antes de tudo, falar sobre como vivemos e mudamos no mundo moderno. Para ele, a experiência está ligada ao que é passado de geração em geração, carregando o peso da tradição. Benjamin vê a experiência como algo que é transmitido por meio de histórias contadas pelos mais velhos aos mais jovens.

No entanto, com o “monstruoso desenvolvimento da técnica”, ele argumenta que chegamos a uma “nova forma de miséria”, a pobreza de experiência (Benjamin, 1987, p. 115). Essa incapacidade de narrar e compartilhar experiências é um sintoma da modernidade, que

busca apagar os resquícios do passado no presente, já que o pensamento moderno e científico não deixa espaço para a dúvida. O entendimento de “Erfahrung” (experiência), abordada nos ensaios “Experiência e pobreza”, de 1933 (Benjamin, 1987), e “O narrador”, de 1936 (Benjamin, 1987), trata daquilo que nos une como comunidade ao exigir que seja comunicável. Essa concepção contrasta com o que muitas vezes é rotulado hoje como experiência na prática acadêmica.

Neste texto de 1933, o conceito de experiência se destaca dos anteriores, mesmo que não entre em contradição, o autor estaria sempre a voltar para melhorar sua temática. Em “Experiência e pobreza”, o termo “experiência” (Erfahrung) representa o conhecimento transmitido ao longo das gerações.

Em outras palavras, “experiência” se refere ao conhecimento acumulado ao longo do tempo, transmitido através de fábulas, histórias, parábolas ou provérbios. Benjamin observa que, enquanto para as pessoas do passado esse conhecimento da experiência era parte integral de suas vidas e história, os indivíduos modernos lutam para reconhecer esse tipo de sabedoria que era transmitida naturalmente entre as gerações (Benjamin, 1987, p. 114).

Dessa forma, o autor procura estabelecer os fundamentos epistemológicos para lidar com uma forma de experiência carente de conhecimento acumulado. Contudo, ele argumenta que somente através de mudanças éticas no homem moderno como a aceitação da pobreza, a capacidade de se contentar com menos e a busca incessante por mudanças é que um verdadeiro conceito de experiência pode ser construído sobre bases sólidas.

Benjamin (1987) sugere que o equívoco do homem moderno não está tanto em sua falta de experiência, mas sim em sua incapacidade de refletir criticamente sobre os limites e as possibilidades de sua experiência limitada. Os modernos, segundo ele, “devoraram tudo, a cultura e os homens, e ficaram saciados” (Benjamin, 1987, p. 119), sonhando com fragmentos de inúmeras experiências, mas sem conectar-se de forma integral e autêntica à realidade.

Assim, Benjamin sugere que os modernos não são simplesmente pobres em experiência; na verdade, estão sobrecarregados com uma multiplicidade de experiências de diversas origens e níveis, que obscurecem sua própria essência de experiência limitada (Benjamin, 1987, p. 119).

Já levando em consideração a contribuição de Jorge Larrosa (2002), “Costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre ciência e técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática”. O que pretendemos aqui, inspiradas na perspectiva apresentada pelo autor acima mencionado, é pensar a educação a partir do par experiência-sentido.

Isso supõe levar em consideração experiências que nos afetam, que nos tiram da nossa zona de conforto, que nos incomodam de maneira positiva ou negativa, que nos impulsionam para uma reflexão crítica sobre nós mesmos, sobre o outro e sobre o modo como nos relacionamos e como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece. Larrosa (2002) argumenta que “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permitem apropriar-nos de nossa própria vida”. A partir das reflexões expostas, brevemente acima, escolhemos o tema proposto para o nosso trabalho

Este trabalho apresenta a escola, a educação e o ensino através de uma genealogia da experiência, segundo Jorge Larrosa (2002). Com o objetivo de expor uma crítica às concepções normalizadoras do ensino e esboçar alternativas para a escola contemporânea, a educação é repensada como um lugar possível da experiência, ou melhor, da experiência como possibilidade da diferença.

Assim, a infância, a experiência e a filosofia se cruzam ao pensar o ensino: a infância tratada como o momento original do começo – não de modo cronológico, mas sim como a origem sempre presente –, a experiência como aquilo que nos acontece e que se passa por nós/em nós, como a infância do pensamento.

Nesse contexto, o trabalho aborda o ensino como possibilidade da experiência, em vez de matérias ou conteúdos, mais afetiva do que formal, mais próximo de uma técnica de si do que um mecanismo avaliativo, tendo em vista a prática de experiência, cuja finalidade é situar o saber da experiência no âmbito escolar.

Após a constatação acerca da pobreza da experiência, em diálogo próximo com Walter Benjamin e Giorgio Agamben, apresenta as características dessa noção para Larrosa por meio da análise de sua tese, segundo a qual a experiência é “aquilo que me passa”. Logo após, articula a noção de experiência com o tema da escola, ou melhor, da *scholé*, em sua origem grega como tempo livre. A conclusão permite reconstruir criticamente o discurso da sociedade pedagogizada e as bases da instituição escolar contemporânea.

Recorremos a Larrosa e suas teses sobre experiência, baseadas em Walter Benjamin, que destaca a crise do empobrecimento experiencial dos tempos atuais. A questão central é: o que está em jogo na experiência escolar? Como podemos pensar a educação, a escola, o ensino e a infância a partir da experiência? A relação da experiência com o ensino é importante para entender como, a partir da modernidade, a noção de experiência foi expropriada de sua função de possibilitar conhecimento. Ao pensar o ensino como uma possibilidade pautada na experiência, surge a questão: há experiência possível na escola? Larrosa (2002, p. 25) compreende a experiência como um “encontro ou uma relação com algo que experimenta, que

se prova”, destacando sua dignidade entre os saberes e práticas escolares. Diferentes formas de adquirir conhecimento não transformam o sujeito, pois o saber adquirido pela experiência se distingue do saber da informação.

Através do saber da informação, podemos obter novos conhecimentos, mas ao mesmo tempo dizer que nada nos aconteceu e que, portanto, não houve transformação, não houve experiência. De acordo com Larrosa: o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos. É importante, porém, ter presente que, do ponto de vista da experiência, nem “conhecimento” nem “vida” significam o que significam habitualmente (Larrosa, 2019, p. 27). Larrosa propõe uma “educação a partir do par experiência/sentido” (Larrosa, 2002, p. 20), destacando seu componente fundamental, qual seja, a “capacidade de formação ou transformação. É experiência aquilo que “nos passa” [...], e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (Larrosa, 2002, p. 25).

Desse modo, ele propõe uma leitura para ultrapassamento do modelo pedagógico institucionalizado, da “ordem do discurso pedagógico” (Larrosa, 2019, p. 74), uma “pedagogia profana” a partir da qual conseguimos compreender que: A vida, como a experiência, é a relação com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser. A vida é a experiência da vida, nossa forma singular de vivê-la. Por isso, colocar a relação educativa sob a tutela da experiência (e não da técnica, por exemplo) não é outra coisa que enfatizar sua implicação com a vida, sua vitalidade. (Larrosa, 2019, p. 74).

Para Larrosa (2019), a experiência é tudo o que acontece conosco, nos forma e nos transforma, ou melhor, que possibilita uma transformação como interrupção do mesmo e da representação. Em outras palavras, refere-se ao acontecimento da alteridade. Dessa forma, a experiência se aproxima do ensino não como um método ou grade de conteúdo, mas sim como uma travessia e emergência singular.

Essa palavra-conceito “experiência” serve de guia. Escrever e falar nela, em vez de falar ou escrever dela, é o que pretende Larrosa. Segundo o autor, a problematização da experiência, no universo da filosofia, está posta desde a Época Clássica, porém: na filosofia clássica, a experiência foi entendida como um modo de conhecimento inferior, talvez necessário como ponto de partida, mas inferior: a experiência é só o início do verdadeiro conhecimento ou ainda,

em alguns autores clássicos, a experiência é um obstáculo para o conhecimento verdadeiro, para a verdadeira ciência. (Larrosa, 2004, p. 21-22).

A insuficiência da experiência estaria na impossibilidade de traduzir o que foi apreendido por esse mecanismo em algo que seja universal e necessário, uma vez que, pela experiência, só se poderia obter pensamentos particulares e contingentes. Nesse sentido, a *empeiria* (experiência), em sua origem grega, seria inferior à *techné* (arte), capaz de produzir conhecimentos universais, reprodutíveis e mensuráveis. Segundo Larrosa, a ocorrência da experiência é o avesso da sua objetivação, homogeneização ou previsibilidade, não é possível fabricá-la ou predizê-la em termos metodológicos, visto que a experiência não é uma prática, não tem a ver com a ação, mas com a paixão, com a abertura ou exposição, por isso o cuidado com a linguagem para expressar a vivência, essa sim, que se abre como experiência.

Desse modo, podemos dizer que o sujeito da experiência não se caracteriza por sua força, mas pela sua fragilidade, por sua vulnerabilidade, por sua ignorância, por sua impotência, pelo que uma e outra vez escapa a seu saber, a seu poder, à sua vontade, sobretudo quando queremos dizer da experiência, afinal, como da própria vida, que habitamos “guetos e cárceres de diversas espécies como as fábricas, as escolas, os manicômios, os hospitais, os condomínios geminados e os diversos tipos de escritórios” (Larrosa, 2019, p. 108) e que se estes são muros que nos cercam, nos aprisionam, também “são muros a metafísica, a ciência, a moral, a política, a religião, a arte e as formas consensuais de linguagem” (Larrosa, 2019, p. 106).

Por isso, não podemos fazer da experiência um conceito, pois ela não se permite definir, nem determinar, nem delimitar. Porque não se ajusta à ontologia do ser, mas a do acontecer. Sem dúvida, pode-se habitar também os espaços educativos experiencialmente (não só técnica, crítica ou profissionalmente), mas o que ocorre é que não sabemos como, justamente porque é necessário ter inventado, provado, criado, experimentado. Digamos que um pensamento da educação que reclame experiência é um pensamento que ainda tem que ser pensado ou, dito de outro modo, um pensamento que ainda está por pensar, ou melhor, que sempre está por pensar.

Assim, ao refletirmos sobre a experiência como um processo que escapa à razão, ao controle e à estrutura rígida dos saberes consolidados, entendemos que a educação, enquanto prática experiencial, não pode ser restrita a uma mera transmissão de conteúdos técnicos ou metodológicos. No entanto, como apontado por Bodart (2023), a prática pedagógica também deve abrir espaço para que o estudante vivencie e reflita sobre o mundo social de maneira dinâmica e sensível. Neste sentido, a fotografia, ao ser incorporada como ferramenta pedagógica, propicia um olhar renovado sobre o cotidiano, permitindo ao aluno não apenas capturar imagens, mas experimentar uma nova forma de compreender a realidade social. Dessa

forma, a fotografia emerge como uma prática de reflexão sociológica, potencializando a capacidade de enxergar e interpretar o mundo, alinhando-se à proposta de uma educação que se alimenta da experiência, da invenção e da transformação.

#### **4.4. A Fotografia como Experiência e Reflexão Sociológica**

A atividade prática de fotografia foi cuidadosamente planejada para garantir que os estudantes pudessem ter uma experiência educativa e prática, pois, como Bodart (2023) menciona, é função do professor de Sociologia trazer o estudante para um desenvolvimento de um novo olhar sobre o mundo, promovendo condições para reler o mundo social por meio de uma orientação que a Sociologia pode proporcionar.

O autor também nos diz que essa percepção figuracional contribui para o desenvolvimento de uma compreensão da realidade social, trazendo uma prática de enxergar aspectos do mundo que antes não eram conhecidos, ampliando as possibilidades para uma transformação social. A fotografia, nesse contexto, potencializa as condições para o desenvolvimento dessa competência (Bodart, 2023).

Antes de iniciar a prática, os estudantes participaram de uma aula onde foram apresentadas algumas fotografias que retratam os últimos anos da escravidão no Brasil. Isso trouxe a compreensão de como as fotografias feitas na época refletiam a visão de mundo dos fotógrafos europeus e não a visão de mundo das pessoas escravizadas ou das pessoas que aqui viviam.

Após essa reflexão sobre a conexão entre fotografia e visão de mundo, discutiu-se como os estudantes também podem expressar suas vivências, suas realidades, suas críticas e construir uma “imaginação sociológica”, se alinhando com a ideia de Mills (1982), defendendo uma abordagem mais crítica e reflexiva levando em conta a criatividade e a imaginação.

Os estudantes foram divididos em pequenos grupos, duplas ou trios, e cada grupo pôde explorar o ambiente escolar e analisar o que queriam fotografar. Os estudantes foram direcionados a prestar atenção nas relações sociais, nas dinâmicas de gênero, de trabalho, de comunidade escolar e relações étnicas. Também foram incentivados a perceber se havia algo a criticar no ambiente em que passavam o dia inteiro. Os estudantes tiveram um período determinado e contaram com a companhia das monitoras e da coordenadora do projeto de extensão para explorar o ambiente escolar e a comunidade, capturando imagens que pudessem treinar suas percepções e reflexões sobre os temas propostos.

Os estudantes puderam utilizar seus smartphones, devido à facilidade de manuseio e às funções automáticas de suas câmeras (Bodart, 2023). Aqueles que não tinham celulares puderam formar grupos e utilizar os celulares dos colegas. Após o tempo destinado à atividade, os estudantes retornaram para a sala, enviaram as fotografias e conversaram sobre o que capturaram e por que escolheram aquelas imagens.

Podemos destacar que os estudantes se envolveram muito na questão da infraestrutura e das dificuldades que enfrentavam com as problemáticas estruturais da escola, que atualmente está em reforma. Os estudantes puderam refletir em uma roda de conversa sobre a experiência, mostrando as fotos e explicando o que queriam retratar.

Durante a realização da atividade fotográfica, percebeu-se um aumento significativo na empolgação dos estudantes. A mudança fora do contexto tradicional das quatro paredes da sala de aula pareceu ser um fator motivador importante. Sair de uma rotina vista como teórica e participar de uma atividade mais prática, como a da fotografia, trouxe uma nova dinâmica para o processo de ensino-aprendizagem. Os estudantes mostraram um aumento de interesse e participação, demonstrando motivação ao experimentar atividades diferentes, o que aumentou o engajamento e a disposição para realizar a atividade prática.

Segundo relato de uma aluna do segundo ano, durante a rodas de conversa, “(...) algo que foge da nossa realidade dentro da escola, de passar o dia todo sentado na cadeira, na sala de aula, estudando, e ouvindo o professor falando, acho que a maioria aqui, que fez essa atividade começou a perceber a escola de forma diferente.” (Aluna 2J, 2023) Este depoimento reflete a mudança de percepção em relação ao ambiente escolar proporcionada pela atividade fotográfica.

Além disso, outro aluno do segundo ano destacou que a atividade prática permitiu um aprendizado mais efetivo e significativo: “Acho que foi uma aula que fez a gente absorver melhor sobre o dia a dia, eu me senti treinando meu ponto de vista, porque no ensino integral, a gente passa o dia inteiro só ouvindo os professores na frente do quadro, muitas vezes.” (Aluno 2D, 2023)

A crítica à superficialidade da modernidade de Benjamin (1994) é destacada pela Aluna IV (2024) que afirmou durante o grupo focal: “Eu acho que a fotografia que a gente fez sobre a escola mostrou também que nem todas as fotos são belas e perfeitas, sabe? Mostra a realidade e que a gente estava tentando de alguma maneira resolver aquilo”. A prática fotográfica, ao focar nas imperfeições e na realidade nua, contribui para a recuperação de uma experiência crítica e significativa, contrastando com a tendência contemporânea de se concentrar apenas no estético e no superficial que tanto se vê nas redes sociais. Essa perspectiva está em sintonia com

a visão de Benjamin (1994) pois a fotografia como uma ferramenta didática pode tanto contribuir para a alienação quanto para a recuperação da experiência crítica.

Além disso, as observações da Aluna IV sobre a “percepção de sentimentos” proporcionados pela fotografia, contrastam com a superficialidade da informação:

“Através da fotografia a gente conseguiu perceber coisas que a gente não percebia antes. [...] além da fotografia, existia todo um sentimento ali, porque era a gente que estava sentindo aquilo, era a gente que estava vivendo aquilo, entendeu? Então, tipo, fez muita diferença porque não foi só uma coisa de ver no livro didático, ah, uma fotografia, o que você vê nessa imagem que não tem nada a ver com seu dia a dia? Não, eu vivo aquela imagem, entendeu? Então foi uma coisa assim, uma experiência bastante importante, e realmente fez muita diferença, eu acho que para todo mundo que fez o trabalho, fez uma diferença, porque a gente conseguiu não só olhar a fotografia, mas a gente conseguiu ver a perspectiva daquela fotografia, o sentido daquela fotografia, a gente sentiu, e passou a enxergar as coisas com uma visão mais crítica, até sobre as relações de poder, de gênero e etc., né?” (Aluna IV do primeiro ano, junho, 2024).

Levando essa fala em consideração, Larrosa (2002) argumenta que a informação, ao contrário da experiência, muitas vezes cancela a profundidade da vivência. A experiência fotográfica trouxe uma nova dimensão emocional e crítica, evidenciando a importância de resgatar o sentimento e a vivência autêntica no processo educacional.

Outro aluno destacou a importância da prática fotográfica ao perceber a relevância do trabalho cotidiano de outras pessoas: “A fotografia fez a gente ver o quanto o trabalho delas [tias da cozinha] é importante, [...] fez que parar pra pensar mais nas coisas que tão na cara da gente e a gente não percebe.” (Aluno 5, 2024) Essa observação reflete a capacidade da fotografia de revelar aspectos do cotidiano que normalmente passam despercebidos, resgatando a experiência significativa de perceber e valorizar o trabalho e as relações sociais que são frequentemente ignoradas na rotina diária.

Finalmente, a fala do aluno sobre a observação das interações sociais: “Quando a gente para pra tirar a foto, a gente pode perceber as coisas funcionando, ou não também, vê pessoas andando, as pessoas conversando, convivendo,” (Aluno 6, 2024) destaca como a fotografia possibilitou uma observação crítica das interações sociais. Isso também está em consonância com a crítica de Benjamin (1994) à superficialidade da vida moderna e ressalta a importância de desacelerar para recuperar a profundidade da experiência vivida.

Assim, a atividade fotográfica mostrou-se uma ferramenta poderosa para trazer uma mudança significativa à percepção dos estudantes sobre o ambiente escolar e as dinâmicas sociais. A prática da fotografia permitiu que os estudantes adquirissem uma atitude crítica e reflexiva. A análise da conexão entre a experiência do aluno e as teorias discutidas enfatiza o potencial da fotografia como um meio para formar uma compreensão mais profunda da

realidade social e criar uma visão de mundo mais crítica, despertando sua visão de mundo. No próximo capítulo refletiremos acerca da fotografia como ferramenta de resistência ao utilitarismo que toma conta da vida social e da escola na contemporaneidade.

## **5. O UTILITARISMO E A ARTE COMO RESISTÊNCIA**

Este capítulo dedica-se a discutir o último dos objetivos específicos deste trabalho: Problematizar o projeto utilitarista das escolas públicas integrais técnicas e o uso da arte como práticas de resistências no cotidiano escolar de uma ECIT. A partir dessa análise, buscamos compreender como a lógica utilitarista impacta o cotidiano escolar e, ao mesmo tempo, investigar de que maneira a arte pode se tornar um contraponto a esse modelo, promovendo espaços de expressão, reflexão e construção de sentidos mais amplos para os estudantes.

### **5.1. O Ensino Técnico sob uma Perspectiva Utilitarista**

A reforma do novo ensino médio no Brasil, ancorada pela Lei nº 13.415, de fevereiro de 2017, altera vários artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e traz outras alterações muito criticadas por movimentos de professores e estudantes. As reformas educacionais geralmente são colocadas em prática de maneira gradual e a 13.415/2017, em específico, traz um histórico educacional alinhado com ideais empresariais. Isso se torna ainda mais complicado devido ao interesse de órgãos internacionais, que desempenham um papel de financiadores, e ao envolvimento do empresariado, que, de certa forma, influencia nas conversas e debates sobre o assunto. Como discute Laval (p. 33. 2004):

O neoliberalismo atual não vem transformar a escola bruscamente. Muito cedo, numerosos autores se dedicaram a definir e construir uma escola de acordo, em todos os pontos, com o espírito do capitalismo. A presente mutação é, na realidade, a atualização, em uma fase mais madura da sociedade de mercado, de uma tendência presente nas obras desde muito tempo.

O texto pode ser usado para pensar sobre o atual cenário da educação dominado pelo setor empresarial no Brasil. As medidas da reforma estão vinculadas a interesses políticos e exigências econômicas, prejudicando a qualidade do ensino e o bem-estar coletivo. E essa abordagem neoliberal ou “empreendedora”, como popularmente é chamada, atualmente se mescla com uma lógica nacionalista, autoritária e disciplinar.

Essa combinação está em desacordo com os objetivos e as formas que uma educação emancipatória efetiva. As reformas na educação que houve na história do país, na maioria das vezes, não foram realmente projetadas para resolver problemas específicos da educação em si. Ao contrário das palavras, na prática, as ações, na imensa maioria das vezes, estão ligadas aos interesses políticos e empresariais, além das ideologias promovidas por organizações internacionais. Isso reflete a influência do neoliberalismo na legislação e organização.

A carga horária e a reorganização do currículo são as principais mudanças que a Lei nº 13.415/2017 traz. A legislação altera o artigo 24 da Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que estabelecia 800 horas para o ensino médio, distribuídas em pelo menos 200 dias letivos por ano. Mudando a carga horária progressivamente para 1400 horas, ou seja, 7 horas por dia, totalizando 200 dias letivos, caracterizando assim o ensino integral com implementações que se distanciam de uma formação crítica dos estudantes. Como Laval (2004) defende, que na abordagem neoliberal, a escola torna-se um instrumento alinhado às demandas do mercado, e a pedagogia das competências é adotada com o propósito de desempenhar essa função.

Essa pedagogia coloca em foco componentes e conteúdos mais alinhados aos interesses do mercado, caracterizados pela busca de resultados práticos e pela rápida aplicação de conhecimentos na resolução de questões concretas. Assim sendo, “o utilitarismo que caracteriza o “espírito do capitalismo” não é contra o saber em geral, nem mesmo contra o saber para um maior número de pessoas, ele vê o saber como uma ferramenta a serviço da eficácia do trabalho.” (Laval, 2004).

Nesse contexto de que o paradigma educacional, está intrinsecamente vinculado aos interesses do mercado, são incorporadas às práticas escolares que visam formar estudantes capazes de se tornarem trabalhadores alinhados aos padrões demandados pelos empresários, até a própria linguagem escolar pode ser interpretada como linguagem de mercado, Laval (2004) destaca o uso estratégico da palavra “competência” e como diz respeito à uma forma de gestão de recursos humanos, diretamente das empresas para a escola, ou seja,;

Essa conversão do sistema escolar às necessidades económicas supõe uma hibridação das categorias de inteligibilidade e de legitimidade. Na intersecção da economia e da educação, em uma zona de recobrimento lexical, palavras de concordância, de convivência e de passagem entre as esferas permitiram uma concepção homogênea dos campos da economia e do ensino. (Laval, 2004, p 45)

Seguindo este pensamento, podemos perceber que as estratégias de ensino estão passando por uma reconfiguração, alinhando-se à abordagem baseada em competências, caracterizando uma espécie de taylorismo e burocratização da educação. Essa perspectiva de competências, que busca tornar o ensino mais “técnico”, estabelece uma conexão quase automática com o ambiente empresarial. Como Laval (2004) bem dialoga a seguir;

Os economistas designam capital humano, o “estoque de conhecimentos valorizáveis economicamente e incorporados aos indivíduos”. São as qualificações adquiridas inicialmente, seja no sistema de formação, seja na experiência profissional. Mais amplamente, essa noção pode englobar os múltiplos trunfos que o indivíduo pode fazer valer no mercado e fazer reconhecer junto aos empregadores como fontes

potenciais de valor: aparência física, civilidade, maneira de ser e de pensar ou estado de saúde, por exemplo. (Laval, 2004, p 25)

A educação sendo associada à eficácia, performance e competência, incorporando a lógica econômica no ambiente escolar em busca de uma representação predominantemente prática do conhecimento útil, do pragmático. A formação dessas categorias, que desempenham papéis duplos, educativos e produtivos, não deve ser subestimada.

A mudança reside na intenção de pensar de maneira contínua o que anteriormente era considerado descontínuo, ou seja, a transição do estado de estudante para o estado ativo de trabalhador. A abordagem atual na educação básica foca em inculcar nos estudantes os valores utilitários, habilidades técnicas e a mentalidade alinhada à corrente neoliberal de trabalho. Limitando as oportunidades de emancipação, reflexão e ascensão crítica para os alunos, ao não promover metodologias que os permita desenvolver seu aprendizado efetivo de forma verdadeiramente ativa.

No entanto, no ano de 2024, especificamente no dia 31 de julho, foi sancionada a Lei de nº 14.945 que estabelece o novo ensino médio. A principal mudança inclui o aumento da carga horária mínima anual do ensino médio de 1.000 para 1.400 no ano, até 3.000 horas no total. O currículo tem quatro áreas acadêmicas principais: linguagens e suas tecnologias, integrada pela língua portuguesa e suas literaturas, língua inglesa, artes e educação física; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias, integrada por biologia, física e química; ciências humanas e sociais aplicadas, integrada por filosofia, geografia, história e sociologia.

Deste total, 2400 horas serão destinadas para as disciplinas da base geral, as estantes horas serão destinadas a um horário educativo que proporcione itinerários de aprendizagem, mas nesse documento diz que serão adaptados às necessidades e objetivos de cada aluno. A lei também destaca a importância de garantir a inclusão de estudantes em condições de vulnerabilidade social, bem como a oferta de educação profissional e tecnológica articulada com o ensino médio.

O Ministério da Educação será responsável por estabelecer diretrizes para a implementação dessas mudanças até o final de 2024, com o início da aplicação do novo currículo previsto para o ano letivo de 2025. A nova legislação afirma buscar promover uma educação mais integrada, com ênfase no desenvolvimento integral dos estudantes, reconhecimento das especificidades das populações atendidas e a construção de projetos de vida.

As alterações serão implementadas e concluídas em 2025 prometendo aprofundar algumas transformações que ocorreram pela incidência dos movimentos de professores e estudantes junto ao Congresso e ao Ministério da Educação. A comparação das leis de 2017 (nº 13.415) e de 2024 (nº 14.945), revela um aprofundamento de alguns princípios que regiam a lei anterior, mantendo o projeto de vida de forma reformulada. A proposta deixou de trabalhar exclusivamente como uma preparação para o mercado de trabalho e agora é ressignificada para o “mundo do trabalho”, sendo visto como um dos princípios organizativos do ensino médio, juntamente com a formação cidadã. No entanto, essa mudança perpetua uma visão utilitarista do ensino médio.

Além disso, o reconhecimento de aprendizado na conclusão de cursos de qualificação profissional pode legitimar a precarização do ensino e dar margem à legitimação do trabalho infantil. Outro aspecto que evidencia a incidência dos movimentos estudantis e de professores foi o retorno de Filosofia e Sociologia ao currículo, estabelecendo essas disciplinas de forma efetiva. Isso é crucial, pois garante que as matérias sejam reconhecidas como disciplinas autônomas e não apenas como componentes curriculares. Com isso, assegura-se que as aulas sejam ministradas por professores especializados, garantindo o direito à educação com profissionais qualificados na área.

No entanto, a ausência de um veto sobre a desintegração de partes do currículo, evidenciada na implementação dos itinerários formativos, levanta preocupações sobre o risco de fragmentação da formação dos estudantes. Esse modelo de escolha por itinerários, ao invés de uma formação básica unificada, pode gerar uma formação menos cidadã e crítica, e mais voltada às exigências do mercado de trabalho, o que contraria a proposta de uma educação integral.

Assim, ao analisar essas implicações no modelo educacional, evidencia que essa abordagem não somente desconsidera uma formação integral ela limita o desenvolvimento crítico e a expressão dos estudantes pontos que são fundamentais para uma educação que se importa com a pluralidade de saberes. Nos levando a refletir sobre a urgência de práticas que possam equilibrar essa lógica, abrindo espaço para crítica e a atividade de reflexão.

Nesse contexto, a inserção das atividades práticas com interdisciplinaridade de Artes e Sociologia pode ser vista como uma estratégia para subverter essa lógica tecnicista, utilizando as possibilidades e as brechas da integralização curricular e os projetos de vida podendo projetos e pesquisas transversais que, a critério dos sistemas de ensino, podem incorporar o uso de expressões artísticas, como fotografia, para o desenvolvimento de metodologias investigativas

e a conexão com a vida comunitária. promovendo uma formação mais holística e significativa que valoriza a criatividade, a expressão individual e a reflexão crítica sobre a realidade.

## **5.2. A Arte como prática de resistência na Paraíba**

A arte, enquanto prática cultural e educativa, proporciona um espaço de resistência e reflexão, permitindo que os estudantes expressem suas vivências e críticas sociais. Muitas vezes, algumas questões deixam brechas, oportunidades para que, em cada realidade, sejam colocadas em prática das formas que mais fazem sentido naquele espaço. No cenário estadual da Paraíba, há currículos e leis sobre o uso das múltiplas artes. A Lei 12.792/2023 integra o ensino das Artes Visuais como parte das disciplinas curriculares da Educação Básica, visando o reconhecimento e valorização da produção artística local, regional e estadual.

Nesse contexto, o uso da arte tem o potencial de transformar o *habitus* dos alunos; segundo Pierre Bourdieu (1983), é um conjunto de estruturas pré-reflexivas que incluem percepções, avaliações e expectativas formadas ao longo da vida. Com a arte, os estudantes não apenas expressam suas vivências, mas reconfiguram suas identidades e formas de entender o mundo social. Essa transformação permite novas perspectivas que enriquecem a experiência escolar e possibilitam a reflexão crítica da realidade social. Dessa forma, a arte emerge como ferramenta de resistência e reflexão, desafiando normas e promovendo uma educação mais crítica.

Nos documentos curriculares e diretrizes operacionais do ensino médio das escolas estaduais da Paraíba, cuja versão mais recente encontrada data de 2018, também está presente, na parte diversificada do currículo, oficinas de arte, trazendo propostas para ampliação do acesso à cultura aos estudantes por meio de práticas artísticas que buscam proporcionar uma formação mais completa e integrada, mesmo que se note um foco dessas questões artísticas para as disciplinas de Linguagens.

Mesmo percebendo uma certa lacuna no currículo para o uso das artes no ensino de Sociologia, podemos analisar a existência de projetos e ações como o “Arte em Cena” respaldado no Decreto nº 40.000, de 15 de janeiro de 2020, é um Festival de Arte e Cultura na Escola que busca promover o acesso e a prática de manifestações artísticas nas escolas da rede estadual da Paraíba. Incentivando a realização anual deste festival para fortalecer os vínculos culturais e afetivos dos estudantes com a produção artística local e nacional, destacando a importância da arte como elemento integrador no cotidiano escolar. Contemplando várias modalidades, incluindo artes visuais, sendo coordenado pela Secretaria de Estado da Educação

e da Ciência e Tecnologia em colaboração com entidades culturais. Representando uma educação artística para uma formação mais completa.

Levando em conta também o documento do currículo do ensino médio na Paraíba do ano de 2018, percebe-se o ensino de Artes como uma disciplina e seu currículo<sup>5</sup> é estruturado com a presença de história da arte e subáreas como desenho, pintura, escultura, fotografia, audiovisual entre outras. Percebendo a arte como um meio de construir identidade e refletir valores sociais, políticos e científicos, para além da expressão.

O currículo demonstra também o desenvolvimento da criatividade de forma autônoma dos estudantes, mostrando destaque da experiência artística para a formação da identidade e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais. Com uma abordagem do tipo triangular de Barbosa (2010) com momentos de fruição, experimentação e contextualização podendo garantir uma experiência significativa se conectando com a arte de forma prática, efetiva e reflexiva visando explorar conexões entre arte e as realidades sociais e culturais dos estudantes.

Sendo assim, o currículo do ensino médio de 2018 para a disciplina de artes visuais na Paraíba é uma proposta educativa completa. Busca transmitir conhecimentos teóricos sobre a arte e promove a reflexão crítica sobre o papel da experiência artística na sociedade e na vida dos indivíduos. Valoriza a expressão artística como uma necessidade humana de desenvolvimento pessoal, social e reflexivo quando aplicada de forma prática e construtiva. É possível alinhá-la às propostas do ensino de Sociologia, incluindo um movimento de interdisciplinaridade, não apenas pelo uso de ferramentas artísticas ou artefatos culturais para dinamizar as aulas. A presença das artes em práticas cada vez mais empresariais nas escolas transcende esse propósito e valoriza uma formação integral do estudante. Mostra que o aprendizado vai além das competências instrumentais e explora a criatividade e subjetividade dos alunos.

Mesmo que atividades artísticas sejam incorporadas ao currículo é interessante analisar como elas podem se encaixar no modelo educacional que foca no utilitário. Não apenas auxiliando no desenvolvimento de habilidades práticas, mas servindo como um canal para expressão crítica e pessoal que permita os estudantes refletirem sobre o mundo que o cerca, inclusive, o próprio sistema educacional. Incentivos à resistência cultural, como a arte, pode ser

---

<sup>5</sup> No currículo de Artes Visuais do ensino médio, conforme disposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017) , são abordadas competências como EM13LGG102, EM13LGG202, EM13LGG203, EM13LGG303, EM13LGG304, EM13LGG601, EM13LGG602, EM13LGG604 e EM13LGG105, que abrangem desde a análise crítica de visões de mundo e relações de poder até a apreciação estética e participação em práticas artísticas, promovendo uma formação integral e contextualizada.

um meio de questionar e reconfigurar a realidade, promovendo o pensamento crítico e a construção de identidades. Após percebermos na teoria como isso funciona, vamos analisar um pouco da prática da escola campo. No contexto da ECIT Severino Cabral, podemos perceber a presença de atividades artísticas em sua identidade, como já foi citado. Mas para além de saraus e festivais de arte, a professora de Sociologia também afirma utilizar em suas aulas ferramentas artísticas como cinema, música e poesia, para conteúdo como a estratificação social e ela ressalta que:

A arte é indispensável para o ensino da Sociologia, sobre todo ponto de vista, porque ela é que dá sentido ao que nós falamos, ela é que dá sentido ao que nós precisamos repassar para eles. Então, fazer uso de tudo que traz... reconhecimento de mundo, tudo que traz a realidade deles, escutar uma música de Racionais, de trazer um curta-metragem falando sobre racismo estrutural, tudo isso agrega muito e tira a perspectiva tradicional de educação. A gente não quer só leitura, né? Como diz a música de Titãs, a gente quer muito mais do que isso, a gente quer arte e tal, e é só assim, é para dar sentido às coisas. A gente dá aula utilizando a arte para dar sentido à vida. (Professora de Sociologia, 2024).

A professora destaca como a inclusão artística junto a Sociologia contribui para uma contextualização e análise, permitindo que eles percebam a sociedade por novas perspectivas. Uma abordagem prática que usa de elementos da cultura popular artística não somente diversifica a aula, mas promove uma experiência de aprendizado mais significativa e engajadora como discutimos anteriormente. Se alinhando a fala da Aluna IV:

A falta de artes na escola técnica é uma coisa que pode pesar mesmo na nossa realidade de escola técnica. Porque as artes trazem essa liberdade de expressão, de criar, de enxergar o mundo de outros jeitos. E lá, como a gente foca muito nas matérias técnicas, acaba que a gente perde um pouco disso. As aulas práticas ajudam muito, mas as artes, por exemplo, fazem a gente pensar fora da caixa, estimulam nossa criatividade e até nosso desenvolvimento como pessoa. Quando a gente faz uma atividade como essa da fotografia, a gente percebe como é importante ter esse tipo de coisa. Porque você não só aprende o conteúdo, mas também começa a desenvolver uma visão mais crítica e humana do mundo. Tipo, eu interpretei de um jeito, outro aluno viu de outro. A prática é essencial, de verdade. Não só na Sociologia, mas em todas as matérias. (Aluna IV, 2024).

Seguindo esse sentido podemos observar como a arte opera com uma ferramenta de resistência e questionamento das estruturas sociais, abrindo espaço para debates aprofundados sobre as dinâmicas sociais que os rodeiam e favorecendo uma educação que prioriza os estudantes e suas vivências. Ao dialogar sobre essas questões, a Aluna II (2024) afirma “a arte e a Sociologia se conectam quando a gente começa a pensar criticamente sobre a sociedade”. Arte se torna um veículo de empoderamento da própria história e cultura sendo uma construção também identitária muito importante em contextos onde os estudantes podem enfrentar exclusão e marginalização.

No entanto, é imprescindível reconhecer desafios que podem ser enfrentados na implementação dessas práticas artísticas a Aluna III (2024) destaca um pouco da pouca valorização de algumas disciplinas da realidade da escola: “as disciplinas de artes e humanas são deixadas de lado, como se não tivessem um valor na vida e nem fizessem nada pro (mundo do) trabalho”. A escola Severino Cabral está inserida em um contexto marcado pela pressão do projeto utilitário e neoliberal que por muitas vezes foca nos resultados quantitativos e não nas experiências educativas significativas em ponto desafios, a identidade da escola e as práticas educacionais podendo gerar uma tensão entre exigências externas e os anseios da comunidade escolar.

Michel de Certeau (1998) em sua obra *Invenção do Cotidiano* nos destaca como é importante reconhecer as práticas cotidianas e suas singularidades, muitas vezes desconsideradas na lógica predominante cientificista. Nos leva a refletir acerca de como educação pode ser transformada valorizando experiências e saberes dos estudantes e dos professores.

Superando a padronização e a repetição assim, as práticas artísticas como a atividade de fotografia realizada em sala e a inclusão de dinâmicas que se alinham ao cotidiano dos estudantes se tornam fundamentais para a construção de uma educação mais significativa. Questionando não apenas a prioridade do sistema educacional, mas promovendo um conhecimento vindo das experiências permitindo uma aproximação mais autêntica com a realidade social dos alunos e suas formas de expressão.

A pressão não é recebida passivamente dentro da realidade das escolas com o equilíbrio de integrar práticas artísticas torna-se um espaço de resistência e transformação onde tais atos se transformam em contestação e afirmação da identidade. Emergindo como um contraponto ao utilitarismo educacional.

Portanto é importante propor reflexões sobre tal equilíbrio, a pressão do projeto neoliberal e a resistência manifestada por meio das práticas da escola. Questões como de que forma as artes podem ser utilizadas como ferramentas para enfrentar os desafios por essa realidade é crucial para entender a dinâmica interna da escola Severino Cabral com essa dualidade e para imaginar possibilidades de construção de um espaço educacional mais humano e significativo.

Diante disso podemos constatar que a escola ao integrar tais práticas no cotidiano escolar se apresenta como um modelo a ser seguido onde a educação pode ir além de um simples lugar para se obter conhecimento, mas promovendo uma transformação social e pessoal nesse

percurso. Com a utilização das artes os alunos são convidados a questionar a refletir e acima de tudo sonhar com o futuro em que suas vozes sejam reconhecidas e valorizadas.

A partir das problematizações apresentadas se evidencia que as práticas artísticas implementadas no ensino de Sociologia não apenas enriquecem a experiência educativa, mas também se torna uma forma de resistência contra a visão utilitarista que muitas vezes permeia o ensino técnico. E as análises feitas das falas dos estudantes e da entrevista com a professora mostraram que mesmo em um contexto que afirma preparar os estudantes para um mercado do trabalho a arte se posiciona como uma parte essencial para a construção de uma identidade crítica e reflexiva para o mundo social incluindo o mundo do trabalho contribuindo para o desenvolvimento de habilidades promovendo criticidade e um ambiente escolar mais completo.

A inclusão da arte em uma educação utilitarista parece paradoxal. Enquanto o ensino técnico foca na preparação prática para o mercado, a arte promove reflexão e criticidade, sem uma utilidade imediata. Contudo, essa tensão é uma oportunidade, não uma contradição.

A arte desafia a ideia de que a educação deve ser apenas funcional, criando espaço para criatividade e pensamento crítico. Longe de enfraquecer o foco prático, a arte o enriquece. Forma profissionais que não apenas executam tarefas, mas que questionam e inovam. O paradoxo se dissolve quando percebemos que a arte prepara os alunos para o mundo do trabalho e também para compreender e interagir de forma crítica com o mundo social.

Mostrando também que a valorização da arte no cotidiano escolar é um desafio em meio a narrativas tecnicistas proporcionando espaços para que os alunos não apenas desenvolvam suas capacidades práticas, mas também o seu pensamento reflexivo acerca do mundo social. Por fim, para pesquisas futuras e para aprofundar o tema podemos analisar como durante as atividades e durante a pesquisa podemos perceber como os alunos utilizaram a fotografia como uma forma de resistência, como trabalhada aqui, como forma de denúncia, evidenciando as fragilidades e questões da estrutura do prédio da escola, que hoje está em reforma.

Nas imagens apresentadas como na Figura 1, que retrata uma construção inacabada de uma sala, na Figura 2, que mostra o laboratório sem usos pois a construção estadual também tinha sido interrompida, e na Figura 3 denunciando o estado da laje acima do refeitório e salas, com mofos e estruturalmente danificada.

Figura 1 - Fotografia produzida por aluno do primeiro ano.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2023).

Figura 2 - Fotografia produzida por aluno do primeiro ano.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2023).

Figura 3 - Fotografia produzida por aluno do primeiro ano.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2023).

Onde essa atividade permitiu que eles expressassem o seu cotidiano e as dificuldades percebidas de uma forma impactante contribuindo para uma discussão mais ampla sobre as

condições das escolas públicas e a utilização da fotografia como meio de denúncia dos estudantes.

## 6. METODOLOGIA

Ao buscarmos discutir os sentidos e significados dados pelos estudantes do ensino médio no uso da fotografia no ensino de Sociologia, tendo como objetivo geral: investigar os sentidos e significados atribuídos pelos estudantes da educação básica ao uso da fotografia na construção de uma “imaginação sociológica”. E os objetivos específicos: Perceber a importância que a iconografia tem cada vez mais no cotidiano das juventudes, podendo ser utilizados como recursos de pesquisa no ensino de Sociologia na Educação Básica; Analisar os sentidos e os significados dados pelos estudantes com a experiência fotográfica no Ensino de Sociologia nas ações extensionistas realizadas na escola; Problematizar o projeto utilitarista das escolas públicas integrais técnicas e o uso da arte como práticas de resistências no cotidiano escolar de uma ECIT.

Como caminho metodológico escolhemos o estudo de caso, com alunos dos 1º e 2º anos da ECIT Severino Cabral, localizada no bairro de Bodocongó, na cidade de Campina Grande-PB. A partir do uso da fotografia no minicurso realizado pelo projeto de extensão Juventudes em Debate - Cota 2023-2024. Conforme Yin (2010), o estudo de caso pode ser considerado uma estratégia metodológica de muita importância para a pesquisa em ciências humanas, uma vez que possibilita ao investigador se aprofundar no fenômeno estudado, revelando detalhes que podem ser difíceis de perceber apenas com uma observação superficial. Além disso, segundo o autor, o estudo de caso pode promover uma visão abrangente dos acontecimentos da vida real, destacando seu caráter de investigação empírica de fenômenos contemporâneos.

Tendo como abordagem a pesquisa exploratória para compreender a relação entre a atividade proposta e a percepção dos estudantes sobre as fotografias produzidas por eles. A produção de fotografia no cotidiano escolar foi mediada pelos monitores e a coordenadora do projeto de extensão e feita pelos estudantes dentro da escola.

A partir dessa primeira experiência, retornamos à escola, em 2024, com as fotografias produzidas pelos estudantes e em grupo focal gravamos as suas interpretações das imagens apresentadas a eles. Os alunos puderam falar sobre a metodologia utilizada em sala, apresentando suas opiniões acerca da experiência com a utilização da fotografia como artefato pedagógico para desnaturalizar, problematizar e analisar as questões de gênero, sexualidades e raça atravessados pelos fatores histórico-sociais, as relações de poder, os movimentos que se encontram na estrutura da sociedade e que são reproduzidas no cotidiano escolar.

Optou-se também por uma abordagem qualitativa, considerada a mais adequada para a produção de conhecimento orientado. Reconhecemos que, nas Ciências Sociais, a descoberta

científica ocorre por meio das relações sociais e do trabalho coletivo. A pesquisa qualitativa parte do pressuposto de que diferentes problemas demandam distintos parâmetros e técnicas para uma análise eficaz do caso específico, não havendo uma única forma de aplicação de métodos.

Nesta abordagem, analisamos o fenômeno com base na obtenção de dados descritivos que expressam seus sentidos. Com a pertinência de uma metodologia geral nas Ciências Sociais se reconhece os critérios de cientificidade e a descoberta na pesquisa qualitativa tendo provas do mundo empírico como reais e adequadas para que o pesquisador possa justificar suas escolhas na pesquisa, mas seguindo a metodologia.

A pesquisa foi conduzida por meio da observação participante, permitindo uma compreensão mais profunda dos grupos de estudantes que participaram ativamente das atividades com artefatos culturais, especificamente as fotografias, nos minicursos do Projeto de Extensão Juventudes em Debate. Inserindo-nos no cotidiano dos alunos, buscamos entender “não como uma ciência experimental em busca de leis gerais, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (Geertz, 2008, p. 4) que os estudantes atribuíram às atividades fotográficas.

Mantivemos um diário de campo para registrar observações, reflexões e interações com os alunos durante o processo de pesquisa, iniciado no ano de 2023 e concluído em 2024. Esse diário permitiu a coleta de dados qualitativos e uma análise mais densa, alinhando-nos à perspectiva de Geertz (2008, p. 7), que sugere que a análise de dados sociais é como “tentar ler (no sentido de “construir uma leitura”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos”. Essa prática foi essencial para documentar o contexto e as dinâmicas sociais que ocorreram durante as atividades.

O uso da pesquisa qualitativa dentro das ciências sociais tendo como recurso utilizar-se dos discursos dos seres sociais e entendê-los como reflexo de algo maior, da sociedade, é uma das vantagens dentro da ciência como um todo, o diálogo e a análise do não dito, feito com interpretações teóricas sobre o tema é de uma preciosidade notável.

A pesquisa também utilizou de rodas de conversas como ferramenta de escuta dos sentidos atribuídos pelos estudantes, logo após as atividades fotográficas, no primeiro ano no dia 23 de agosto de 2023 e no segundo ano no dia 29 de setembro de 2023. Foram planejadas de formas distintas para cada turma, respeitando os diferentes níveis de maturidade e conhecimento, e não teve um roteiro pré elaborado, foi uma conversa aberta. No 1º ano, as discussões focaram em uma exploração mais inicial e reflexiva, enquanto no 2º ano abordaram questões mais aprofundadas e críticas, de acordo com a experiência dos alunos.

No caso da transcrição dessas rodas de conversa, foi adotado um sistema de identificação alfanumérico, que permite distinguir tanto o ano escolar dos participantes quanto a ordem de suas falas, garantindo anonimato dos alunos. Seguindo o formato Aluno/Aluna ano e letra, onde o número identifica sua série e a letra a ordem. Por exemplo Aluno 1A, o primeiro aluno do primeiro ano. A roda de conversa é uma abordagem de diálogo coletivo, que pode criar ambientes nos quais as pessoas compartilham suas ideias mais abertamente, ouvem uns aos outros e a si mesmas (Afonso e Abade, 2008).

Reencontrando os estudantes alguns meses após, foi feito uso da metodologia de grupo focal, reconhecendo que essa técnica busca coletar informações por meio das interações do grupo (Morgan, 1997). Utilizando de entrevistas coletivas com o objetivo de colher informações sobre as percepções e opiniões dos participantes acerca da atividade realizada por eles (Kitzinger, 2000). Essa abordagem proporciona um ambiente livre para a discussão e manifestação de seus pontos de vista (Patton, 1990).

O grupo focal foi realizado no dia cinco de junho de 2024. Contando com a participação de seis estudantes que participaram das atividades fotográficas do primeiro e segundo ano do ensino médio (que hoje estão no segundo e terceiro anos) três do gênero feminino e três do gênero masculino, divididos entre pretos, pardos e brancos. Os participantes foram convidados em sala e se voluntariaram, levando em consideração sua participação na atividade fotográfica e envolvimento com as aulas do ensino de Sociologia.

A pesquisadora com um roteiro de perguntas semiestruturado, combinando perguntas previamente definidas com abertura para novos tópicos, permitindo uma conversa mais flexível com os participantes do grupo focal. As principais perguntas abordadas nas entrevistas foram organizadas em três eixos alinhados com os objetivos deste trabalho: I - A Importância da Iconografia: tentando entender a percepção dos alunos sobre a importância da iconografia no cotidiano e sua aplicação no ensino de Sociologia. Questões incluíram mudanças na forma como os alunos enxergam as imagens após a atividade e a precisão das imagens capturadas em refletir questões sociais e culturais; II – Significados à Experiência Fotográfica: as perguntas aqui abordaram; como a atividade prática influenciou a visão crítica dos alunos sobre a sociedade e as emoções experimentadas durante a captura das imagens no cotidiano escolar. III - Ausência das Artes e Utilitarismo do ensino integral técnico: Problematizando a ausência das artes como atividade reflexiva no cotidiano da escola técnica, com perguntas sobre como essa lacuna impacta a formação educacional dos alunos e se há uma valorização de disciplinas “profissionais” em detrimento das artes e humanidades. Para a transcrição dos grupos focais foi utilizado o sistema numérico romano sequencial, por ordem de falas. Por exemplo “Aluna II”.

Já para entender a visão da Professora de Sociologia, e para compreender a história da escola pelo olhar do Coordenador Pedagógico da escola foram feitas entrevistas individuais. A entrevista com a professora de Sociologia foi realizada no dia 5 de junho de 2024, na Escola Edvaldo do Ó. Isso ocorreu porque a Escola Severino Cabral está em reforma e, durante esse período, suas atividades estão sendo realizadas no espaço da Escola Edvaldo do Ó. A entrevista com roteiro de perguntas semiestruturado com a professora visou investigar a contribuição dos artefatos iconográficos no ensino de Sociologia. Questões centrais incluíram a avaliação da importância da iconografia, o uso de fotografias no dia a dia do ensino de Sociologia, e a relação entre a produção fotográfica dos alunos e a construção de uma percepção sociológica sobre a realidade.

E uma entrevista de caráter aberto com o coordenador pedagógico da escola, realizada no dia 12 de setembro de 2024, via aplicativo de *WhatsApp*, teve como temáticas de discussão a história da escola com sua evolução e identidade atual, a sua localidade e comunidade escolar, o perfil dos estudantes e da escola e os maiores desafios enfrentados na escola.

As entrevistas foram realizadas para aprofundar a compreensão do cotidiano da escola técnica integral, reconhecendo que as ideias durante essas interações são transmitidas através do jogo e das nuances das relações sociais presentes no processo de entrevista (Poupart, 2020). Assim, orientamos as perguntas para entender as experiências e perspectivas únicas dos alunos, enriquecendo a compreensão sobre como a atividade com fotografias pode contribuir para as aulas de Sociologia.

Além das entrevistas, analisamos algumas imagens capturadas pelos alunos durante o Projeto de Extensão, escolhendo-as para uma análise minuciosa. A análise dessas imagens foi feita na seção de Resultados e Discussões presente neste trabalho. Segundo Gonçalves, Oliveira e Neves (2016), a interpretação de uma fotografia vai além da simples observação de seu conteúdo explícito; envolve também a análise de suas camadas de significado, tanto denotativas quanto conotativas.

Por fim, reconhecemos que a possibilidade de interrogar os atores e utilizar suas falas como recurso para a compreensão das realidades sociais é uma das grandes vantagens das ciências sociais em relação às ciências da natureza, que se concentram em objetos desprovidos de palavras (Poupart, 2020). E todos esses passos foram conduzidos de acordo com normas éticas, garantindo anonimato e confidencialidade.

Os participantes assinaram um termo de consentimento, e todos tinham a liberdade de interromper ou recusar a participação a qualquer momento. Além do que para garantir a privacidade e a ética, os alunos não foram identificados por nome, mas por códigos. Assim,

cada aluno será identificado no texto como “Aluno I”, “Aluno II”, “Aluno III”, e assim por diante. Esta escolha visa garantir a confidencialidade das respostas e evitar a exposição dos estudantes em relação às opiniões e experiências compartilhadas.

## **7. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Neste capítulo, discutimos os resultados da pesquisa, tendo como base a atividade realizada pelos estudantes da ECIT Severino Cabral. O objetivo geral da pesquisa foi investigar os sentidos e significados atribuídos pelos estudantes da educação básica ao uso da fotografia na construção de uma “imaginação sociológica”, particularmente entendendo as experiências e o que elas atribuíram.

A análise busca responder algumas questões norteadoras essenciais, como: como a iconografia vem ganhando importância no cotidiano da juventude e de que forma essas imagens podem ser exploradas como recurso de pesquisa no ensino de Sociologia na educação básica? Que sentidos e significados os alunos atribuem à experiência fotográfica realizada durante as ações extensionistas realizadas na escola? De que forma a introdução de práticas artísticas influencia as vivências tanto dos alunos quanto dos professores em meio ao contexto escolar de uma ECIT? Os sentidos atribuídos à experiência fotográfica demonstram a relevância de metodologias visuais no ensino, contribuindo para uma educação que vai além da sala de aula, conectando saberes teóricos a questões concretas.

Agora, passamos a analisar em maior profundidade algumas das fotografias produzidas pelos estudantes, destacando como elas refletem essas interações e criticam a realidade escolar e social em que estão inseridos.

### **7.1. As fotografias escolhidas**

Neste subtópico analisamos algumas fotografias capturadas, dentre as várias feitas pelos estudantes durante a atividade. As imagens foram escolhidas pelo poder de reflexão acerca dos aspectos críticos das interações sociais significativas para o estudo de Sociologia, sendo particularmente eficazes para a “imaginação sociológica”.

As fotografias foram selecionadas tanto para a análise dos alunos quanto para a nossa própria. Durante o grupo focal, os estudantes levantaram questões relevantes e apresentaram imagens que não haviam sido previamente escolhidas para a entrevista. Entre essas estavam fotos que eles mesmos produziram, denunciando a estrutura da escola. Eles usaram a fotografia como uma forma de crítica social, refletindo sobre como esse meio pode ser utilizado para promover um engajamento com questões de justiça social.

As imagens aqui analisadas, foram escolhidas principalmente por sua capacidade de capturar elementos significativos da realidade social escolar. Elas trazem reflexões sociológicas

sobre as relações de poder, gênero, bem como sobre as relações sociais de comunidade. Além disso, os estudantes puderam refletir sobre como o ambiente escolar influencia seu cotidiano compreendendo não apenas o que pode ser apreendido ao olharmos as fotos, mas também interpretar os possíveis significados implícitos.

A seguir, apresentamos as imagens tiradas pelos estudantes e suas respectivas descrições. A Figura 4 mostra duas funcionárias da cozinha da escola fazendo lanche na cozinha. A cena se passa no ambiente de cozinha da escola pública, lócus de realização dos minicursos da extensão, um espaço relativamente pequeno.

Figura 4 - Fotografia produzida por aluna do segundo ano.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2023).

A imagem pode ilustrar o trabalho muitas vezes invisibilizado e frequentemente desvalorizado, realizado em sua maioria por mulheres. O trabalho de servir, cozinhar, cuidar e limpar é fundamental, mas o valor atribuído a essas tarefas é proporcional à sua visibilidade. Socialmente atribuída, uma vez que as funções relacionadas ao cuidado e ao serviço doméstico, mesmo quando realizadas no espaço público, são associadas ao feminino e sua importância é frequentemente minimizada pela sociedade. A divisão do trabalho por gênero é um tema central na Sociologia de gênero e sexualidades. Muitas vezes, atividades realizadas predominantemente por mulheres são vistas como trabalhos invisíveis, evidenciado pela designação de funções como “tia da cozinha” ou “tia da limpeza”, títulos que sugerem uma informalidade à profissão.

Os alunos refletiram criticamente sobre esse contexto em grupo focal. Um aluno comentou: “Uma coisa que a gente vê muito é que colocam as mulheres como capazes de fazer apenas “trabalho de mulher”. Praticamente, seria ficar na cozinha ou limpar. Também vemos muitas professoras no ensino infantil” (Aluno V, 2024). Essa fala sublinha como a divisão do trabalho por gênero ainda está presente e como certos papéis são historicamente associados às

mulheres. Saffioti (1976) pioneira na abordagem de gênero e trabalho trata sobre a inclusão das mulheres na sociedade de classes no mundo do trabalho, analisando esse lugar de desigualdade no espaço produtivo sempre em questionamento com o espaço reprodutivo. As barreiras da divisão sexual do trabalho, onde trabalhos vistos como trabalhos de mulher, são aqueles relacionados ao trabalho da casa.

Outro aluno destaca a falta de reconhecimento formal para as funcionárias da cozinha: “É, tanto que a gente fala “tia da cozinha”. Não tem “tio da cozinha”.” (Aluno VI, 2024) Essa observação reflete a forma como o trabalho feminino na cozinha é marginalizado e informalizado, perpetuando estereótipos de gênero.

Uma análise histórica feita por uma das alunas foi particularmente reveladora:

Isso é um ponto muito importante e interessante, porque na história, a gente estudou sobre os povos originários e a chegada dos europeus aqui no Brasil. Achei muito interessante uma aula em que o professor disse que as mulheres só podiam ser professoras. Ou seja, para ser professora, a mulher tinha que estudar outras coisas, mas não tinha o mesmo direito de escolha que os homens, que tinham mais liberdade. (Aluna IV, segundo ano, 2024)

Ela continua: “Essa era a realidade. Nossa sociedade sempre foi machista, sempre dividiu os gêneros. As tarefas eram divididas por gênero, e, hoje em dia, ainda acontece, mas, com a luta das mulheres, a gente conquistou muitas coisas.” (Aluna IV, 2024). Essa análise pode mostrar como a divisão de gênero no trabalho é uma questão estrutural e como as mulheres têm lutado por maior equidade.

Ao falar sobre oportunidades limitadas no passado, a aluna questionou: “Será que as “tias da cozinha” queriam ser isso? Será que esse era o sonho delas, ser cozinheiras?” (Aluna IV, 2024). Ela também questionou se as funcionárias da cozinha tiveram acesso igualitário às oportunidades educacionais e profissionais disponíveis para outros grupos, destacando a persistência das desigualdades de gênero ao longo do tempo.

Além disso, uma aluna trouxe à tona a questão do machismo em contextos familiares: “Na minha família, por exemplo, meus tios, os homens, sempre puderam escolher se iam para a escola ou não. Já as minhas tias, incluindo minha mãe, não podiam fazer absolutamente nada. Entra aí também essa questão do machismo.” (Aluna II, 2024) Essa fala ilustra como as desigualdades de gênero são evidentes não apenas em contextos mais amplos, mas também em esferas pessoais e familiares.

As falas dos alunos recorrem a experiências pessoais e destacam desigualdades com as quais suas mães e tias precisam conviver, elas indicam o importante papel desempenhado pela Sociologia enquanto disciplina reveladora que possibilita a identificação dos alunos das

desigualdades no ambiente escolar e na família no desnaturalizar dessas mesmas desigualdades. Quando apontam que muitas vezes as mulheres têm de sobreviver a “trabalhos de mulher”, eles realizam apercepção<sup>6</sup>, de que tal divisão sexual do trabalho não é uma realidade natural e biológica, mas uma construção social e histórica.

Enquanto esse processo de apercepção indica a potencialidade transformadora da Sociologia, revela que essa disciplina, enquanto tal, não tem apenas o papel de descrever as relações sociais, mas também de intervir na sua construção, e possível, transgressão. Ou seja, como afirma Ianni (1997, p. 25) “a Sociologia pode tanto decantar a tessitura e a dinâmica da realidade social como participar da constituição dessa tessitura e dinâmica”. Dessa maneira, o observar sociológico não é inocente: ele desencadeia o a desnaturalização ativamente de realidade. Nesse sentido, ao disponibilizar aos alunos ferramentas metodológicas, como as atividades de fotografia, e epistemológicas da Sociologia, se constrói sujeitos de leitura crítica a realidade social e, por consequência coloca em xeque as estruturas de poder que sustentam as desigualdades.

Através disso, os alunos começam a reconhecer que as funções tradicionalmente femininas, tais como o cuidado, não foram apenas impostas por uma lógica patriarcal, mas estão intimamente ligadas à desigualdade de classe, dificultando o acesso a outros campos profissionais. Mas essa crítica não se limita à escola, mas adentra o espaço familiar, como a aluna que descreve as situações de sua família onde aos homens foi oferecida a oportunidade de escolher se queriam continuar os estudos ou não. Para as mulheres, incluindo sua mãe, essa opção foi negada. Isso demonstra como as estruturas de poder que sustentam a divisão sexual do trabalho são reproduzidas tanto no público quanto no privado. Ao enraizar o pessoal no estrutural, o ensino de Sociologia permite que os alunos reconheçam as múltiplas dinâmicas de opressão.

Ao expor essa teia das forças que organizam e tensionam as relações sociais, a Sociologia equipa os alunos com lentes críticas para reavaliar o lugar que ocupam no mundo e o lugar que as demais habitantes, especialmente as mulheres, ocupam em meio as estruturas desiguais de poder. Como comentado por Ianni (1997, p. 25) “na medida em que o conhecimento sociológico se produz, logo entra na trama das relações sociais, no jogo das forças que organizam e movem, tensionam e rompem a tessitura e a dinâmica da realidade social”. Em outras palavras, o conhecimento sociológico não é estático e nem meramente

---

<sup>6</sup> O processo de perceber algo novo, mas ao mesmo tempo conectar essa nova percepção com experiências, conhecimentos ou sentimentos que você já tem. RUNAS, Dagobert D. (ed.). *Dicionário de Filosofia*. Totowa, NJ: Littlefield, Adams, and Company, 1972.

observacional, mas um motor da transformação, capaz de inverter as normas e revelar as contradições estruturais que mantêm certos grupos em opressões.

Ao problematizar as desigualdades de gênero no ambiente escolar e familiar, os alunos começam a acumular consciência crítica sobre a realidade social que os envolve. Desse modo, o ensino da Sociologia tem uma missão vital na formação da consciência crítica, desconstruindo as estruturas naturalizadas de gênero e promovendo a leitura política da vida cotidiana. Apenas por meio dessa análise aprofundada, os estudantes podem se tornar agentes ativos na luta contra as injustiças, compreendendo que essas não são simplesmente fatos inevitáveis, mas sim relações de poder que podem ser transformadas por eles.

Continuando com a mesma ambientação, a Figura 5 mostra um aluno conversando com a cozinheira, a imagem foi capturada no refeitório, tendo a cantina ao fundo.

Figura 5 - Fotografia produzida por aluna do segundo ano



Fonte: Arquivo de pesquisa (2023).

Mesmo sendo uma cena normal de se ver no cotidiano de uma escola, se pararmos para analisar, ela nos mostra aspectos sociais de laço de comunidade que se cria em um ambiente escolar. O refeitório da escola é uma parte crucial para as atividades dos alunos. A imagem nos ajuda a ver como conversar casualmente na escola pode criar amizades e um sentimento de pertencimento. É um ponto de encontro onde todos se misturam, conversando sem se preocupar com seus cargos ou com quem manda.

Um dos alunos destaca essa dimensão relacional: “Às vezes, a gente acha que o único trabalho delas é fazer comida, mas, na verdade, elas estão sempre observando e até dando conselhos para os alunos. (...) mostra que a escola é um espaço de convivência para todos, e não só para quem está na sala de aula” (Aluno I, 2024, grifo nosso). Esta fala sugere que a

presença dessas funcionárias vai além do papel formal de preparo das refeições, assumindo um papel afetivo e de suporte emocional para os estudantes. E também podemos refletir novamente sobre como o papel de cuidado e afetividade sempre se direciona para tarefas designadas a mulheres, revelando que essas atividades que são geralmente associadas ao ambiente doméstico como serviços de preparo de alimentos serviços de limpeza também associadas ao apoio emocional também se manifesta no ambiente escolar Silvia Federici (2017) afirma que “o capitalismo se apropriou do trabalho reprodutivo feminino relegando ao lar sem remuneração E tratando como uma extensão natural da biologia feminina.”

Então em nossa sociedade as mulheres normalmente são colocadas à frente das tarefas de cuidado, seja em casa cuidando de pessoas ou em suas atividades profissionais também cuidando de pessoas. No contexto escolar essas funções podem ser ressignificadas como as funcionárias da cozinha assumindo papel de cuidado para os alunos oferecendo não somente refeição, mas também uma rede de acolhimento e apoio emocional.

Outro aluno complementa: “Eu acho que mostra bem as relações sociais, porque... Uma coisa muito comum era ver a galera indo lá para a cozinha, conversar com as tias, brincar” (Aluno VI, 2024). Essa afirmação mostra como as interações na cozinha criam um ambiente familiar, onde os estudantes se sentem à vontade para interagir, tornando a escola um espaço de pertencimento. Uma das alunas também reflete sobre essa proximidade: “Sempre vamos conversar com a tia da cozinha, pedir um lanche a mais e nos divertimos. Isso cria um sentimento de pertencimento, sei lá, e faz com que todos se sintam parte de uma mesma vivência ali todo dia” (Aluna III, 2024). A aluna ressalta como essas interações informais contribuem para uma sensação de comunidade e integração dentro do ambiente escolar. A professora de Sociologia entrevistada reforça essa visão:

Os alunos têm um carinho enorme por essas “tias”. Eles sempre querem saber o que vai ter de comida e têm um apego especial por elas. É como se fosse um momento que eles realmente valorizam. É um horário em que eles saem da rotina das aulas e podem interagir com pessoas que fazem parte do seu dia a dia de uma forma mais descontraída (Professora de Sociologia, 2024).

A professora sublinha o carinho dos alunos pelas “tias”, ressaltando novamente o trabalho do cuidado. De acordo com Tronto (1993) o cuidado é essencial para a manutenção da vida social enfatizando que essas interações que acontecem informalmente ajudam a ter um ambiente como um desenvolvimento sócio emocional dos estudantes. Porém, o trabalho do cuidado muitas vezes é invisibilizado, sendo em sua maioria atribuído a mulheres especialmente em posições subalternas na hierarquia das qualificações do trabalho. Colocando o cuidado como algo não produtivo, portanto, menos digno de reconhecimento e remuneração justa. Federici

(2017) traz uma complementação para essa discussão quando argumenta que a divisão sexual do trabalho não é um fenômeno natural e sim uma construção social consolidada para que as mulheres sejam as principais responsáveis pelo trabalho do cuidado.

A Figura 6 retrata uma cena vibrante do intervalo escolar, capturada no refeitório cheio de estudantes. A imagem, feita durante o intervalo, destaca a movimentação e a interação dos alunos, tornando o refeitório um espaço dinâmico e essencial da vida estudantil.

Figura 6 - Fotografia produzida por aluno do primeiro ano.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2023).

O intervalo, como espaço-tempo da escola, é um momento de grande importância para a socialização dos alunos, pois rompe com a rigidez da sala de aula permitindo a expressão de identidades de maneira mais autêntica e descontraída. Este momento revela dinâmicas de interação que vão além das estruturas de controle formais, mostrando como os estudantes se organizam, formam grupos de afinidade e constroem suas relações sociais. Um dos alunos observa:

Mano, essa foto aí mostra bem como no intervalo a galera se divide nos grupinhos, né? Tipo, na aula a gente tá todo mundo meio quieto, mas no intervalo cada um vai pro seu canto, com sua turma. É o momento de relaxar e trocar ideia, de boa, sem pressão. (Aluno I, segundo ano, 2024).

Esta fala evidencia como o intervalo permite que os alunos se afastem da disciplina imposta na sala de aula, formando seus próprios grupos com base em afinidades pessoais e interesses comuns. No contexto escolar, onde as regras de comportamento e aprendizagem são impostas de maneira vertical, já no intervalo funciona como um espaço mais horizontal, onde as relações de poder se tornam menos visíveis e a liberdade de escolha é maior. Que tem mais afinidade e interações mais orgânicas. A formação de grupinhos durante o intervalo reflete a tendência natural dos seres humanos de se agruparem com base em afinidades.

Como ressalta outro estudante: “No intervalo, você percebe quem anda com quem, quem é mais próximo. A galera se junta por afinidade mesmo, tipo, quem joga bola, quem só fica de boa sentado conversando, cada um no seu rolê” (Aluno VI, 2024). Esse agrupamento por afinidade é uma manifestação típica da vida social nas escolas, onde o pertencimento a certos grupos define parte da identidade social dos alunos.

Os grupos funcionam como pequenas comunidades, e os laços de amizade são reforçados durante esses momentos de descontração. No entanto, a estrutura social desses grupos nem sempre é totalmente rígida. Como aponta uma das alunas “No intervalo, a gente se espalha. A foto mostra bem que cada um vai pro seu grupo, mas, ao mesmo tempo, tá todo mundo no mesmo espaço. E é de boa também, porque às vezes a gente troca ideia com o pessoal de outros grupinhos, rola uma interação, tá ligado?” (Aluna II, 2024). Essa fala sugere que, apesar da formação de grupos, há uma certa fluidez nas interações sociais.

O intervalo oferece oportunidades para interações mais diversas, permitindo que alunos de diferentes grupos troquem experiências, mesmo que rapidamente, criando pontes entre as diferentes “tribos” da escola e se sintam mais livres da rotina escolar, isso se reflete no comentário de uma aluna: “É o momento em que dá pra ser quem a gente é” (Aluna III, 2024). A fala enfatiza a importância do intervalo como um tempo de descontração, onde os alunos podem expressar suas individualidades sem as pressões e normas formais da sala de aula.

Esse ambiente mais relaxado é fundamental para a formação da subjetividade dos jovens, que encontram nesse momento a chance de “serem eles mesmos”, sem a necessidade de se conformar às expectativas institucionais. A professora, ao comentar sobre a imagem, destaca a importância do intervalo para a rotina escolar:

Essa foto dos alunos na fila do lanche captura um momento típico de descontração e socialização. É o intervalo, o momento do dia em que eles estão livres das paredes da sala de aula. Eles conversam, brincam e se conectam com os colegas. O refeitório é como um local onde eles podem ser eles mesmos, sem a formalidade das aulas, e isso é algo que eles realmente apreciam (Professora de Sociologia, 2024).

O espaço do refeitório, portanto, se configura como um local de convívio que vai além do simples ato de alimentar-se; é também um espaço de construção de laços sociais e identidade.

Na figura 7, vemos uma imagem que captura o diretor, o coordenador e um professor sentados em uma mesa no refeitório da escola, em um espaço comum e de convivência, enquanto um aluno se encontra próximo. Essa cena ilustra o ambiente de proximidade entre os profissionais da escola e os estudantes, evidenciando a interação mais informal e cotidiana que acontece nesse espaço.

Figura 7 - Fotografia produzida por aluno do segundo ano.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2023).

A imagem nos revela uma questão sobre como as hierarquias estabelecidas dentro do ambiente escolar podem ser dissolvidas. Isso é evidenciado pelo fato de que as principais figuras de autoridade da escola, como a direção e a coordenação, podem compartilhar o mesmo espaço que os estudantes de forma informal. Isso se alinha com a ideia de uma escola que tenta ser mais colaborativa, onde a autoridade não se manifesta apenas por regras formais e distanciamento desnecessário, mas sim pela acessibilidade e pela criação de laços afetivos com os estudantes.

Uma das alunas reflete sobre essa proximidade ao afirmar: “O diretor e o coordenador tão sempre ali no meio da galera, no refeitório e tal. Eles não são só aqueles “chefe” distantes, mas tão lá, participando e conversando com a gente” (Aluna IV, 2024). Essa fala sublinha a importância dessa proximidade como um elemento de cuidado e acolhimento, demonstrando que os profissionais da escola não são apenas gestores, mas participantes ativos da rotina escolar.

Os alunos, percebendo essa atitude, fazem com que a escola não seja vista apenas como um espaço de absorver informações ou de instruções formais, mas como um local de seu cotidiano, um local de comunidade onde as interações sociais acontecem em ambientes informais, como o refeitório. Como reforça a aluna quando disse: “Eles estão sempre lá, no refeitório e em outros lugares onde a gente tá, e isso faz toda a diferença”. (Aluna II, 2024).

É nesse tipo de convívio que se cria uma rede de apoio, onde os alunos podem se sentir mais confortáveis com esses profissionais, não somente nas questões escolares, mas em momentos de convivência pessoal mesmo. Um papel mais do que administrativo, envolvendo um ambiente escolar mais acolhedor, como reflete a professora (2024): “É um espaço onde os

alunos sentem que podem relaxar e onde a presença dos adultos é vista com carinho. É onde eles se sentem confortáveis, e o apego que têm por esses profissionais fica claro aqui.” O espaço compartilhado reforça a ideia de comunidade escolar que tanto falamos, aproximando e conectando as pessoas, promovendo hierarquias flexibilizadas e trazendo um sentimento de pertencimento e cuidado mútuo.

Na figura 8, observamos um grupo de estudantes reunidos em uma área da escola projetada para socialização, onde os bancos foram feitos com pneus reciclados. Esse espaço informal se destaca como um lugar acolhedor, onde os alunos podem conversar e rir, longe da supervisão constante dos adultos.

Figura 8 - Fotografia produzida por aluna do segundo ano.



Fonte: Arquivo de pesquisa (2023).

É um ambiente simples que tem potência de carregar grandes significados, que oferece um momento de descontração e interação no dia a dia de burocracias. A imagem ilustra como espaços de convivência dentro da escola são fundamentais para a criação de laços sociais e afetivos. Esses locais informais são onde os alunos estabelecem conexões que vão além do aprendizado formal, podendo construir memórias e relacionamentos que os acompanham por toda a vida escolar.

Um aluno comenta: “Esses momentos de conversa são muito importantes porque é onde a gente cria lembranças que vão ficar com a gente. É o tipo de coisa que faz parte do nosso dia a dia e ajuda a gente a se conectar de verdade com a galera” (Aluno I, 2024). Esse comentário evidencia a relevância desses encontros como parte essencial do cotidiano escolar. Outra aluna reforça essa ideia ao afirmar: “Quando a gente fica conversando e passando tempo junto, essas memórias acabam se tornando super especiais. A relação que a gente tem no dia a dia ajuda a formar amizades verdadeiras e essas lembranças ficam com a gente por muito tempo” (Aluna

II, 2024). Isso mostra como o tempo dedicado a esses momentos de socialização fortalece as amizades e promove um senso de pertencimento.

As interações que acontecem nesses ambientes também ajudam a moldar a experiência escolar de forma mais pessoal e positiva. Como uma terceira aluna coloca: “Esses encontros e conversas são o que fazem a escola ser legal. Cada papo e risada contribuem pra criar uma história e um vínculo mais forte com a galera. Essas memórias acabam fazendo parte de quem a gente é e como a gente vê a escola.” (Aluna III, 2024). Esse vínculo, construído em momentos de descontração, transforma a escola em mais do que um lugar de ensino, mas um espaço de conexão e identidade. A professora também enfatiza a importância desses ambientes:

Essa foto dos alunos com os bancos de pneus é bem legal porque mostra um espaço onde eles podem ser livres. É um ambiente simples, mas é o lugar onde eles se encontram para relaxar e estar juntos sem a presença constante dos adultos. É o espaço deles, onde eles podem rir, conversar e ser quem realmente são. Mostra como esses lugares informais são importantes para o bem-estar deles e para as relações que formam na escola. (Professora de Sociologia, 2024)

Assim, a Figura 8 mostra como esses espaços de socialização são cruciais para o desenvolvimento emocional e social dos estudantes. Eles oferecem um ambiente seguro e informal, onde é possível fortalecer laços, criar memórias e se sentir parte de uma comunidade. Esse tipo de interação ajuda a tornar a escola um lugar mais humano, onde cada estudante pode encontrar apoio e construir relações que duram para além do tempo escolar.

Podemos perceber, nas imagens selecionadas, que os alunos apresentaram percepções ricas e variadas sobre o papel dos espaços de socialização na escola, revelando uma compreensão profunda de como esses ambientes influenciam suas experiências e relacionamentos. As observações feitas em relação às diferentes figuras destacam aspectos importantes da vida escolar e das dinâmicas sociais. Principalmente quando falamos das interações elas exemplificam como a educação pode transcender o simples ato de ensinar conteúdos, alinhando-se com a proposta de Jorge Larrosa (2002) de repensar a experiência como um aspecto fundamental do processo educativo, não são apenas momentos informais apenas interações passageiras são experiências que afetam e moldam a identidade dos estudantes.

Assim a vivência no ambiente escolar se entrelaça com conceitos que já trabalhamos de Walter Benjamin (1994) de experiência tanto como Erlebnis como Erfahrung coletivamente. Fazendo com que as memórias e as relações ali formadas se entrelacem na trajetória escolar de cada um. Além disso, a Sociologia desempenha um papel crucial ao possibilitar a análise dessas experiências que não apenas oferecem momentos de descontração, mas também como um

currículo invisível enriquecendo o aprendizado fortalecendo laços sociais e contribuindo para a formação de identidades no ambiente escolar.

As fotografias mostram como os sujeitos escolares, como estudantes, professores, gestores e técnicos, ressignificam a educação utilitarista ao transformar as práticas cotidianas em experiências significativas. Como Larrosa (2002) aponta, essas vivências do cotidiano expressam a “experiência/sentido”. Nesse sentido, as imagens ajudam a captar e interpretar como o cotidiano escolar, marcado por abordagens utilitaristas e burocracias, é ressignificado por seus participantes, revelando novas camadas de sentidos e experiência.

## **7.2. Impacto da Atividade no Ensino e Aprendizado**

Durante a pesquisa, revelou-se um impacto significativo nos alunos do primeiro e segundo anos, da ECIT Severino Cabral durante a atividade de fotografia realizada no projeto de extensão, ano de 2023. Essa mudança se mostra no modo como os estudantes perceberam e aprenderam sobre a Sociologia na prática. Durante a roda de conversa realizada após as atividades em cada turma, os alunos compartilharam suas impressões sobre a experiência. Um dos alunos comentou que a atividade pode proporcionar uma visão mais crítica e apurada do cotidiano escolar e da sociedade em geral, como se mostrou na frase a seguir: “A fotografia trouxe uma visão crítica pro nosso dia a dia aqui na escola” (Aluno 2A, 2023). Outro aluno destacou que a atividade permitiu observar a escola de uma forma diferente, podendo evidenciar uma mudança de atitude, refletindo sobre aspectos que antes passavam despercebidos.

Os estudantes, em suas falas, expressaram que mudar de ambiente, sair de uma sala de aula para realizar uma atividade prática, foi uma mudança positiva. Vários mencionaram que a experiência foi mais envolvente e instigante do que as aulas tradicionais. “Foi legal, foi diferente”, relatou o Aluno 2A (2023), enquanto em outro momento disse que a atividade foi uma forma de “abrir a mente pra observar e fazer alguma crítica através da fotografia, a gente fez uma denúncia né com nossa foto, então foi além de só observar.” (Aluno 2A, 2023). A atividade não só despertou interesse, mas também aumentou o engajamento dos alunos com o conteúdo, uma vez que a prática ajudou a absorver o conhecimento de forma mais eficaz do que o método tradicional de ensino.

Analisando a atividade feita com os alunos podemos ver que demonstra como os conceitos de experiência e sentido, conforme abordado por Larrosa (2002) podem ser aplicados na prática. Larrosa (2002) trata que a educação deve ser pensada a partir da experiência, dos sentidos e significados, a considerar as vivências que nos afetam e nos tiram da zona de

conforto, promovendo um pensamento crítico. O exercício, por meio da atividade prática, permite aos alunos irem além da teoria e entender e refletir seu cotidiano de forma mais aprofundada. Para Larrosa, a experiência é “aquilo que me passa”, a vivência que nos forma e nos transforma. A atividade proporcionou aos alunos uma nova maneira de experienciar e refletir sobre as durezas de sua escola, levando-os a questionar e observar pontos que poderiam ser ignorados com uma educação conteudista que não relaciona teoria e prática.

Como pudemos ver, a questão da transformação é central nos estudos de Larrosa, que vê a experiência como um intermediário entre a vida e o conhecimento. Essa atividade, realizada com os estudantes, está alinhada com a ideia de Larrosa de que a escola é um lugar de constante transformação. Proporcionando uma experiência que vai além dos métodos tradicionais de educação, a prática fotográfica não apenas envolveu os alunos de maneira mais significativa, mas também contribuiu para um pensamento crítico e reflexivo sobre o mundo social.

As falas dos estudantes, que afirmaram mudanças em suas percepções, comprovam como uma abordagem educativa baseada nos sentidos e significados pode promover um entendimento e um aprendizado mais complexo e rico. Como aborda Larrosa (2019), a educação que coloca a experiência em primeiro plano destaca e enfatiza a vida no processo educativo. Enquanto para Bodart (2023) a fotografia é vista como uma ferramenta pedagógica para o ensino de Sociologia porque ela possibilita que os alunos expressem suas visões do mundo e reflitam sobre as questões sociais ao seu redor trazendo o exercício de estranhar o familiar. O uso da fotografia no ensino aproxima os conteúdos da realidade dos estudantes, promovendo um aprendizado mais crítico e significativo. Quando relacionamos isso com o conceito de “experiência” de Larrosa (2019), podemos entender que, ao fotografar e refletir sobre essas imagens, os alunos estão vivenciando uma forma de aprendizado que não é só teórica, mas prática e transformadora. Essa prática fotográfica permite que eles se envolvam diretamente com o conhecimento, tornando o aprendizado uma experiência real, concreta, e que gera sentido para a vida deles.

Os alunos acharam que usar fotografia na educação foi muito bem aproveitada. Eles acreditam que essa abordagem ajuda a entender e lembrar melhor o que estão aprendendo. Uma aluna comentou que “você passa a olhar as fotografias como se fosse um texto né, analisando tudo que tá ali, as relações sociais” (Aluna 2J, 2023), mostrando como as imagens podem ajudar a explorar e discutir questões sociais de uma forma mais profunda. Além disso, muitos alunos acham que usar tecnologias como fotos e vídeos no ensino torna o aprendizado mais

interessante e eficaz. Eles realmente preferem métodos mais interativos e na sala de aula. Como mostra nessa fala de um dos alunos pós atividade:

A nossa geração é mais acostumada com coisas tecnológicas, né, a gente passou pela pandemia e a gente usou muito essas metodologias diferentes e interações diferentes, e a nossa geração é diferente, então acho que o ensino também precisa ir mudando pra ser mais proveitoso pra gente mesmo. Se os professores, de todas as disciplinas, trouxessem mais, com certeza seria mais proveitoso. (Aluno II, 2º ano, 2024)

Tendo em vista as falas dos alunos a atividade de fotografia na ECIT Severino Cabral exemplifica a abordagem de priorizar a experiência e construção crítica dos estudantes, ao criar um ambiente em que os alunos podem explorar e experimentar de forma mais autêntica, desafiando as formas convencionais de ensino e promovendo um aprendizado mais profundo e transformador. Assim, a atividade de fotografia não só enriqueceu o aprendizado, mas também proporcionou uma experiência autêntica e significativa para os alunos, ressaltando a importância de integrar experiências práticas no currículo escolar para revitalizar e aprofundar o processo educativo.

Tomando em consideração o diálogo dos alunos, a atividade de fotografia na ECIT Severino Cabral é um excelente exemplo da abordagem da priorização da experiência e construção crítica dos alunos, criando um ambiente no qual os alunos se envolvem e experimentam de maneira mais autêntica, desafiando o método tradicional de ensino e com um verdadeiro potencial para aprimorar uma aprendizagem mais profunda e transformadora. Assim sendo, a atividade de fotografia não apenas enriqueceu a aprendizagem dos alunos, mas, também, proporcionou com uma experiência autêntica e significativa aos estudantes, destacando a importância de integrar experiências práticas ao currículo escolar para rejuvenescer e aprofundar o processo de ensino.

Assim considerando o diálogo entre os estudantes durante o grupo focal, essa atividade fotográfica pôde servir como um bom exemplo da importância da experiência de forma prática para o pensamento crítico no contexto do ensino de Sociologia. Em sua obra, Bodart (2015), observa um aumento de interesse em desenvolver materiais didáticos que tornariam as aulas divertidas e experimentais, especialmente na escola primária. No entanto, devido à natureza intermitente do ensino de Sociologia no currículo nacional, é difícil introduzir tais instrumentos. Entre outras técnicas, a fotografia se destaca em discussões sobre o assunto, realizadas pela Sociedade Brasileira de Sociologia; em particular, na oficina de fotografia, utilizada para tornar o processo de desnaturalização do contexto escolar mais consciente.

A técnica não apenas enriquece o desenvolvimento do material e da atração, mas também cria uma forma de envolvimento prático trazendo os alunos para participar ativamente

do seu próprio ensino. Além disso, Bodart (2015) enfatiza que a fotografia é necessária como mecanismo da chamada “imaginação sociológica” de Mills (1982) que já discutimos anteriormente, que permitirá que os jovens observem e interpretem criticamente a sociedade ao seu redor, seja na escola ou em sua comunidade.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que teve como objetivo geral investigar os sentidos e significados atribuídos pelos estudantes da educação básica ao uso da fotografia na construção de uma “imaginação sociológica”, alcançou resultados que mostraram como a atividade fotográfica não apenas despertou o interesse dos estudantes, mas promoveu um entendimento reflexivo crítico sobre a realidade social de cada aluno, desafiando os métodos tradicionais da educação. A iconografia, como artefato cultural significativo para o ensino de Sociologia, permitiu aos estudantes aprimorar sua visão de mundo e a refletir sobre as questões sociais de maneira mais aprofundada.

A contribuição desse trabalho para o campo da educação se faz relevante uma vez que preenche uma lacuna sobre a aplicação prática da iconografia no ensino de Sociologia, especificamente a fotografia. O estudo ressaltou importância integrando experiências práticas ao currículo do ensino de Sociologia destacando como a arte pode ser uma forma de resistência ao projeto empresarial e utilitarista das escolas técnicas além de que as práticas educativas que têm a experiência e a construção crítica dos alunos como foco são fundamentais para a promoção de um aprendizado transformador e mais significativo mostrando a necessidade de metodologias didáticas que inovam e valorizem a expressão dos alunos.

A pesquisa teve como ponto alto o engajamento dos estudantes na atividade nos grupos focais e rodas de conversa, os alunos se mostraram interessados e participativos em todas as atividades da pesquisa. Além de promover o desenvolvimento do pensamento crítico combinando e prática com metodologias ativas que acompanham a geração, utilizando de ferramentas pedagógicas que enriquecem o aprendizado. Nas limitações da pesquisa podemos ver que ao se concentrar em um número limitado de estudantes pode restringir a variedade de experiências e percepções sobre o uso da fotografia no ensino de Sociologia, aspectos esses que devem ser considerados para avaliação da aplicação dos resultados em contextos mais amplos. Além da falta de experiências práticas no âmbito científico que tenham como foco a fotografia no ensino de Sociologia.

Para aproveitar o máximo esse potencial diante das evidências apresentadas ao longo desse trabalho sugerimos a implementação de um projeto que integra práticas fotográficas no currículo do ensino de Sociologia que não só desenvolve a expressão crítica dos alunos, mas também traz uma reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais de suas vivências. Ao longo das aulas, a fotografia pode ser introduzida através da criação de uma espécie de Álbum de observações fotográficas, onde nele os alunos são incentivados a registrar imagens que

capturam realidades sociais que os cercam, que se alinhem com os conteúdos trabalhados em sala. Esse exercício de observação não só irá promover uma maior atenção ao ambiente social, despertando a “imaginação sociológica”, onde os alunos são levados a ver além do enxergar, mas também encoraja uma reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais presentes nas vidas dos estudantes. Além disso, as imagens capturadas pelos alunos podem ser utilizadas como ponto de partida para os debates em sala, levando os estudantes a compartilhar suas percepções sobre o mundo. Facilitando a construção de um espaço de debate onde as experiências e as vivências de cada um podem ser valiosas para o entendimento das estruturas sociais. Podendo também haver exposições temáticas temporárias dentro das escolas. Ampliando a conscientização para toda a comunidade escolar acerca dos temas sociais trabalhados.

Por fim, para o futuro deste trabalho sugerimos uma ampliação na investigação sobre a fotografia como ferramenta de resistência e crítica social, pois no decorrer da pesquisa observamos que os alunos demonstraram o foco na fotografia como forma de denúncia social das questões problemáticas relacionadas ao antigo prédio explorando como a fotografia pode ser utilizada como um caminho de manifestar suas críticas permitindo que se tornem agentes ativos na busca por mudanças sociais. Assim, propomos a promoção do diálogo construtivo acerca das realidades fomentando uma educação mais engajada e significativa.

## REFERÊNCIAS

- AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira (org.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas vol. 1: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Paulo Sérgio Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica**. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Organizador: Marcio Seligmann-Silva. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas III.
- BODART, Cristiano das Neves. Fotografia como recurso didático no ensino de sociologia. **Revista Brasileira de Ensino de Sociologia**, v. 12, n. 2, p. 81-90, ago./dez. 2015.
- BENJAMIN, Walter. **Usos da fotografia no ensino de Sociologia**. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. In: ORTIZ, Renato (Org.). A sociologia de Pierre Bourdieu. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **Entrevista publicada em Les Jeunes et le Premier Emploi**. Association des Âges, Paris, 1978. Reeditada em Questions de Sociologie. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. p. 143-154.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: MEC; CONSED; UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em: 13 set. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 14.945, de 31 de julho de 2024**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 1 ago. 2024. p. 5. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14945-31-julho-2024-796017-publicacaooriginal-172512-pl.html>. Acesso em: 13 de set. 2024
- BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Dispõe sobre a reforma do ensino médio brasileiro. Brasília, DF, 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm). Acesso em: 23 dez. 2023.

COMISSÃO ESTADUAL DE ELABORAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA CURRICULAR DO ENSINO MÉDIO DA PARAÍBA. **Currículo do Novo Ensino Médio da Paraíba**. Paraíba, 2018. Disponível em:

<https://paraiba.pb.gov.br/arquivos/pdfs/PropostaCurricularDoEnsinoMdiodaParabaPCEMPB23.pdf>. Acesso em: 24 set. 2024.

CORDEIRO, Vívian; BÉLENS, Jussara. **Relatório de extensão do projeto Juventudes em Debate: Entre saberes e resistências**. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2024.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro**, n. 24, p. 40-52, dez. 2003. Disponível em:

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 20 dez. 2023.

ESTADO DA PARAÍBA. **Lei nº 12.790, de 02 de outubro de 2023**. Diário Oficial nº 17.955, João Pessoa, 03 out. 2023. p. 1. Disponível em:

<https://auniao.pb.gov.br/servicos/doe/2023/outubro/diario-oficial-03-10-2023.pdf>. Acesso em 13 set. 2024.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FERRO, Ligia. Ao encontro da sociologia visual. Sociologia. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, 2005.

FILGUEIRAS GONÇALVES, E.; ALVES DE OLIVEIRA, R.; DE BRITO NEVES, D. A. Análise da informação imagética: uma abordagem sob a perspectiva cognitiva. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 110–135, 2016. DOI: 10.19132/1808-5245223.110-135.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed., 15. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002

IANNI, Octavio. **A sociologia numa época de globalismo**. In: FERREIRA, Leila Costa. A sociologia no horizonte do século XXI. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

KITZINGER, J. Focus groups with users and providers of health care. In: POPE, C.; MAYS, N. (Org.). **Qualitative research in health care**. 2. ed. London: BMJ Books, 2000.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Londrina: Editora Planta, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**; Tradução de Carlos. Irineu da Costa. - São Paulo: Ed. 34, 1999.

MCLAREN, Peter. **Critical pedagogy and predatory culture**. 1. ed. Londres: Routledge, 1995.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. 6. ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIS, José Machado. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação. Entrevista concedida a Miriam Abramovay e Victor Andrade de Melo. **Educação & Realidade**, v. 64, p. 1-15, abr./jun. 2017.

PARAÍBA. **Decreto Estadual nº 40.000, de 15 de janeiro de 2020**. Diário Oficial do Estado da Paraíba, n. 17.037, p. 1, João Pessoa, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://auniaio.pb.gov.br/servicos/doi/janeiro/janeiro/diario-oficial-15-01-2020.pdf>. Acesso em 13 set. 2024

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 1990.

POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H. **Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 4. ed. 5. reimpressão. São Paulo: Vozes, 2020. Capítulos I a V.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DA PARAÍBA. **Diretrizes operacionais para o ensino das Escolas Cidadãs Integrais e Técnicas da Paraíba**, 2024. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-educacao/consultas/diretrizes-operacionais-2024/view>. Acesso em: 10 out. 2024.

SOILO, Andressa Nunes. A arte da fotografia na antropologia: o uso de imagens como instrumento de pesquisa social. *Habitus*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 72-90, 2012. Disponível em: <http://www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 17 dez. 2023.

TRONTO, Joan. **Moral boundaries: a political argument for an ethic of care**. New York: Routledge, 1993.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira. A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e métodos na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

## APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO RODA DE CONVERSA 1º ANO

ESCOLA SEVERINO CABRAL – CAMPINA GRANDE – 23 DE AGOSTO DE 2023

Moderadora: Pra gente começar queria que vocês me falassem o que vocês escolheram fotografar.

Aluno 1A: Eu retratei a questão dos calçados, observei que há uma grande diversidade de calçados e como isso reflete a forma que a galera se expressa através do jeito de se vestir.

Aluna 1B: Eu tentei capturar um pouco das características das pessoas e das atividades que elas fazem, como alguns esportes que praticam. Também foquei na estrutura da escola, mostrando como está e como precisa melhorar. Muitas partes estão danificadas. Nas características das pessoas, notei uma grande diversidade, como muita gente com cabelo cacheado e outros com cabelo liso.

Aluna 1C: A gente também retratou os diferentes funcionários e o relacionamento entre eles, as relações de trabalho. Tentamos mostrar a diferença entre os cargos, como o pessoal da limpeza e o coordenador, e como cada um tem sua função. Existe uma hierarquia, e a gente percebeu isso ao observar.

Aluno 1D: Também registramos a poluição naquela área perto dos pneus, que poderia ser usada para lazer ou brincadeiras, mas a gente não tem acesso direito a essa parte.

Aluna 1E: Primeiro, eu mostrei mais sobre a estrutura da escola, que está meio acabada. Falei sobre como as pessoas reutilizam o espaço de forma criativa para se divertir e como elas se relacionam com esse problema. Por exemplo, tem um laboratório que foi construído, mas não é utilizado, e um terreno grande que poderia ser melhor aproveitado. Vai ter uma reforma, e a esperança é que, mesmo que a gente não veja o resultado final, porque o tempo estimado é de dois anos, melhore as coisas.

Aluna 1F: A gente quis registrar os momentos e as relações que temos aqui na escola, como o grafite nas paredes, os animais que aparecem por aqui e até a gente mesmo. Isso mostra como a escola forma amizades também.

Aluno 1G: Eu retratei a escola e os momentos de lazer, que basicamente são os esportes nas aulas de educação física. Fotografei a quadra, que é o espaço preferido pra mim e pro J. A gente passa o dia todo aqui, mas só pode aproveitar a quadra mesmo na quarta-feira. A quadra ajuda tanto na saúde quanto na diversão, porque ficar a semana toda sem um momento de lazer é difícil.

Aluno 1H: Eu também tirei fotos da arquitetura da escola, mostrando os lados ruins e os bons. Tem muita coisa que está esquecida, como aquela área cheia de lodo onde a gente come

e às vezes cai água suja na nossa comida. Tem o laboratório abandonado que a gente poderia estar usando. Mas, o lado bom é a vegetação da escola, que é algo muito positivo.

Moderadora: E o que vocês acharam de ter uma atividade prática?

Aluno 1A: Achei muito massa sair da sala e fotografar a escola. Foi uma forma bem prática de entender as paradas de Sociologia. Bem melhor que ficar só copiando do quadro.

Aluna 1B: No começo, tava com preguiça, mas depois vi que é bem melhor do que só copiar. A prática ajuda a entender mais, porque aquilo ali tá saindo da minha mente, o que foi que eu parei pra observar sobre o cotidiano da escola.

Aluna 1C: Sair da sala foi um alívio, sério. Ficar preso lá o tempo todo é sufocante. Fazer uma atividade diferente deu uma quebrada boa na rotina.

Aluno 1D: Eu curto mais essas atividades práticas porque fixo melhor o que aprendo. Não fico só decorando pra passar de ano, realmente entendo as coisas.

Aluna 1F: Sair da sala e fazer algo diferente foi muito bom, como todo mundo falou. Acho que atividades práticas ajudam a gente a entender melhor.

Aluno 1G: Prefiro mil vezes atividades práticas porque me sinto mais engajado. Ficar só dentro da sala é cansativo e nem ajuda tanto a aprender.

Aluno H: Achei a atividade prática muito mais interessante. Ficar na sala o tempo todo é sufocante e não ajuda a fixar o conteúdo. Aprender de forma dinâmica é bem melhor.

## APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO RODA DE CONVERSA 2º ANO

ESCOLA SEVERINO CABRAL – CAMPINA GRANDE – 29.09.2023

Moderadora: Para a gente começar, gostaria que vocês falassem sobre como percebem a importância dessa atividade para o ensino de Sociologia. Vocês acham que a prática de fotografar e observar a escola ajudou a entender melhor os conceitos que discutimos em sala? Como essa experiência contribuiu para o aprendizado de vocês?

Aluno 2A: A fotografia trouxe uma visão crítica pro nosso dia a dia aqui na escola, né?

Aluna 2B: A gente começou a ver de uma forma diferentes essas questões da escola, uma visão da sociedade e não só passar despercebido e viver aceitando tudo como normal

Aluno 2C: Acho que se aproxima da experiência de ver aquela foto, que eu acho que é de 2020, feita com um drone, que do lado de uma área nobre tem a parte periférica, exatamente do lado mesmo, e a foto traz essa visão mais crítica da desigualdade dali

Moderadora: Ah, interessante, e como vocês se sentiram fazendo a atividade?

(Em coro várias pessoas dizem que gostaram, e vozes mais altas dizem que só de sair da sala e aula já deixa maior a vontade de fazer a atividade.)

Aluno 2A: Foi legal, foi diferente, acho que é necessário abrir a mente pra observar e fazer alguma crítica através da fotografia, a gente fez uma denúncia né com nossa foto, então foi além de só observar.

Aluna 2B: Eu senti a mesma coisa, e tipo, eu senti que absorvi mais conhecimento sobre o cotidiano da escola, do que se tivesse somente ouvindo uma aula na sala, com exemplos que não fossem os que estão perto da gente, né?

Aluno 2C: Sim, eu acho que por ter sido uma aula dinâmica, querendo ou não, a gente se sente mais disposto a fazer o que foi proposto, e olhar que a câmera do celular pode mostrar muito do pensamento da gente também.

Aluno 2D: Acho que foi uma aula que fez a gente absorver melhor sobre o dia a dia, eu me senti treinando meu ponto de vista, porque no ensino integral, a gente passa o dia inteiro só ouvindo os professores na frente do quadro, muitas vezes.

Aluna 2E: Eu achei uma experiência bem bacana, sair um pouco, treinar a visão de mundo né, como foi a proposta da atividade.

Aluno 2F: Faço das palavras dos meus colegas as minhas (risadas de todos da sala) experiências novas, né, sempre muito bom, me senti até como um jornalista, treinei minha visão sobre o mundo, né, e com as fotos poder mostrar essa minha visão.

Aluna 2G: Eu acho que foi uma experiência que me forçou a pensar e a criticar, usando meu celular como ferramenta disso e não só pra pesquisar alguma resposta, podendo levar pra fora da escola esse pensamento sobre o mundo.

Aluna 2H: A atividade foi diferenciada, né, dentro da escola, fazendo a gente pensar sobre toda a sociedade, sobre as nossas próprias críticas que já temos aqui dentro da escola, mas podendo transmitir em imagens, né, com as fotos.

Aluno 2I: Eu nunca tinha parado pra fotografar coisas assim, que pudesse ter uma crítica por traz, sempre só tirava foto de mim, ou dos meus amigos, aí eu parei pra ver né, as coisas pra analisar e tal.

Aluna 2J: Foi bem legal, né, como todo mundo já falou, algo que foge da nossa realidade dentro da escola, de passar o dia todo sentado na cadeira, na sala de aula, estudando, e ouvindo o professor falando, acho que a maioria aqui, que fez essa atividade começou a perceber a escola de forma diferente, e de uma forma divertida né, os meninos mesmo, pra criticar algo fizeram uma foto divertida, bem legal, mesmo que fosse divertida tava ali criticando que os matos atrapalhavam a gente.

Aluna 2K: Acho que também fez a gente mostrar nossa visão como alunos né, porque se fosse um professor tirando as fotos, ia ser completamente diferente, o que eles iam escolher fotografar, ou denunciar com as fotos.

Moderadora: Muito legal, vocês conseguem perceber a diferença do tipo de fotos que vocês já tiram, pra esse tipo diferente do uso da fotografia para aprender sociologia?

Aluna 2G: São olhares diferentes, né, intenções diferentes, o lado crítico você vai ter outro olhar, do que apenas estético, você consegue perceber bastante a diferença até ao olhar pra uma foto, o intuito que ela foi fotografada.

Aluno 2D: Acho que quando a gente tira uma foto no dia a dia a gente só tira a foto porque achou algo bonito, ou porque se arrumou, já quando a gente tira assim, nesse exemplo da sociologia, a gente vai pensar o porquê daquela foto, a gente já pensa criticamente sobre aquilo antes de tirar a foto.

Aluna 2E: Acho que também é da forma que a gente analisa cada foto, dá pra problematizar sempre uma foto, um exemplo são as fotos dos políticos na câmara, dá pra perceber que a maioria é homem, e tem uma minoria de mulheres, e também de pessoas negras.

Moderadora: Se depende do jeito que a gente analisa, usando fotografia na sala pra aprender sociologia, vocês conseguem perceber relações sociais nas fotos? Analisar relações de gênero, relações de poder?

Aluna 2E: Dá sim, um exemplo de relação de gênero é que se a gente for fotografar em um hospital, ou ver fotografias de hospital, normalmente a maioria das pessoas que vão estar cuidando dos doentes são mulheres, que acompanham as pessoas doentes.

Moderadora: Interessante, e o que vocês acham que pode mudar no aprendizado de vocês usar fotos no ensino de Sociologia?

Aluna 2B: Com certeza aumenta nossa visão crítica.

Aluna 2J: Você passa a olhar as fotografias como se fosse um texto né, analisando tudo que tá ali, as relações sociais ou tudo que tá ali de social.

Aluna 2H: Acho que a gente pode até usar nos trabalhos escolares.

Aluno 2F: A nossa geração é mais acostumada com coisas tecnológicas, né, a gente passou pela pandemia e a gente usou muito essas metodologias diferentes e interações diferentes, e a nossa geração é diferente, então acho que o ensino também precisa ir mudando pra ser mais proveitoso pra gente mesmo. Se os professores, de todas as disciplinas, trouxessem mais, com certeza seria mais proveitoso.

Moderadora: Será que prejudicaria algo trabalhar os conteúdos com fotografia?

Aluna 2K: Acho que a gente aprenderia mais, isso sim, a gente se acostumou, como a colega falou, a gente conseguiria aprender mais com o uso da tecnologia, incluindo vídeos e fotos.

Aluna 2E: A gente já tem algumas fotos nos livros, mas acho que com certeza os professores tem fotos mais interessantes que façam a gente pensar sobre o conteúdo.

Aluno 2D: O mais importante é como vai utilizar né, porque não adianta tá ali no livro e a gente só ver ela e pronto, continuar lendo e levando em conta só o texto, a gente aprende muito mais e memoriza muito mais fácil com esse tipo de recurso, porque a gente tá acostumado a receber muitas informações o tempo todo no celular, e a gente lembra de muita coisa, então quando a gente só ouve o professor lendo um texto, a gente nem presta atenção.

## APÊNDICE C – PERGUNTAS DO GRUPO FOCAL

Você percebeu alguma mudança na forma como enxergam as imagens do cotidiano após participarem dessa atividade?

Durante a atividade de fotografia, você sentiu que as imagens capturadas refletiram de forma precisa as questões sociais e culturais que podem, ou não, ou já foram discutidas em aulas de Sociologia?

Durante a atividade fotográfica no ensino de Sociologia, quais foram as sensações predominantes que vocês experimentaram ao analisar e capturar as imagens escolhidas?

Na sua opinião essa abordagem mais prática e visual, da atividade feita em sala pode construir uma visão mais crítica acerca da sociedade? Justifique

Ao refletirem sobre a ausência das artes e de recursos práticos nos recursos didáticos da escola integral técnica, como você vê essa lacuna impactando na sua formação educacional e o desenvolvimento pessoal?

Vocês notam, no dia a dia, alguma tendência à valorização de disciplinas consideradas mais "profissionais" em detrimento das artes e disciplinas humanísticas?

## APÊNDICE D – GRUPO FOCAL

SEIS ALUNOS E ALUNAS DO 1º E 2º ANO

DIA 05/06/2024

Você percebeu alguma mudança na forma como enxergam as imagens do cotidiano após participarem dessa atividade?

**Aluno I.** Eu percebi que eu passei a ter uma visão bem mais crítica sobre as coisas que acontecem no dia a dia. Por exemplo, lá no Severino, que agora está em reforma, a gente tinha muito problema com os matos, né? que cresciam, aí criava bicho e tal. Então, acabou que aquilo ali virou parte do cotidiano da gente. Então, uma hora ou outra a gente se acostumou com isso. Mas acabou que com a atividade das fotos a gente conseguiu fazer uma crítica sobre isso, também, além de perceber as questões sociais. Fazer uma crítica sobre a parte da estrutura de uma forma que todo mundo acabou gostando de perceber. Porque, por exemplo, pelo menos, eu, né? Eu nunca pensei que a parte da sociologia poderia ser, a parte crítica da sociologia poderia ter a ver com fotos, que é uma coisa que, fotos a gente tira todo dia, o tempo todo, e a gente sempre foca em tirar só foto da gente e do que a gente acha bonito, não sobre o que está ao nosso redor como social. Eu me lembro até que uma menina da minha turma falou que poderia ser uma crítica não somente à estrutura das coisas, mas tipo, na parte política também. Que a participação das mulheres na política, ela falou que viu uma foto que mostra mais homens no Senado, por exemplo. Então, é uma forma crítica que eu nunca pensei que poderia ter. Eu nunca raciocinei o suficiente para poder perceber isso. Então, a atividade me ajudou muito na forma crítica de ver as coisas.

**Aluna II:** Eu acho que a atividade fez a gente parar para pensar um pouco e olhar ao nosso redor, para a gente ver onde a gente pertencia. Tanto que a gente tirou foto dos matos, tirou foto da estrutura que estava abandonada lá, só que o primeiro falou que já estava algo normal para a gente, estava normalizado aquilo, porque não tinha nenhuma atitude sobre aquilo, que já estava algo normal para a gente, só que com essa atividade a gente parou, olhou ao redor e... Calma aí, tem muita coisa errada aqui.

**Aluna III:** Então, abriu a nossa mente sobre isso. Eu acho que a fotografia que a gente fez sobre a escola mostrou também que nem todas as fotos são belas e perfeitas, sabe? Mostra a realidade e que a gente estava tentando de alguma maneira resolver aquilo. E ajudou bastante também quando teve aqueles problemas relacionados à escola para resolver. Ajudou bastante,

fez com que todas as pessoas enxergassem da maneira que a gente enxergava. Não só a gente aluno, mas de fora também, sabe? Então, acho que foi muito importante para fazer todo mundo enxergar o que a gente estava enfrentando e tomar alguma atitude.

**Aluna IV:** A gente quando começou a falar sobre fotografia e sociologia, e falamos sobre fotografar e perceber o ambiente ao nosso redor, com nossa visão de mundo, por exemplo, eu moro numa comunidade, e eu tirei bastante foto da minha comunidade lá e tal, postei no Instagram e falei sobre a nossa realidade. Quando eu tirei aquela foto, me veio à cabeça, tipo, coisas que, perspectivas assim, que eu não tinha percebido antes sobre a vida na comunidade. A mesma coisa na escola. Através da fotografia a gente conseguiu perceber coisas que a gente não percebia antes. Por exemplo, porque a gente vai reparando, a gente vai vendo que é uma realidade aquilo. É uma coisa que de fato a gente vive aquilo, não é só uma fotografia. Então, além da fotografia, existia todo um sentimento ali, porque era a gente que estava sentindo aquilo, era a gente que estava vivendo aquilo, entendeu? Então, tipo, fez muita diferença porque não foi só uma coisa de ver no livro didático, ah, uma fotografia, o que você vê nessa imagem que não tem nada a ver com seu dia a dia? Não, eu vivo aquela imagem, entendeu? Então foi uma coisa assim, uma experiência bastante importante, e realmente fez muita diferença, eu acho que para todo mundo que fez o trabalho, fez uma diferença, porque a gente conseguiu não só olhar a fotografia, mas a gente conseguiu ver a perspectiva daquela fotografia, o sentido daquela fotografia, a gente sentiu, e passou a enxergar as coisas com uma visão mais crítica, até sobre as relações de poder, de gênero e etc., né?

**Aluno V:** Mostrou também a importância das tias na cozinha, que muitas das vezes a galera não está nem aí trata jeito que quer. Então a fotografia fez a gente ver o quanto o trabalho delas é importante, que sem elas a gente não tinha literalmente nada para comer aqui na escola. Então, serviu muito para mostrar o quanto as coisas são importantes. Percebendo também como são as questões de trabalho, né, porque tipo, são sempre mulheres na cozinha? Acho que fez que parar pra pensar mais nas coisas que tão na cara da gente e a gente não percebe.

**Aluno VI:** Usando já desse negócio de falar das coisas serem importantes, eu tenho meio que uma visão diferente, não só uma visão crítica, de uma crítica ruim. Porque o negócio que eu até falei aqui, que saudade daqueles matos, né? Porque muitas vezes eu dei risada de ver a galera indo lá buscar a bola no mato. Então, claro que era uma situação muito ruim, complicada, né? A gente vivia numa estrutura bem sinistra que agora tá em reforma. Mas em relação à vivência, a gente olha as pessoas assim e às vezes que a gente nem conhece. Mas é

tão louco a gente pensar que cada pessoa vive sua vida com suas relações, suas comunicações. Suas visões de mundo. E é uma coisa que a gente não pensa. E quando a gente para pra tirar a foto, a gente pode perceber as coisas funcionando, ou não também, vê pessoas andando, as pessoas conversando, convivendo. É uma coisa tão besta, a interação de pessoas assim e fala, caramba, que interessante. Então meio que a visão crítica que eu tive depois desse trabalho foi justamente disso de “que louco, cada pessoa tá vivendo sua vida, com suas questões”. Então, acho que minha visão crítica foi justamente isso.

Durante a atividade de fotografia, você sentiu que as imagens capturadas refletiram de forma precisa as questões sociais e culturais que podem, ou não, ou já foram discutidas em aulas de Sociologia?

**Aluno I:** “O que eu acho que as fotos representaram muito bem é a essência da escola, eu acho, de como é o Severino Cabral em termos de comunidade, e a gente pode estudar isso em Sociologia, né. Nas fotos que a gente fez, a gente vê claramente que todo mundo tem seus grupinhos, mas também que, diante de uma crise, todo mundo se uniu para resolver o problema, como no caso da limpeza dos matos. Isso mostra o poder da ação como todo um coletivo, né. É um exemplo micro do que a sociedade pode fazer quando se unem. Lembro que em 2022 teve um protesto na escola, que resultou na reforma da escola que tá acontecendo agora. Mesmo com a divisão em grupos pequenos, quando há uma causa maior, todos se juntam e se juntaram. Isso demonstra um senso de comunidade muito forte, onde o que um sofre, todos sofrem. Por isso, a gente pode ver que nas fotos retratam sim como a comunidade da escola é como um todo, como um coletivo e a gente pode estudar sim analisando elas.”

**Aluna III:** “Eu acho que as fotos que a gente fez não capturam toda a questão cultural e social da escola porque eu acho que sempre tem mais coisa pra ser mostrada. Mesmo assim, as fotos que a gente fez podem sim ajudar a gente a discutir questões de desigualdade, as relações diferentes entre a equipe e os alunos, por exemplo. Através das fotos, podemos explorar e debater vários temas, eu acho.”

**Aluna IV:** “Eu vejo a sociologia entrando para trazer a realidade que muitas vezes não percebemos. A nossa escola reflete uma realidade de desigualdade quando comparamos com as escolas particulares aqui de Campina Grande, a gente pode ver isso facilmente. A sociologia ajuda a entender e criticar essa realidade, e nas fotos a gente vê que o mais importante é a nossa união, nesse caso, da estrutura, mesmo com tantas dificuldades a gente sempre tem as pessoas que tão ali todos os dias com a gente”

Durante a atividade fotográfica no ensino de Sociologia, quais foram as sensações predominantes que vocês experimentaram ao analisar e capturar as imagens escolhidas?

**Aluna IV:** “Nesse caso assim, eu enxerguei, meu sentimento era tipo um choque de realidade. Quando eu, assim, sempre eu passava pelo mesmo caminho pra vir pra escola. Só que depois de fazer a atividade com as fotos, e eu fiquei analisando, e eu fiz a foto que falei, da minha comunidade, e fui fazer meu texto, porque eu fiz um texto, né, e postei no Instagram, mas, tipo assim, foi um choque, assim, que me deu. E foi uma sensação que, tipo, cara, eu vivo essa realidade. E meio que eu não parava pra analisar antes da fotografia, antes desse trabalho. E tipo, é uma coisa que eu digo muito, que eu falo muito, que depois disso eu reli, li meu texto, e eu fiquei martelando isso na minha cabeça, porque era uma coisa que eu não me compreendia. Meio que tipo assim, a gente olha ao redor, e a gente, cara, que eu sou daqui eu faço parte disso. E por que eu não luto contra isso? Porque eu não abro meus olhos pra isso, entendeu? E quando eu enxerguei a partir do trabalho, a partir disso, eu tive uma reflexão totalmente diferente da minha vida, porque... Foi uma coisa assim que realmente mexeu comigo. E sem brincadeira nenhuma, sem mentira nenhuma. Foi uma coisa que realmente, de fato, foi um trabalho assim que eu disse, cara, foi essencial. Porque, é tanto que depois desse trabalho, eu abri meus olhos pra Sociologia e era uma coisa que tipo assim, quando chegou as férias, né? E eu fiquei martelando ainda isso na minha cabeça, porque eu fiquei tipo, cara, velho, e se eu fizesse alguma coisa, por exemplo, pra mudar isso? E se eu fosse professora de Sociologia, e se... eu fiquei com isso na minha cabeça, entendeu? Fiquei tipo, mãe, não sei o que, na sociologia, toda hora falando disso. Isso trouxe uma questão aberta assim na minha mente que eu fiquei, tá, mas e se eu fizesse alguma coisa pra mudar isso? E acabou surgindo um bocado de “e se...”, e eu cheguei à conclusão de tipo assim, a Sociologia é uma matéria importante. Desde esse trabalho, ficou sendo uma das minhas pautas preferidas. Eu tomei um gosto pela sociologia que eu não tinha antes, porque eu não conhecia. Foi o meu primeiro ano, eu não conhecia a Sociologia desse ponto de vista. Sabia o que era, justamente porque, por morar em comunidade, a gente tem que saber da nossa realidade. Mas não abertamente, assim como a Sociologia trouxe, entendeu? Então o sentimento é de tipo, cara, alguém se importa. Tem alguém que se importa com o que a gente está vivendo. Tem gente lutando por o que a gente está vivendo. E eu, como eu sou parte disso, eu também tenho que entrar nessa luta. Entendeu? Em toda essa questão assim, é isso que a sociologia sempre traz para a gente. É mostrar a nossa realidade e mostrar pontos que a gente pode agir para a gente fazer alguma coisa. Porque é certo que a elite, ela sempre vai

continuar sendo elite. A gente não tem a oportunidade, mas mostra que a gente pode estourar aquela bolha, sabe? Aquela bolha que tanto fica ali. Na escola Severino Cabral, teve uma aluna que foi a melhor da Paraíba na redação do Enem. Não tem um negócio assim que explica, não tem sensação que explique, sentimento que explique isso. Porque é uma coisa que você, cara, a pessoa não tinha estrutura, não tinha um ensino igual de escola particular. Não era elite, não tinha dinheiro, não tinha oportunidades, mas ela conseguiu furar a bolha e mostrar para a sociedade inteira que não importa se você é de elite, se você tiver acesso à educação e uma educação que abre os olhos da gente, você pode conseguir. Eu acho que isso foi uma coisa que mexeu muito comigo.”

**Aluna III:** “Exatamente. Eu também, eu senti uma mistura de sensações, de raiva por ver a desigualdade. por ver que muitas das vezes ninguém não está nem aí, que a gente está no “seja o que Deus quiser”, né? Então, assim, foi um misto de sensações, mas a sociologia é muito importante para mostrar o quão é importante a gente lutar pelos nossos direitos, né? Muitas das vezes a gente nem sabe que aquilo é direito nosso, né? Que a gente nem procura saber, enfim. Então, a sociologia para mim, juntamente com esse trabalho, foi muito importante para poder enxergar e ver mesmo, e dizer, não, eu tenho que ir atrás dos meus direitos, independentemente de qualquer coisa. E por mostrar também toda a luta, por exemplo, a fotografia aqui da tia da cozinha. Mostrar também a importância das mulheres, o quanto elas estão presentes e fazem as coisas acontecerem. E muitas das vezes ninguém também está nem aí, entendeu? Então, assim, foi muito importante para a gente poder enxergar tudo isso. Então, foi um trabalho que eu gostei bastante.”

**Aluno I:** “A gente vê como a sociologia é importante, mas também tem que falar sobre a importância de todas as matérias de humanas. Tipo, construir uma mente crítica na sociologia e na filosofia é muito importante. Saber o que rolou no passado pra não repetir no futuro em história também é essencial, né? E ter o máximo do seu senso crítico pra saber onde e como criticar de um jeito eficaz pra todo mundo. E essas fotos mostraram isso, sabe? Mesmo que no começo parecessem só fotos aleatórias que a gente tirou, depois, quando analisamos, a gente conseguiu dar um sentido crítico pra elas. Tanto a pessoa que postou e escreveu, quanto a gente que participou. Tipo, na aula a gente também brincou, tirou umas fotos engraçadas e tal, mas, por exemplo, teve uma foto que tiramos de um corredor fora da escola, do lado da quadra, onde o teto ficava caindo. Eu fiquei assustado, mas a gente criticou. Aquilo era um perigo, né? Alguém poderia passar e se machucar. Então, mesmo que fosse uma brincadeira, a gente conseguiu criticar aquilo de uma forma eficaz.”

**Aluno VI:** “Eu senti um negócio meio estranho, sabe? Difícil de explicar, mas tipo, a gente vive de muitas formas diferentes, e quando você para pra tirar foto, você começa a pensar nisso. As coisas tão rolando, não só com as pessoas, mas tipo, agora mesmo, a gente conversando aqui, a chuva caindo, o vento batendo, a gente respirando. Quando paro pra tirar essas fotos, eu penso no valor da vida, sabe? Que a gente tá vivendo a nossa vida sozinhos, mas ao mesmo tempo, em coletivo. Tem gente que a gente nem conhece, nunca viu, que tá fazendo a mesma coisa, mas de um jeito totalmente diferente. E isso é meio sociológico, né? Tipo, perceber que a gente tá conectado, que tudo faz parte de algo maior, mas eu só não sei exatamente que sentimento isso me traz, é uma coisa que acontece, mas não sei dizer qual é.”

Na sua opinião essa abordagem mais prática e visual, da atividade feita em sala pode construir uma visão mais crítica acerca da sociedade? Justifique

**Aluno I:** “Eu falei bastante sobre essa visão crítica, né? E acho que isso aconteceu de verdade. Tipo, a gente tirou essas fotos e conseguiu transformar em conhecimento de um jeito claro. Quando a gente para pra analisar do jeito que a gente quer ver, por exemplo, sei lá, olha essa foto aqui, que eu já usei antes. A gente olha e pensa, “O que tá errado nessa estrutura da escola?” Aí a gente vê os matos no fundo, e isso já dá uma ideia. Então, essa dinâmica não só de fotos, mas também poderia ser vídeos, áudios, sei lá, sobre algum tema, acho que é super eficaz. Porque, tipo, se o aluno só ficar sentado ouvindo o professor falar, pode ser que não marque ele tanto. Mas essa atividade marcou a gente de um jeito que a gente vai lembrar. A gente vai lembrar dessas aulas, dessa conversa, vai ficar na nossa cabeça. E aí, a gente vai lembrar do conteúdo de sociologia que a gente viu através das fotos, e também dos momentos como esse, entendeu?”

**Aluno II:** “A nossa geração é mais acostumada com coisas tecnológicas, né, a gente passou pela pandemia e a gente usou muito essas metodologias diferentes e interações diferentes, e a nossa geração é diferente, então acho que o ensino também precisa ir mudando pra ser mais proveitoso pra gente mesmo. Se os professores, de todas as disciplinas, trouxessem mais, com certeza seria mais proveitoso”

Ao refletirem sobre a ausência das artes e de recursos práticos nos recursos didáticos da escola integral técnica, como você vê essa lacuna impactando na sua formação educacional e o desenvolvimento pessoal?

**Aluna IV:** “Tipo, a falta de artes na escola técnica é uma coisa que pode pesar mesmo na nossa realidade de escola técnica. Porque as artes trazem essa liberdade de expressão, de criar, de enxergar o mundo de outros jeitos. E lá, como a gente foca muito nas matérias técnicas, acaba que a gente perde um pouco disso. As aulas práticas ajudam muito, mas as artes, por exemplo, fazem a gente pensar fora da caixa, estimulam nossa criatividade e até nosso desenvolvimento como pessoa. Quando a gente faz uma atividade como essa da fotografia, a gente percebe como é importante ter esse tipo de coisa. Porque você não só aprende o conteúdo, mas também começa a desenvolver uma visão mais crítica e humana do mundo. Tipo, eu interpretei de um jeito, outro aluno viu de outro. A prática é essencial, de verdade. Não só na sociologia, mas em todas as matérias. Com a prática, a gente vive a experiência, sente ela de verdade e consegue formar a nossa própria visão. Isso é muito importante na formação da gente. Então, acho que é uma grande falta não ter mais artes e recursos práticos na escola. Elas fazem falta, e seria muito importante pra nossa formação educacional e pessoal. Porque, além de aprender a parte técnica, a gente precisa aprender a pensar, criar, sentir, e as artes trazem muito disso, né?”

**Aluno I:** “Eu gostei muito dessa pergunta, principalmente da parte das artes, porque a nossa escola é bem ligada a isso. Mas, falando sobre a ausência de artes nas escolas em geral, tipo, gente, pelo amor de Deus, a escola é onde estão formando várias pessoas com habilidades diferentes, né? E tem muita gente que é artista, que poderia se desenvolver ali. Na minha escola mesmo, no Severino Cabral, tem o Festival de Arte. Antes era o sarau, mas desde 2022 virou festival. Ano passado teve uma coisa muito legal, tinha um corredor lá perto de onde a gente lanchava, e o professor fechou uma área para as pessoas desenharem nas paredes. E surgiram uns desenhos muito bonitos, muito importantes, que falavam de várias coisas, tipo figuras importantes.”

**Aluna IV:** “Sim! E isso foi muito interessante, porque teve desenhos até pra falar sobre representação negra, e o professor, ele conseguiu usar a arte pra expressar um ponto de vista da luta da comunidade negra. Isso, de certa forma, é sociologia também, sabe? A arte e a sociologia se conectam quando a gente começa a pensar criticamente sobre a sociedade. Eu participei do Festival de Artes, e foi uma experiência surreal. Tive a oportunidade de estar no palco, e isso, tipo, encoraja a gente, sabe? Um aluno que é tímido, por exemplo, pode ganhar confiança fazendo uma peça, e isso transforma a educação daquele aluno, sabe? Ele vai aprender de um jeito completamente diferente.”

**Aluna II:** “Sim, e às vezes as pessoas nem dão tanta importância pra isso, né? Falam: “Ah, é só uma peça”, mas depois veem o quanto é importante. Dependendo do tema, pode ser algo forte, tipo a luta das mulheres. E aí isso mostra o quanto essencial é ir atrás dos seus direitos, lutar por eles até o fim. Acho que a sociologia é isso também, né? Mostrar as lutas, os direitos, e o quanto é importante buscar isso.”

Vocês notam, no dia a dia, alguma tendência à valorização de algumas disciplinas em detrimento de outras?

**Aluna II:** “ Sim, acho que no meio da educação do país eles meio que criam a gente como ratos de laboratório, como se a gente fosse um robô. Tanto que, na aula de Sociologia, até tem uma pauta sobre isso, com outro estagiário. Eles moldam a gente pra viver alienado, seguindo ordens, sabe? Tipo, tem que ter horário pra tudo, você não pode ser livre, não pode escolher. Eles fazem a gente assim, pra ser o que eles querem, sabe? E o país nem dá oportunidade pra mudar isso, parece que é tudo planejado pra gente continuar nessa alienação.”

**Aluna III:** “Todo mundo sabe disso. Desde o momento em que a gente começa a escola, a gente é levado para focar no mercado de trabalho. É como se o principal objetivo da educação fosse pra gente somente trabalhar em algo que dê dinheiro e essa fosse nossa vida, tudo voltado pro trabalho. Ai no meio disso as disciplinas de artes e humanas são deixadas de lado, como se não tivessem um valor na vida e nem fizessem nada pro trabalho.”

**Aluna IV:** “Uma coisa que a gente está estudando agora na Sociologia é um ponto de Karl Marx, que vocês do terceiro já estudaram com certeza, né? Ele fala muito sobre alienação. Isso é algo que tem ressoado bastante pra gente que está estudando agora. É uma coisa que a gente vê muito na nossa escola. Por mais que a gente tenha essa liberdade e outros pontos de vista, a gente não só pega o ponto educacional, mas também constrói uma família, um laço de amizade e respeito por cada um. Aqui na escola, a gente consegue ver referências, se inspirar e realmente chegar à conclusão de o que a gente quer ser. Então, é uma inspiração de fato. Muitas pessoas na escola podem influenciar nesse aspecto profissional, mas eu não acho que a escola faz isso de forma rígida, tipo “você é estudante pra fazer isso e aquilo”. Eu acho que aqui na nossa escola, pelo menos. Se você quer ser cantor, por exemplo, a escola dá essa liberdade pra você se apresentar no festival, no dia das mães. Mas se a gente não prestar atenção, pode acabar todo mundo indo pra o que parece ser o certo para conseguir um emprego e o que é considerado útil. Aí, as artes ficam de lado, e isso é ruim porque as artes são super importantes. Elas ajudam a gente a ser criativo, a se expressar e a mostrar quem a gente realmente é. Se a gente só se preocupa com o que o mercado de trabalho quer, pode acabar ignorando o que realmente gosta

e o que poderia fazer a gente feliz. Então, é importante valorizar as artes tanto quanto as matérias que preparam a gente para o trabalho.”

**Aluno VI:** “Eu acho assim, a escola, a questão de ensino no Brasil, não que esteja errada, mas para mim é uma parada que não faz muito sentido. Por exemplo, o Enem. Você tem médias que, para seguir o que você quer, você é obrigado a conseguir. Para isso, você tem que se matar de estudar. Às vezes, você não tem muita oportunidade, porque, tipo, você tem família, trabalho, tem uma porrada de coisas. Então, fica uma parada muito difícil. Questão de universidade. Você... Não de universidade, não vou falar nem tanto de universidade. Mas aqui é escola mesmo. A gente aprende muita coisa que, queira ou não, vai ser completamente inútil. Então, não funciona.

O que eu acho, eu estava falando isso um dia desses com meus amigos, é que deveriam existir caminhos diferentes, justamente para dar essa possibilidade. Pô, eu quero seguir uma área de design. A partir do ensino médio já era para ir construindo essa ideia. E em questão do Enem, de prova, era para ter, na minha visão, vários grupos que tivessem relação com o que você quer seguir. Porque, por exemplo, eu vou fazer o Enem. Eu quero conquistar algo, se eu não conseguir, eu vou ter que me virar com o que eu tenho. Então, assim, é uma parada que tem uma certa abertura, mas não serve de nada, tá ligado?”

**Aluna II:** “Já trazendo também essa questão do Enem e da desigualdade, né? Como assim, pessoas que estudam em escolas extremamente caras, que fazem cursinhos caros, vão competir com a gente, que vive numa situação precária, numa situação que... Meu Deus, Deus me acuda, sabe? Então, na minha cabeça não tem lógica. E nunca, nunca, nunca que eu acho que o Enem vai ser de forma igualitária. Porque muitas pessoas acham que é isso. Para mim, é alienação. Porque não faz sentido uma pessoa que estuda em escola caríssima competir com alguém que vive numa situação precária, sabe?”

**Aluna III:** “Porque todo mundo sabe que em escola particular, eles vão dar exatamente o que vai cair no Enem. Eles vão direcionar o aluno àquilo. Porque lá só tem filho de médico, advogado, e eles vão seguir esse caminho dos pais.”

**Aluna IV:** “É justamente roubando até a oportunidade de pessoas que realmente precisam de entrar na faculdade pública. É tanto que nossa professora de Sociologia sempre fala isso. Gente, corram, busquem, porque o nosso país é um país que ele é alienado, ele é um país injusto. Porque não faz sentido, não tem sentido. Então, sempre frisa isso. Gente, sempre vai existir a desigualdade. Vocês sempre vão lutar contra pessoas que a elite sempre vai lhe reprimir. Vai dizer ali que você não tem oportunidade, você não tem direito àquilo, sendo que

aquilo realmente é o seu direito, não o direito da elite. Então, para mim, eu acho injusto esse ponto de vista de uma pessoa, por exemplo, retratando o Enem aqui, um concurso público. Uma pessoa que já é herdeira, uma pessoa que tem capacidade de financiar uma faculdade particular, onde ela aprenderia muito melhor, poderia até estudar fora do país se quisesse, ter uma educação top. Ela rouba a oportunidade de uma pessoa que nunca teria essa chance.”

**Aluno VI:** “Essa questão da educação, o governo meio que cria uma falsa ilusão. Quer criar uma falsa ilusão na gente, que tipo, pô, segue esse caminho aqui que você vai ter o que quer. Aí, tipo, é uma parada muito... sei lá, é muito ilógica, porque é um negócio que quando você vai ver é muito fechado. Você aprende coisa que não quer, você aprende coisa que você não vai usar. Você quer seguir uma parada de trabalho, você deseja, e às vezes não vai poder. Então, sei lá, é meio ilógico mesmo. Pelo menos é bom saber que, com o avanço da tecnologia, a gente que é mais jovem, por exemplo, está tendo uma visão mais crítica sobre essas paradas.”

**Aluno I:** “Sim, sim. E também, voltando ao centro da pergunta, a gente consegue ver, como já falaram aqui, o conceito de alienação, que todo mundo é alienado, querendo ou não, de uma certa forma. E também mostra muito o conceito de biopoder, que vocês vão estudar em filosofia, não sei se vocês já ouviram falar alguma coisa, que é sobre você ser criado, você ser... é feito para seguir um certo caminho. É um tipo de poder, você... Isso é um poder, entendeu? Você ser alienado... É, adestrado, é manipulado para acontecer de uma forma que você não percebe, entendeu? Então, tipo, bora pegar exemplos práticos também. Bora pegar um exemplo prático da Escola Cidadã Técnica Integral, que você estuda o dia todo, você tem uma jornada o dia todo. Quantas horas? Não sei quantas horas. 10 horas, né? É, 10 horas. Você tem 10 horas de aula. Durante toda a semana, você tem uma hora de almoço, uma hora e vinte, não lembro quanto era. Uma hora e vinte. Só que, se você quiser, você pode ter os clubes para passar o tempo. Um horário que você talvez poderia descansar. Tá fazendo algo, você está... Ou você está fazendo parte de algum clube de estudo, ou... Sabe, você...”

**Aluno VI:** “Eu falei mais de questão educacional no geral. Sim, porque, por exemplo, o Severino Cabral mesmo proporciona essa questão tanto de visão crítica, que a professora cobra muito isso da nossa visão crítica do mundo. Tem, pelo menos na nossa escola, ela tem esse negócio de pelo menos botar ali na nossa cabeça algo, tá ligado? Mas o problema que eu vejo é como mudar isso. Poxa, é o Enem, como que a gente vai fazer para dividir ali, para fazer uma parada que seja melhor, as divisões direitinhas dos trabalhos, o que você quer seguir, sabe?”

## APÊNDICE E - ANÁLISE DAS IMAGENS NO GRUPO FOCAL

DIA 05/06/2024

### Fotografia 1

**Aluno V:** “Vendo essa foto, uma coisa que a gente vê muito é que colocam as mulheres como capazes de fazer apenas “trabalho de mulher”. Praticamente, seria ficar na cozinha ou limpar. Também vemos muitas professoras no ensino infantil.”

**Aluno VI:** “É, tanto que a gente fala “tia da cozinha”. Não tem “tio da cozinha”.”

**Aluna IV:** “Isso é um ponto muito importante e interessante, porque na história, a gente estudou sobre os povos originários e a chegada dos europeus aqui no Brasil. Achei muito interessante uma aula em que o professor disse que as mulheres só podiam ser professoras. Ou seja, para ser professora, a mulher tinha que estudar outras coisas, mas não tinha o mesmo direito de escolha que os homens, que tinham mais liberdade. A mulher só podia ser professora ou dona de casa. Essa era a realidade. Nossa sociedade sempre foi machista, sempre dividiu os gêneros. As tarefas eram divididas por gênero, e, hoje em dia, ainda acontece, mas, com a luta das mulheres, a gente conquistou muitas coisas. No passado, isso era lei.”

**Aluna II:** “Uma coisa simples é a foto da “tia da cozinha”. Muitas vezes, a gente não dá a mínima importância. Parece só mais uma mulher na cozinha.”

**Aluno V:** “Não damos o valor que elas merecem. Virou algo cotidiano acharmos isso normal. A gente cresceu e conviveu com isso, e, apesar de ser algo errado, não nos importamos.”

**Aluna IV:** “Sem contar que hoje em dia a gente tem mais oportunidades. Mesmo ainda lutando por causas, o acesso à educação é maior. Agora fico pensando: será que as “tias da cozinha” queriam ser isso? Será que esse era o sonho delas, ser cozinheiras? Elas tinham sonhos e propósitos, mas, naquela época, o acesso à educação era mais limitado. Antes não tinha ENEM, era vestibular. No meu ponto de vista, a elite fazia as provas. E me questiono: será que essas “tias” tiveram a mesma oportunidade de quem era da elite para poder fazer um concurso público? Ou será que elas tiveram uma educação adequada? A sociologia foi implantada nas escolas há pouquíssimo tempo.”

**Aluna II:** “Também temos a questão do machismo. Na minha família, por exemplo, meus tios, os homens, sempre puderam escolher se iam para a escola ou não. Já as minhas tias, incluindo minha mãe, não podiam fazer absolutamente nada. Entra aí também essa questão do machismo. Será que antigamente as mulheres podiam fazer o que realmente queriam?”

### Fotografia 2

**Aluno I:** “Acho que essa conversa mostra como a tia da cozinha pode ter um papel mais ativo na vida dos alunos. Às vezes, a gente acha que o único trabalho delas é fazer comida, mas, na verdade, elas estão sempre observando e até dando conselhos para os alunos. Essa troca entre eles é uma coisa boa, porque mostra que a escola é um espaço de convivência para todos, e não só para quem está na sala de aula.”

**Aluno VI:** “Eu acho que mostra bem as relações sociais, porque... Uma coisa muito comum era ver a galera indo lá para a cozinha, conversar com as tias, brincar.”

**Aluna III:** “Sempre vamos conversar com a tia da cozinha, pedir um lanche a mais e nos divertimos. Isso cria um sentimento de pertencimento, sei lá, e faz com que todos se sintam parte de uma mesma vivência.”

### Fotografia 3

**Aluno I:** “Mano, essa foto aí mostra bem como no intervalo a galera se divide nos grupinhos, né? Tipo, na aula a gente tá todo mundo meio quieto, mas no intervalo cada um vai pro seu canto, com sua turma. É o momento de relaxar e trocar ideia, de boa, sem pressão.”

**Aluno VI:** “É, dá pra ver certinho os grupinhos formados. No intervalo, você percebe quem anda com quem, quem é mais próximo. A galera se junta por afinidade mesmo, tipo, quem joga bola, quem só fica de boa sentado conversando, cada um no seu rolê.”

**Aluna II:** “No intervalo, a gente se espalha. A foto mostra bem que cada um vai pro seu grupo, mas, ao mesmo tempo, tá todo mundo no mesmo espaço. E é de boa também, porque às vezes a gente troca ideia com o pessoal de outros grupinhos, rola uma interação, tá ligado?”

**Aluna III:** “Eu acho que o intervalo é quando todo mundo se sente mais livre, sem ter que seguir as regras da aula. Na foto dá pra ver como os grupinhos se formam naturalmente, tipo, cada um com sua galera, mas todo mundo meio junto. É o momento em que dá pra ser quem a gente é, sem pressão.”

### Fotografia 4

**Aluna IV:** “Então, a gente vê muito isso, né? O diretor e o coordenador tão sempre ali no meio da galera, no refeitório e tal. Eles não são só aqueles “chefe” distantes, mas tão lá, participando e conversando com a gente. Isso faz com que a gente sinta que eles realmente se importam e não tão só lá pra trabalhar. No ano passado, eu tive uma situação difícil, e eles deram muito apoio. Isso mostra que, mesmo tendo cargos específicos, eles são parte da nossa rotina e ajudam a criar um ambiente onde a gente se sente mais acolhido.”

**Aluna II:** “É, é bem isso, eles tão no meio da galera, e isso é muito legal. Eles estão sempre lá, no refeitório e em outros lugares onde a gente tá, e isso faz toda a diferença. A gente pode ver que eles não são só “chefe”, mas que eles realmente se envolvem e se preocupam com a gente. Esse tipo de proximidade ajuda a deixar a escola com uma vibe mais de família.”

**Aluno I:** “Quando os profissionais tão no meio dos alunos, tipo no refeitório, a gente vê que eles são mais acessíveis. Não é só aquela autoridade distante. Isso ajuda a mostrar que, mesmo que eles tenham um cargo importante, eles tão ali pra apoiar e ajudar. Isso cria uma conexão real com a gente e faz a escola parecer mais como uma grande família, como ela disse.”

#### Fotografia 5

**Aluno I:** “Esses momentos de conversa são muito importantes porque é onde a gente cria lembranças que vão ficar com a gente. É o tipo de coisa que faz parte do nosso dia a dia e ajuda a gente a se conectar de verdade com a galera.”

**Aluna II:** “Quando a gente fica conversando e passando tempo junto, essas memórias acabam se tornando super especiais. A relação que a gente tem no dia a dia ajuda a formar amizades verdadeiras e essas lembranças ficam com a gente por muito tempo.”

**Aluna III:** “Esses encontros e conversas são o que fazem a escola ser legal. Cada papo e risada contribuem pra criar uma história e um vínculo mais forte com a galera. Essas memórias acabam fazendo parte de quem a gente é e como a gente vê a escola.”

**Aluna IV:** “Ficar batendo papo e se encontrando é essencial porque ajuda a gente a guardar memórias boas e a fortalecer a relação com os amigos. No dia a dia, essas conexões são super importantes pra gente se sentir parte de um grupo e curtir mais a escola.”

## APÊNDICE F - PERGUNTAS PARA A PROFESSORA

Como você avalia a importância dos artefatos iconográficos no contexto do ensino de sociologia na educação básica?

De que forma você percebe que pode utilizar dessa ferramenta das fotografias no dia a dia do ensino de Sociologia?

Como você percebe que a iconografia está se tornando cada vez mais importante no cotidiano das juventudes?

De que maneira a experiência contribui para o ensino da sociologia?

De que forma você interpreta a resposta dos estudantes à utilização da fotografia como uma ferramenta de aprendizado em Sociologia?

Na sua opinião, a produção fotográfica do projeto contribuiu de alguma forma ou pode contribuir de alguma forma para a construção de uma percepção sociológica entre os alunos?

Na sua percepção como professora de sociologia, olhando para essas fotografias, qual o significado dessa produção fotográfica para a formação dos estudantes?

Faz parte das atividades propostas do componente de sociologia o uso de ferramenta artística como fotografia no processo de aprendizagem? Justifique

Você acha que a falta de atividades artísticas contribui para fortalecer uma abordagem educacional utilitarista?

Como você vê o impacto da falta de artes no cotidiano de uma escola técnica integral na forma como os estudantes percebem o propósito da educação e sua conexão com a sociedade?

## APÊNDICE G - ENTREVISTA - PROFESSORA DE SOCIOLOGIA

DIA 05.06.2024

Como você avalia a importância dos artefatos iconográficos no contexto do ensino de sociologia na educação básica?

“Eu avalio como importantíssimo e crucial, né? O visual, né, para essa juventude, né, especificamente essa juventude que consome bastante, né, as redes sociais, o cinema, dá muito valor a isso, é uma forma de aprender a concentração, a trazer eles para a perspectiva da sociologia. É como se a gente conseguisse pegar algo que é parte inerente do cotidiano deles e mostrar que a partir daí a gente consegue aprender sobre sociologia. E mostrar também... que as coisas estão para além daquilo que a gente vê, né? E a sociologia é muito isso, né? A arte da interpretação daquilo que a gente não consegue ver de primeira, né? E a fotografia é demais. A gente consegue trazer toda essa interpretação que está para além do aparente. E aí a gente colocando para eles, por exemplo, um processo de reflexão, de reflexo sobre aquilo do que eles veem, do que eles enxergam, e aquilo que eles interpretam. É um processo de construção de uma habilidade extremamente importante nas ciências humanas, que é a transformação do senso comum, o senso crítico. E é isso que a gente quer no básico da sociologia.”

De que forma você percebe que pode utilizar dessa ferramenta das fotografias no dia a dia do ensino de Sociologia?

“Então... Sobre diversos temas, por exemplo, eu posso citar um tema que a gente estuda, desigualdades sociais e estratificação social. Como é que a gente pode utilizar a fotografia, né? E utilizando algo que eles amam, o celular, né? A gente pode pedir para que eles compreendam como é a estrutura do bairro que eles vivem, né? Quais são as desigualdades sociais percebidas e possam ser capturadas pela tela deles, né? Pelo olhar deles, né? Então... Os conteúdos atrelados à perspectiva da captura de imagem, da fotografia, só fazem isso, reforçar o que nós queremos, colocar em prática aquilo que a gente consegue, que a gente tenta falar de forma teórica. Então, por exemplo, quando a gente está falando sobre desigualdades sociais, eles talvez não compreendam que o bairro onde eles moram, a desigualdade social está na frente da rua deles. Mas se a gente faz, ó, vamos ver o que significa desigualdade, né? O que é que significa estratificação social? Como é que é meu bairro? E aí sair com eles, né? Pedi para que eles fotografem locais que eles achem que não está bem, não está desenvolvido, está faltando algo do governo. Isso é uma aula muito melhor do que você pegar um texto de duas laudas e

ler com eles, né? É o ensino na prática. É a forma mais eficaz de fazer com que a juventude... capture mesmo o conteúdo.”

Como você percebe que a iconografia está se tornando cada vez mais importante no cotidiano das juventudes?

Eu acredito que, na verdade, nós atravessamos um problema com o uso do celular e com a... o culto à imagem, né? A juventude, eles têm um culto à imagem muito grande e eu acredito que eles utilizem de forma errônea a perspectiva da tecnologia, do celular, da fotografia e tal. Mas qual é a nossa função enquanto professor? A nossa função é justamente isso, é tentar ampliar os horizontes e as perspectivas, né? Então, ao passo, por exemplo, que... Por exemplo, eu estou trabalhando sobre... Eu já trabalhei... Numa das minhas disciplinas, nas minhas aulas, eu já trabalhei sobre identidade. E eu usei o celular para que as meninas fotografassem como se via. Se fotografassem. Eu quero que uma fotografe a outra. e que uma descreva como a outra é. E depois você fala como você se vê, né? Eu tive muitas surpresas, né? Talvez não assim porque a gente já sabe que os jovens têm uma baixa autoestima, assim, péssima, né? E a partir daí a gente tirou um trabalho de reconstrução da identidade das meninas. Meninas com cabelos cacheados, com cabelos afros, né? A ideia de beleza, tudo isso. a gente conseguiu trabalhar utilizando a imagem, fotografando-as para que elas se vissem. Então, eu acredito que a gente pode utilizar. Eles têm o consumido, mas eu acredito que seja de forma errônea. A função não só da sociologia, mas muito da sociologia, é tentar ampliar essa forma de perceber a utilização das imagens, da questão iconográfica. Por exemplo, eu não sei se isso entra nessa perspectiva, mas... Eu trabalho muito cinema brasileiro, muito. Trabalho muita produção independente, muita produção de curtas-metragens, né? A produção de cinema brasileiro, pra que eles se reconheçam, né? Porque eu lembro de um trabalho que vocês trouxeram, no Projeto de Extensão que eles reconhecem personagens do mundo inteiro. Mas se a gente for colocar a galera daqui eles não sabem, né? Então, assim... Ah! Isso não é por culpa deles, isso é por culpa do acesso, do pouco acesso que eles têm. A gente liga uma rádio e nós não temos o registro de nossa identidade, nossa cultura. A gente vai para o Instagram, o que se vende é uma beleza que não é nossa. Então, assim, é função nossa tentar colocar isso como uma semente para que eles consigam ampliar a forma de ver as coisas.

De que maneira a experiência contribui para o ensino da sociologia?

“Olha, falando da sua oficina. Então, eles adoraram. E você foi uma das primeiras que fez isso com eles. De dar a possibilidade de dar rede a eles. “Agora são vocês.” “Vocês precisam... fotografar as coisas da forma como vocês veem, enxergam.” Então, eu achei fantástico, né? Fantástico essa proposta metodológica de acreditar que os jovens também tenham capacidade de compreender o mundo e de explicar o mundo. Entendeu? Porque a gente fica muito naquela coisa, né? Isso é muito da docência também. De achar que nós temos maior conhecimento. Sobre algumas coisas nós podemos ter, né? Mas essa proposta nova, metodológica, de dizer, “ó, o caminho é esse.” Ao invés de dizer, é isso que vocês precisam fazer, “ó, só vai por aqui e vocês caminham.” É uma forma fantástica. E dá essa perspectiva. Fotografem como é que vocês veem os espaços sociais da escola. É uma forma de fazer com que eles expressem a forma como eles enxergam. E isso é importante. Porque, na verdade, tem que partir daí a nossa intervenção. Como é que eles enxergam? E a partir do momento em que eles enxergam, a gente consegue atribuir outros significados.”

De que forma você interpreta a resposta dos estudantes à utilização da fotografia como uma ferramenta de aprendizado em Sociologia?

Quando eu fui ver as fotos, o que eles quiseram mostrar, na verdade, era que a escola estava acabada. E ela realmente estava. É como se eles dissessem assim, a nossa escola está morta. É uma escola sem estrutura, é uma escola que são espaços que não tem vida como jovem, como precisa ter um jovem. E eu acho que, na verdade, eu fiquei feliz, fiquei satisfeita, porque o que a gente ensina é justamente isso, é ver as coisas de forma crítica. Então, ver a realidade. Nós queremos jovens que se rebelem. Nós queremos jovens que não se acostumem ou recebam pouco, e acho que é isso. Nós não queremos jovens que comemorem o fato de não ter aula. Nós não queremos jovens que comemoram o fato de não ter infraestrutura. Nós queremos o contrário. E eu acho que é isso. Essa visão deles é importante.

Na sua opinião, a produção fotográfica do projeto contribuiu de alguma forma ou pode contribuir de alguma forma para a construção de uma percepção sociológica entre os alunos?

“Claro, sem dúvida, sem dúvida. Antes de você vir com esse material, né, com essa proposta de oficina, eu trouxe para ele Sebastião Salgado, né, eles não conheciam, não conheciam e eles não conseguiam enxergar, né, a riqueza que era tudo aquelas fotos, né, então

a gente foi... pensar, essa foto foi aonde? Foi do MST? O movimento social? Qual a importância? E tal, tal, tal. E depois disso, né? Eles fazerem a produção, né? Ao modo deles. Do Sebastião, de fotografar o que eles acham crítico, né? Eu acho que foi importantíssimo. É isso que eu disse, né? É como se a gente estivesse colocando em prática aquilo que a gente sempre fala na teoria. Depois disso, ao darem início à sua própria produção fotográfica, se baseando em suas percepções críticas e em como eles veem o mundo ao seu redor, os alunos podem aplicar na prática o que se discute teoricamente. Essa atividade é fundamental porque permite que os alunos não só compreendam a teoria sociológica de uma maneira mais concreta, mas também a colocassem em prática. Assim, a produção fotográfica contribui significativamente para a construção de uma percepção sociológica, tornando a teoria mais acessível e relevante para eles.”

Na sua percepção como professora de sociologia, olhando para essas fotografias, qual o significado dessa produção fotográfica para a formação dos estudantes?

“É que com todas as questões, todos os problemas, a escola ainda é um espaço em que eles amam estar. Eles falam muito dessa daqui, do refeitório, chega a ter uma nostalgia, porque agora tá em reforma. Mas quem mantém a escola viva são eles, né? Quem mantém a escola com movimento, com sentido, são os estudantes. Eu acho que é isso que eu consigo enxergar.”

Faz parte das atividades propostas do componente de sociologia o uso de ferramenta artística como fotografia no processo de aprendizagem? Justifique.

A gente burla a perspectiva do ensino técnico, né? E assim, nós da Sociologia sempre tivemos pouca carga horária, né? É bem difícil a gente conseguir trabalhar uma perspectiva mais aprofundada e tal. Mas a gente tenta alterar alguns processos para conseguir. da qualidade de ensino para os estudantes da escola pública. E com relação à arte, nós, do Severino Cabral, esse ano, infelizmente, nós só estamos com a construção de uma peça, que é a Acorda Severino, que é uma montagem... de um material bem antigo, que é Acorda Raimundo, na verdade. É porque a gente colocou Acorda Severino em homenagem à escola. Nós estamos com o projeto de Celso Furtado, que o coordenador, junto com os professores de humanas, estão, especialmente a professora Érika e tal. Na minha aula, com as estruturas que eu tenho hoje, o que eu tenho feito é utilizado a arte sob o ponto de vista do cinema. Cinema, poesia, música, certo? Eu uso bastante com eles isso aí. A gente sempre mescla, né? Uma aula de teoria, pronto.

Essa semana passada eu batei aquele brasileiro, “Quanto Vale Ou É Por Quilo”, né? Para falar sobre estratificação social. No geral da escola, o que nós fazemos, né? A gente tem um festival de artes, né? Que agrega as nossas disciplinas a... A arte, a produção de música, de teatro, de tudo que eles quiserem, a gente dá liberdade para que eles criem. No ano passado, eu fiz uma oficina de Terapia Ocupacional, com os meninos do primeiro ano A, que foi o meu projeto de Mestre da Educação, porque eu tinha espaço. Aqui, onde estamos temporariamente a gente não tem. A gente tinha quadra, a gente tinha como fazer os exercícios de alongamento, de interação e tal. E assim, para mim, para fechar, a arte é indispensável para o ensino da sociologia, sobre todo ponto de vista, porque ela é que dá sentido ao que nós falamos, ela é que dá sentido ao que nós precisamos repassar para eles. Então, fazer uso de tudo que traz... reconhecimento de mundo, tudo que traz a realidade deles, escutar uma música de Racionais, de trazer um curta-metragem falando sobre racismo estrutural, tudo isso agrega muito e tira a perspectiva tradicional de educação. A gente não quer só leitura, né? Como diz a música de Titãs, a gente quer muito mais do que isso, a gente quer arte e tal, e é só assim, é para dar sentido às coisas. A gente dá aula utilizando a arte para dar sentido à vida.

## APÊNDICE H - ANÁLISE DAS IMAGENS: PROFESSORA

Imagem 1 “A gente pode analisar como as questões de gênero estão presentes nas profissões né, aqui mostra o dia a dia dessas mulheres”

Imagem 2 “Os alunos têm um carinho enorme por essas “tias da cozinha”. Eles sempre querem saber o que vai ter de comida e têm um apego especial por elas. É como se fosse um momento que eles realmente valorizam. É um horário em que eles saem da rotina das aulas e podem interagir com pessoas que fazem parte do seu dia a dia de uma forma mais descontraída.”

Imagem 3 “Essa foto dos alunos na fila do lanche captura um momento típico de descontração e socialização. É o intervalo, o momento do dia em que eles estão livres das paredes da sala de aula. Eles conversam, brincam e se conectam com os colegas. O refeitório é como um local onde eles podem ser eles mesmos, sem a formalidade das aulas, e isso é algo que eles realmente apreciam.”

Imagem 4: “Essa imagem dos profissionais da escola conversando no refeitório mostra um espaço onde acontece muita coisa. É um lugar simples, mas cheio de vida, onde os alunos e os funcionários se encontram e interagem. É um espaço onde os alunos sentem que podem relaxar e onde a presença dos adultos é vista com carinho. É onde eles se sentem confortáveis, e o apego que têm por esses profissionais fica claro aqui.”

Imagem 5: “Essa foto dos alunos com os bancos de pneus é bem legal porque mostra um espaço onde eles podem ser livres. É um ambiente simples, mas é o lugar onde eles se encontram para relaxar e estar juntos sem a presença constante dos adultos. É o espaço deles, onde eles podem rir, conversar e ser quem realmente são. Mostra como esses lugares informais são importantes para o bem-estar deles e para as relações que formam na escola.”

## APÊNDICE I - ENTREVISTA – COORDENADOR PEDAGÓGICO

VIA WHATSAPP

DIA 12.09.2024

Bom dia, Vivian. Meu nome é V, sou coordenador pedagógico da ECIT Severino Cabral e estou aqui para responder a algumas perguntas. Então vamos lá. Primeiro ponto: sobre a história da escola, a sua evolução e a identidade atual. A Escola Severino Cabral é da década de 1980, da primeira metade, se não me falha a memória, foi fundada em 1983. Começou como uma escola de ensino fundamental e, aos poucos, foi evoluindo para ter também o ensino médio. Eventualmente, o ensino fundamental seria encerrado em 2012 devido à chegada do programa Ensino Médio Inovador, ficando apenas como escola de ensino médio. Esse formato incluía o ensino noturno também.

Em 2017, com o fim do Ensino Médio Inovador (que já vinha sendo encerrado desde 2016), o ensino noturno continuava existindo. No entanto, em 2017, chegou a Escola Cidadã Integral, que é uma parceria público-privada, e o ensino noturno foi encerrado em 2018. Assim, 2017 foi o último ano com aulas noturnas, e a partir de 2018, a escola ficou apenas com turmas de ensino médio em tempo integral, no modelo de Escola Cidadã Integral. Entre 2017 e 2021, a escola funcionou como Escola Cidadã Integral e, em 2022, passou a ser também uma Escola Cidadã Integral e Técnica. Além disso, retomamos, em 2023, o ensino fundamental, com os anos finais do Fundamental 2, ou seja, o oitavo e o nono ano. Atualmente, contamos com aulas de ensino integral técnico, com cursos de Contabilidade (primeiro curso técnico aberto) e Gastronomia, que, apesar de estar oficialmente no currículo, ainda está sem professor até o momento por estar em processo de inclusão. Não temos aulas noturnas nem EJA desde 2018.

Sobre o desenvolvimento da escola ainda nesse grande tópico: Eu estou entendendo esse desenvolvimento em termos até de resultados. A escola tem uma história de sempre, vou colocar nesses termos, já na década de 80, figurar entre os melhores resultados da cidade entre as escolas públicas. E aí, até com prêmios internacionais também, prêmio de gestão, enfim, passou por uma série de processos. Nos últimos anos, justamente de 2017 para cá, a escola também tem apresentado resultados. Com a chegada dos programas de educação integral, começando lá no Ensino Médio Inovador, em 2011 e 2012, de 2012 a 2015, e aí depois, em 2017, com a escola estadual integral, entra ano, sai ano, tem alguns bons resultados. Então, por exemplo, só nesses últimos anos de escola estadual integral, teve ano de a escola ter a maior média no Enem da terceira regional das escolas públicas, de ter o quarto melhor resultado de Enem da Paraíba (sempre de escolas públicas), e ter o melhor resultado de redação da terceira região.

Ano passado, acho que nós tivemos a maior média histórica de redação da escola, com os estudantes ficando com média acima de 800; a turma inteira ficou com a média acima de 800, inclusive com uma estudante fazendo 980 pontos. Enfim, hoje nós temos o maior IDEB das escolas públicas da cidade e, se não me engano, em quarto da Paraíba... não sei exatamente, mas é por aí. Então, tem bons resultados. A escola já venceu alguns editais. Por exemplo, esse ano teve um edital que foi vencido, que eu participo também, um edital que era do desafio Celso Furtado, e agora é programa. A escola tem uma tradição de teatro escolar que remonta à década de 90. Nós já tivemos 18 edições do Sarau Literário. Depois, nos últimos anos, nós temos tido o Festival de Arte. Claro, vieram as dificuldades da pandemia, tudo mais. Algumas coisas se encerraram e foram retomadas. Mas esse ano nós devemos ter novamente um festival de arte mais modesto, mas já vamos ter. Esses festivais, esses saraus literários, tinham produção especialmente de teatro escolar, com apresentação nos teatros da cidade. Então, por muitos anos, ficou no teatro municipal. Ano passado foi para o Cine São José. Esse ano a gente ainda não... não definiu exatamente. Enfim, tem algumas dificuldades específicas por conta da situação em que a gente se encontra. Nosso prédio foi demolido e nós estamos emprestados aqui no Edvaldo do Ó. Foram cedidas três salas, nós temos nove turmas, e as nove turmas foram espremidas em seis turmas. Aí vem três turmas de manhã e três turmas à tarde. Não temos laboratório, não temos nada, porque estamos dividindo espaço literalmente com outra escola. Enfim, infelizmente é essa a situação em que a gente se encontra. Então, tem sido um ano bastante difícil. Bastante difícil. Enfim, espero que tenha conseguido responder a pergunta.

Ainda sobre essas questões de identidade, para além do trabalho com teatro e arte, que sempre foram muito fortes aqui, a escola se destaca bastante por uma boa participação histórica em organizações estudantis e agremiação estudantil, como o então chamado Parlamento Juvenil Severino Cabral, e nas lutas comunitárias por melhorias, pelo envolvimento de pais e comunidades em prol da melhoria da escola, tá certo? Então, isso meio que faz parte da nossa identidade, da nossa cultura. É algo realmente bastante presente. Eventualmente, isso culmina em “irritar” – vou colocar nesse termo – o poder público, né? Historicamente, o nosso prédio, que foi demolido, tinha problemas estruturais muito sérios que se arrastavam por décadas. Problemas de infiltração, uma rede elétrica que não sustentava os ar-condicionado e o equipamento utilizado nas salas, e, principalmente, o esgoto que, em tempo de chuva, invadia a escola, chegando a invadir a sala de aula. O esgoto desses canais aqui de Bodocongó invadia a escola. Então, era uma situação muito, muito, muito séria.

Além disso, a escola, que é da década de 80, só foi ter uma quadra em 2018. Antes disso, existia um tablado lá no sol, onde se fazia educação física. Era uma situação realmente

complicada. Já teve época em que não tínhamos telhado no pátio onde os estudantes lanchavam e almoçavam. Eles faziam fila no sol para depois entrar na sala. Então, sempre foi uma escola que, apesar dos bons resultados, a situação do prédio sempre atrapalhou bastante. Isso só demonstra que uma boa escola se faz com pessoas e não com prédio, mas, mesmo assim, a situação do prédio sempre foi muito complicada.

Enfim, depois de uma série de protestos em 2022, de muita luta e mobilização pública, especialmente dos estudantes, mas também envolvendo pais e professores, foi feita uma licitação para demolir o prédio e reconstruí-lo. Isso está acontecendo, e provavelmente em 2026 estaremos de volta ao nosso prédio novo, com toda a estrutura que a escola sempre mereceu – e, na verdade, que toda escola merece. Esses problemas sempre mantiveram uma necessidade de luta muito grande entre os estudantes. E, claro, temos alguns projetos pedagógicos voltados para política e participação estudantil, especialmente na época do Ensino Médio Inovador, entre 2012 e 2015, que criaram essa cultura de política de participação. Hoje, a escola conta com um Conselho Escolar recém-eleito e fortalecido, além do Conselho de Líderes, que faz parte do projeto pedagógico das escolas cidadãs integrais. Contamos também com a agremiação estudantil, recém-formada, que já tem agido para ajudar a resolver alguns problemas.

Então, isso é muito parte da nossa identidade. Se você me perguntar, resumidamente, dois pontos centrais de identidade, eu diria que o Severino Cabral é marcado pela participação estudantil e pela questão da arte, especialmente o teatro. Essas são as características mais visíveis. E sobre a comunidade, sobre o contexto social da escola: o Severino Cabral fica no Conjunto Cabral. O Conjunto Cabral está localizado no bairro homônimo e é parte do bairro de Bodocongó, de uma área com uma classe média consumidora. A maioria dos nossos alunos, nós fazemos essa pesquisa no início do ano, a maior parte deles, historicamente, é da chamada classe C e D, eventualmente com alguns estudantes da classe E. Isso é mais raro, mas também temos estudantes em situação de insegurança alimentar, extremamente pobres, enfim, eles também fazem parte da nossa comunidade. Mas, a maior parte está mesmo entre a classe C e D, tá certo? Então, fazendo aí essa classificação de A à E, beleza?

## **APÊNDICE J - TCL PROFESSORA E COORDENADOR PEDAGÓGICO**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**

Prezado, o senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: “RETRATOS DAS JUVENTUDES? A Fotografia no Ensino de Sociologia do Ensino Básico na ECIT Severino Cabral e a experiência do Projeto de Extensão Juventudes em Debate em Campina Grande – PB”, sob a responsabilidade de: Vívian Maria Bezerra Cordeiro e da orientadora Jussara Natália Moreira Belens de Melo, de forma totalmente voluntária. Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar os sentidos e significados atribuídos pelos estudantes da educação básica ao uso da fotografia na construção de uma “imaginação sociológica”. Nos utilizaremos de entrevistas com estudantes do primeiro e segundo ano do ensino médio, que vivenciaram as atividades de fotografia elaborada por Vívian Maria Bezerra Cordeiro no Projeto de Extensão Juventudes em Debate da professora Jussara Natália Moreira Belens de Melo. A Professora de Sociologia da Escola Campo também será ouvida nesta pesquisa garantindo seu espaço de reflexão sobre a contribuição de tal atividade para o ensino de Sociologia na educação básica.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. O voluntário poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo.

O participante terá assistência e acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa de acordo com Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto e será garantida a privacidade dos participantes, antes, durante e após a finalização do estudo. Será garantido que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas. (Res. 466/2012, IV. 3. g. e. h.).

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com Vívian Maria Bezerra Cordeiro, através dos telefones (83) 9 9639-8734 ou através dos e-mails: vivian.cordeiro@aluno.uepb.edu.br, ou do endereço: Rua Prefeito Inácio Claudino, 42, Centro Soledade - PB. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, Telefone (83) 3315 3373, e-mail: cep@setor.uepb.edu.br e da CONEP.

#### CONSENTIMENTO

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa **RETRATOS DAS JUVENTUDES? A Fotografia no Ensino de Sociologia do Ensino Básico na ECIT Severino Cabral e a experiência do Projeto de Extensão Juventudes em Debate em Campina Grande – PB**”, e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu \_\_\_\_\_ autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Campina Grande, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do Participante

---

Assinatura do Pesquisador

**APÊNDICE K - TCL ESTUDANTES****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE**

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, \_\_\_\_\_, em pleno exercício dos meus direitos autorizo a participação de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ anos na Pesquisa “RETRATOS DAS JUVENTUDES? A Fotografia no Ensino de Sociologia do Ensino Básico na ECIT Severino Cabral e a experiência do Projeto de Extensão Juventudes em Debate em Campina Grande – PB”.

Declaro ser esclarecido e estar de acordo com os seguintes pontos:

O trabalho RETRATOS DAS JUVENTUDES? A Fotografia no Ensino de Sociologia do Ensino Básico na ECIT Severino Cabral e a experiência do Projeto de Extensão Juventudes em Debate em Campina Grande – PB terá como objetivo geral investigar os sentidos e significados atribuídos pelos estudantes da educação básica ao uso da fotografia na construção de uma “imaginação sociológica”

Ao responsável legal pelo (a) menor de idade ou legalmente incapaz só caberá à autorização para que a discussão seja gravada e em seguida serão transcritas e estudadas, Não havendo nenhum risco para os participantes, tendo em vista que não identificaremos os nomes das/os jovens entrevistados, mantendo em anonimato suas identidades conforme a Resolução do nº 466 e 2012 CNS/MS.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

O Responsável legal do menor ou legalmente incapaz, participante da pesquisa poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.

Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com VÍVIAN MARIA BEZERRA CORDEIRO, através do telefone (83) 9 96398734 ou através do e-mail: vivian.cordeiro@aluno.uepb.edu.br. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, Telefone (83) 3315 3373, e-mail: cep@setor.uepb.edu.br.

Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.

Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

**APÊNDICE L - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL (TAI)****TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL (TAI)**

Escola Cidadã Integral e Técnica Severino Cabral

CNPJ:

Endereço: Rua Compositor Noel Rosa - Bodocongó, Campina Grande - PB

Estamos cientes da intenção e autorizamos a realização do projeto intitulado “RETRATOS DAS JUVENTUDES? A Fotografia no Ensino de Sociologia do Ensino Básico na ECIT Severino Cabral e a experiência do Projeto de Extensão Juventudes em Debate em Campina Grande – PB” desenvolvido pela aluna Vívian Maria Bezerra Cordeiro do Curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da professora Jussara Natália Moreira Belens de Melo.

Campina Grande – PB, 11/02/2024

---

Nome e Assinatura do responsável da Instituição.